

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPEG**  
**Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS**  
**Campus Avançado de Assú**

**MARGARENE ARAÚJO DA SILVA**

**A MÚSICA NEGRA DE PERIFERIA EM AULA DA EJA – LINGUAGEM  
EMERGENTE E REPRESENTATIVIDADE CULTURAL**

**ASSÚ/RN**

**2023**

**MARGARENE ARAÚJO DA SILVA**

**A MÚSICA NEGRA DE PERIFERIA EM AULA DA EJA – LINGUAGEM  
EMERGENTE E REPRESENTATIVIDADE CULTURAL**

Dissertação para qualificação ao Curso de Mestrado Profissional em Letras, oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Assú, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Francisco Canindé da Silva

**Assú/RN**

**2023**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

### **Catálogo da Publicação na Fonte.**

#### **Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

A663m Araújo da Silva, Margarene  
Música Negra de periferia em aula da EJA:  
Linguagem emergente e representatividade cultural. /  
Margarene Araújo da Silva. - UERN - ASSU, 2023.  
133p.

Orientador(a): Prof. Dr. Francisco Canindé da Silva.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado  
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio  
Grande do Norte.

1. Programa de Mestrado Profissional em Letras. I.  
Canindé da Silva, Francisco. II. Universidade do Estado  
do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN

## MARGARENE ARAÚJO DA SILVA

### A MÚSICA NEGRA DE PERIFERIA EM AULA DA EJA – LINGUAGEM EMERGENTE E REPRESENTATIVIDADE CULTURAL

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Francisco Canindé da Silva/UERN Orientador

---

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes/UERN – Examinador Interno

---

Profa. Dra. Divoene Pereira Cruz/UFERSA – Examinadora externa

---

Profa. Dra. Carla Daniele Saraiva Bertuleza/UERN Suplente

---

Profa. Dr. Victor Rafael do Nascimento Mendes/SEECD/RN

Dedico esta Dissertação a minha mãe Maria Margarida Gomes de Araújo, que com muito sacrifício e honra me inspira e acolhe todos os dias da minha existência.

## **AGRADECIMENTOS**

À CAPES: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Avançado de Assú, pelo acolhimento, compreensão e suporte durante o período de estudos.

Ao Professor Dr. Francisco Canindé da Silva, por ter abraçado meu projeto de pesquisa com tanto carinho, respeito e incentivo, mostrando que é possível trazer a linguagem da minha comunidade para o ambiente acadêmico, legitimando a cultura das pessoas da comunidade, não só de Fortaleza/Ceará, mas de todo o Brasil. Agradeço pela paciência, carinho, musicalidade e leveza nas aulas. Uma sensibilidade que nos faz sentir abraçados mesmo que à distância.

À professora Doutora Guianezza Mecherichia de Góis Saraiva, que nos momentos de aflição e insegurança soube valorizar cada esforço. Soube incluir e valorizar nossas vivências em sala de aula, em todas as atividades e nos mostrou que é possível, nos fazendo sentir gente, especial. Soube também compreender e perceber que mesmo aqueles mais assoberbados com o trabalho intenso na escola e com dificuldades de produzir, tinham a possibilidade de produzir e contribuir para uma educação pública de qualidade.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras de Assú. Essa conquista não seria possível se não fosse pela paciência, empatia, compreensão e dedicação de cada docente.

À Maralisa Medeiros Freire, exemplo de eficiência, compreensão e carinho no trato com os alunos da turma sete, sempre nos ajudando a trilhar o caminho das pedras.

Aos meus pais, Manoel Mosar da Silva e Maria Margarida Gomes de Araújo por acreditarem no meu potencial.

Ao Luiz Eduardo Leite, meu companheiro que me apoia e ajuda nos momentos de angústia.

À professora Mestra Marismar Castro, que incentivou minha inscrição na seleção tendo me apoiado sempre com bom humor e leveza nos momentos em que achei que não conseguiria.

À gestão da Escola Municipal Professora Lirêda Facó, pela compreensão incentivadora, proteção e apoio.

À Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, pela possibilidade de afastamento das atividades escolares, às quintas e sextas, a fim de cursar as disciplinas do mestrado.

Por fim, agradeço a Deusa que rege meus caminhos e as entidades trabalhadoras do encanto que me guardam e protegem.

*Há um despacho na esquina do futuro com oferendas carimbadas todo dia. Eu vou chegar, pedir, agradecer, pois a vitória de um homem, às vezes, se esconde num gesto forte que só ele pode ver.*

*Marcelo Yuka*

## RESUMO

Um dos desafios colocados ao trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) refere-se às atividades de leitura e interpretação textual. Dessa forma, esse trabalho traz como foco, o desenvolvimento em sala de aula da música negra de periferia, com uma linguagem emergente e a representatividade cultural de um povo que sofre preconceitos, no que diz respeito a questões socioculturais. Sabe-se que, o trabalho com músicas, enquanto gênero textual em aulas de leitura e interpretação textual, apresenta-se como possibilidade didático-metodológica possível no contexto do reconhecimento e valorização dos saberes de pessoas jovens, adultas e idosas pretas, residentes nas periferias. Nesse sentido, foram estabelecidos os seguintes objetivos: (a) *Compreender como a música negra de periferia pode contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da língua portuguesa dos estudantes da EJA;* (b) *Mapear o universo musical dos estudantes da EJA, reconhecendo linguagens, tendências, relações étnico-raciais e os lugares de consumo;* (c) *Analisar como o gênero da linguagem musical produzido por pessoas negras, moradoras da periferia, colaboram com sua representatividade e valorização sociocultural;* (d) *Elaborar, a partir das oficinas pedagógicas, podcasts com a produção de gênero textual música, legitimando práticas culturais dos estudantes da EJA.* Metodologicamente, utilizou-se da pesquisa bibliográfica; rodas de conversas, para identificar os usos da música preta na periferia, por alunos da EJA. Em seguida foram realizadas oficinas pedagógicas, cujo objetivo é favorecer a leitura e interpretação dos textos musicais de forma minuciosa e em profundidade, para que os estudantes reflitam, a partir do texto sua realidade social. Ainda como procedimento metodológico qualitativo, foram produzidos roteiros de *podcasts* como produto final do processo de pesquisa. Deste modo, alcançamos a periferia trabalhando a autoestima, elevando e valorizando culturalmente o que os estudantes são, vivem e praticam, sem negar suas origens étnicas e ancestralidades.

**Palavras-chave:** EJA; Língua Portuguesa; Música preta; *Podcast*.

## ABSTRACT

*One of the challenges faced in Youth and Adult Education (YAE) refers to reading and textual interpretation activities. In this way, this work focuses on the development of black music from the periphery in the classroom, with an emerging language and the cultural representativeness of a people who suffer from prejudice regarding sociocultural issues. It is known that working with music as a textual genre in reading and textual interpretation classes presents itself as a possible didactic-methodological possibility in the context of recognizing and valuing the knowledge of young, adult and elderly black people living in the peripheries. In this sense, the following objectives were established: (a) Understanding how black music from the periphery can contribute to the learning and development of the Portuguese language by YAE students; (b) Mapping the musical universe of YAE students, recognizing languages, trends, ethnic-racial relations and places of consumption; (c) Analyzing how the musical language genre produced by black people who live in the periphery collaborate with their representation and sociocultural appreciation; (d) Making podcasts with the production of the textual genre music, legitimizing cultural practices of YAE students based on the pedagogical workshops. Methodologically, we used bibliographical research and conversation circles to identify the uses of black music in the periphery by YAE students. Then, pedagogical workshops were held, whose objective is to favor the reading and interpretation of the musical texts in a meticulous and in-depth way, so that the students are able to reflect about their social reality based on the text. Scripts for podcasts were produced as a final product of the research process as a qualitative methodological procedure. In this way, we have reached the periphery by working on the students' self-esteem, raising and culturally valuing what students are, live and practice, without denying their ethnic origins and ancestry.*

**Key-words:** YAE; Portuguese Language; Black Music; Podcast.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	
<b>ABSTRACT</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>10</b>
<b>01 CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS ASSUMIDOS NA PESQUISA</b>	<b>14</b>
1.1 Implicações da pesquisadora com o objeto de estudo.....	14
1.2 Abordagem qualitativa da pesquisa.....	19
1.3 Contextos da pesquisa: espaço e sujeitos .....	25
1.4 Oficinas pedagógicas enquanto recurso mediador de aprendizagens .....	29
1.5 <i>Podcast</i> como ferramenta de apoio nas oficinas pedagógicas	34
<b>02 CAPÍTULO II – LINGUAGEM EMERGENTE DA PERIFERIA: MÚSICAS PARA ESCUTAR, LER E RECONHECER A IDENTIDADE DO POVO PRETO</b>	<b>40</b>
2.1 O Gênero Letra de Música: leitura e interpretação .....	41
2.2 Música preta da periferia: linguagem marginal e reconhecimento cultural....	47
2.3 Os compositores pretos que fazem da sala de aula um levante político e cultural.....	54
<b>03 CAPÍTULO III – MÚSICA PRETA NA EJA: O ENSINO PAUTADO NO GÊNERO LETRA DE MÚSICA</b>	
3.1 Motivações para o trabalho com o gênero textual Música envolvendo compositores pretos	65
3.2 Sistematização do gênero letra de música e análise de resultados	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES</b>	
<b>ANEXOS</b>	

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quem melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora?  
(Paulo Freire)

Um dos desafios colocados ao trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) refere-se às atividades de leitura e interpretação textual. Com a experiência docente em sala de aula, com esta modalidade de ensino, considera-se relevante selecionar textos para o trabalho com esse público específico, para além dos materiais didáticos disponibilizados pela escola, visto que nem sempre abrangem e valorizam as vivências dos estudantes, especificamente quando este grupo está geográfica, política e culturalmente localizado nas periferias das cidades, em sua maioria pessoas pretas, que ocupam, não por escolha e sim por questões sociais e históricas, um lugar de invisibilidade, considerando as situações sociais desigualdades a que são submetidos.

Para esse contexto de exclusão social (que é necessariamente político), trabalhar saberes e práticas locais constitui um caminho possível de reconhecimento, valorização e possibilidade de superação das situações de opressão geradas pela exclusão.

O trabalho com músicas (letras, ritmos, coreografia, estilo), enquanto gênero textual em aulas de leitura e interpretação textual, apresenta-se como possibilidade didático-metodológica possível no contexto do reconhecimento e valorização dos saberes destas pessoas jovens, adultas e idosas pretas, residentes nas periferias.

Realizar um trabalho de pesquisa na área de Linguagem, a partir do componente curricular Língua Portuguesa, considerando a *música preta* enquanto gênero textual disparador de reflexões étnicas, políticas, culturais e educativas se constitui parte da problemática que impulsionou a pesquisa, acompanhado da reflexão feita em torno de resultados apresentados por estudantes da EJA com gêneros textuais definidos *a priori* nos livros didáticos deste componente curricular.

Outra motivação que impulsionou o desenvolvimento da pesquisa, a partir desse gênero textual, é a de que os alunos da EJA já conhecem a maioria daquelas canções e muitos ainda não tinham parado para interpretá-las. São cantadas, mas ainda sem uma reflexão profunda em que fosse possível perceber que as diferenças são tratadas como desigualdades sociais, que o julgamento emitido na maioria das

vezes às práticas de negritude (boas ou más) é feito pelo olhar do branco e sua concepção de branquitude, eurocêntrica e colonizadora.

As reflexões realizadas em torno desse gênero, possibilitou que esses estudantes, marginalizados por diversas maneiras, começassem a romper com essa realidade opressora e aprendessem a reconhecer outros *espaçostempos*, além da periferia, como espaço legítimo de ação – na política, por exemplo. Mas, que acima de tudo aprendam a fazer da periferia um lugar de justiça social, retirando a vil compreensão que é um lugar marginal e de marginalizados.

A prática docente tem revelado que a maioria dos estudantes da EJA considera que ler é algo chato e reclamam bastante da quantidade de textos que o livro didático traz para que os exercícios sejam respondidos, e na grande maioria das vezes não se mostram satisfeitos quando é solicitado que leiam, principalmente, se a leitura for em voz alta. Com a música, acredita-se que o objetivo de ler e de interpretar textos seja, sem ou com menos restrições, alcançado com mais sucesso, pois a música e a musicalidade transcendem as barreiras cognitivistas impostas com essa prática de ensino, aproximando os estudantes do texto.

Com base nessa reflexão inicial da prática docente no ensino de Língua Portuguesa na EJA e o reconhecimento da música preta como gênero textual possível de melhorar a prática de leitura e interpretação de textos, emerge a questão desta pesquisa: Como a *música preta de periferia* pode contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da Língua Portuguesa dos estudantes de EJA?

Nesse sentido, foram estabelecidos os seguintes objetivos: (a) Compreender como a música negra de periferia pode contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da língua portuguesa dos estudantes da EJA; (b) Mapear o universo musical dos estudantes da EJA, reconhecendo linguagens, tendências, relações étnico-raciais e os lugares de consumo; (c) Analisar como o gênero da linguagem musical produzido por pessoas negras, moradores da periferia, colaboram com sua representatividade e valorização sociocultural; (d) Elaborar, a partir das oficinas pedagógicas, podcasts com a produção de gênero textual música, legitimando práticas culturais dos estudantes da EJA.

Para atingir os objetivos propostos, e considerando a complexidade e heterogeneidade da temática, o estudo exigiu uma concepção teórico-metodológica

interdisciplinar, cuja abordagem é qualitativa, a fim de atender as expectativas do contexto escolar da EJA.

Enquanto procedimentos de pesquisa foram utilizados inicialmente as rodas de conversas para identificar os usos da música preta na periferia, por alunos da EJA. Em seguida foram realizadas oficinas pedagógicas, cujo objetivo favoreceu a leitura e interpretação dos textos musicais de forma minuciosa e em profundidade, para que os estudantes pudessem refletir a partir do texto sua realidade social. Ainda como procedimento metodológico qualitativo, foram produzidos roteiros de *podcasts*, como produto final do processo de pesquisa.

Para pensar as questões relacionadas a musicalidade, a oralidade e a repercussão desse gênero em sala de aula, fez-se necessário refletir sobre conceitos que ajudassem a entender o contexto histórico e social. Desse modo, Bagno (1999) e Nascimento (2019) foram alguns dos autores representativos nesse estudo, ajudando a compreender que a linguagem sempre encontra maneiras de se efetivar por meio de sua variedade, embora a gramaticalização da língua considere que na maioria das vezes, essas linguagens são erradas ou de menor valor.

A formação linguística de uma parcela considerável dos estudantes da EJA foi e tem sido permeada por uma perspectiva normativa e acrítica do ensino da gramática, que de acordo com Neves (2020) tem o objetivo de cristalizar o ensino de língua materna, limitando-se ao aspecto escrito e normativo da língua.

Nesse contexto, é sabido que a leitura está presente em todas as disciplinas escolares, não só nas aulas de Português. No entanto, em função desses pressupostos os estudantes acabam fazendo a leitura, quando fazem, apenas por mera obrigação, porém não a fazem de forma proficiente e prazerosa.

Assim, a proposição da pesquisa, visou oportunizar por meio das oficinas pedagógicas de leitura e escrita e o trabalho com roteiro de *podcasts*, possibilidades de interação entre o gênero textual *música preta* e a realidade social que os estudantes de EJA da periferia estão imersos.

A pesquisa pretende alcançar a periferia com uma mensagem de autoestima elevada e de valorização cultural, a partir daquilo que os estudantes são, vivem e praticam sem negar suas origens étnicas e ancestrais. Trazê-los para perto do “*black*

*is beautiful*<sup>1</sup>” sem as sombras do preconceito e fazer com que aprendam a lutar contra as desigualdades sociais, se constitui reflexão propositiva desse trabalho de pesquisa.

O trabalho está organizado em três capítulos que se inter-relacionam a partir do objeto de estudo – Música preta na EJA. No primeiro capítulo, é feita uma incursão na trajetória da pesquisadora, demonstrando seu interesse e relação com a música preta e o trabalho docente com a educação para pessoas jovens, adultas e idosas da EJA. Na sequência do capítulo, são apresentadas a abordagem e procedimentos metodológicos, campo da pesquisa e sujeitos envolvidos.

No segundo capítulo, é feito um trabalho de revisão bibliográfica, no intuito de fundamentar reflexivamente a discussão sobre linguagem, gênero textual, EJA e música preta. O desafio proposto de pôr em prática uma reflexão interdisciplinar, conduziu as conexões entre os distintos campos, fortalecendo a discussão e as possibilidades interpretativas dos dados construídos a partir do campo.

No terceiro capítulo, apresentam-se as oficinas pedagógicas e seus resultados, considerando para análise e interpretação, o trabalho com músicas pretas selecionadas pelos estudantes da EJA no diálogo com a professora-pesquisadora. Compreender mais amplamente o que estava escrito como letra de música preta, relacionando aos seus compositores (também negros e de periferia), suas histórias e maneiras de driblar a realidade social excludente resultaram em potentes discussões e produções.

Nas considerações finais, apresentam-se algumas reflexões acerca do estudo e as possibilidades de continuidade em outras etapas formativas, bem como inacabamentos que ajudam a fortalecer o desejo de ampliar as reflexões, potencializar a prática docente de Língua Portuguesa e contribuir com as discussões nesse campo.

---

<sup>1</sup> *Black is beautiful* que em português significa “Negro é lindo” é um movimento cultural que foi iniciado nos Estados Unidos da América, na década de 1960, por afro-americanos e que mais tarde, espalhou-se fora dos Estados Unidos, predominantemente nos escritos do Movimento de Consciência Negra de Steve Biko, na África do Sul.

## **CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS ASSUMIDOS NA PESQUISA**

Este capítulo versa sobre os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, destacando a trajetória da pesquisadora e de como o objeto de estudo vem sendo articulado a partir de sua prática pedagógica cotidiana. As abordagens e procedimentos utilizados referem-se as escolhas teóricas, epistemológicas e valorativas que envolvem o ensino de língua e linguagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir da música, e nesse caso específico, da música preta, nesta modalidade de ensino.

### **1.1 Implicações da pesquisadora com o objeto de estudo**

Desde o início de minha experiência em sala de aula, sempre optei por entender o contexto social em que meus alunos estavam inseridos, levando em conta o entorno e as dificuldades. Nem sempre foi fácil encarar essa realidade, mas serviu para aperfeiçoar o olhar e me motivar a procurar textos que tratassem daquilo que fosse próximo ao que vivenciam na comunidade, textos que reconhecessem a cor de pele e a beleza que tantas vezes são renegadas (até por nós mesmos, negros e negras) em função dos costumes do colonizador, produtor de uma cultura branca, produzida pelos negros.

Nesse sentido, a periferia tem se apresentado um celeiro cultural muito rico, porém desvalorizado, tanto pelos seus pares quanto pela sociedade em geral. É fato que, aquilo que é produzido em termos de música, artes visuais, poesia e outras manifestações culturais de representatividade, nem sempre consegue romper as fronteiras da periferia, mas quando isso acontece o que pode-se observar é uma forte luta pela valorização do que é produzido, são vozes silenciadas que clamam por justiça, paz, igualdade, muitas vezes até sentimento de vingança diante tantas injustiças.

A escola quando inserida em sociedades capitalistas, assume e valoriza a cultura das classes favorecidas; assim, o aluno proveniente das camadas populares encontra nela padrões culturais que não são os seus, e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus próprios padrões são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como errados (SOARES, 2021, p. 24).

Na função de professora, desde o ano de 2009, tenho refletido de que maneira os alunos poderiam aprender a Língua Portuguesa e, ao mesmo tempo, permanecerem motivados a estar em sala de aula participando efetivamente das interpretações e discussões de textos. Como poderiam se ver representados nos textos, enquanto pessoas pretas da periferia? Como melhorar sua autoestima por meio da valorização dos saberes individuais e coletivos? Como valorizar a diversidade linguística no contexto das aulas de Língua Portuguesa na EJA?

Dessa maneira, tomou-se a decisão de usar nas aulas de Língua Portuguesa, letras de músicas que cuja letras tem falas antirracistas, temas do cotidiano, e linguagem próxima a variação utilizada pelos alunos, para que dessa maneira se aproximassem do texto, das questões interpretativas, da variação linguística e da representatividade que tanto buscam atualmente.

As letras de músicas podem despertar a autoestima e a sensação de pertencimento, bem como fazer com que os estudantes compreendam seu lugar de fala dentro da sociedade. O objetivo maior também se pauta na necessidade de valorizar a linguagem presente nas letras de músicas, que são um reflexo daquilo que é vivenciado nas comunidades periféricas. A proposta para o trabalho nas aulas de Língua Portuguesa é aproximar o estudante da EJA de várias faixas etárias, que mora na periferia e que se identifica como pessoa preta, da arte que lá é produzida, valorizando sua visão de mundo e sua *afrodescendência*.

Sobre as grandes dificuldades que alunos pretos enfrentam e na tentativa de produzir uma reflexão histórica e democrática, observa-se:

As múltiplas configurações que a cultura africana negra toma quando fora do continente africano são importantes, pois asseveram que as pessoas, ao serem deslocadas das Áfricas e ao entrarem em contato com outro sujeito social – as culturas asiáticas e europeias –, são impelidas a lidar com estranhas e aviltantes realidades, e, diante disso, obrigadas a criar um conjunto de artifícios com vistas a sustentar a vida na dinâmica cotidiana (SOUZA, 1963, p. 41).

Nesse sentido, observa-se a dificuldade que os alunos possuem em validar sua linguagem, cultura e representatividade fora de sua comunidade. Ao se afastar para bairros onde o poder aquisitivo das pessoas é notoriamente maior, seja para trabalhar ou para ter acesso a algum serviço social, esses estudantes muitas vezes são engolidos pela sensação massacrante de não pertencimento ao mundo que existe fora das periferias. Então, entende-se que trabalhar textos de letras musicais que

trazem a realidade dos alunos, aproxima e faz com que o aprendizado dinamize com mais interação e satisfação, assim, incorpora-se as aulas de Língua Portuguesa, letras de músicas que evidenciem vozes pretas da periferia. A sensação de pertencimento ajuda os alunos a gostarem de ler, visto que a leitura daquelas canções reproduz o que lhes é palpável, o que fala sobre suas emoções e desejos, seus sonhos, suas angústias e seu cotidiano.

Entender o mundo é sentir-se seguro nele, é poder compreendê-lo. Os estudantes da EJA necessitam compreender melhor o espaço em que vivem, precisam reconhecer esse espaço e os valores que agregam para que sejam capazes de romper com os medos e sair da obscuridade que a falta de recursos muitas vezes pode trazer. “Na medida, porém que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na leitura que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo” (FREIRE, 1996, p. 23-24).

Trabalhar a música preta periférica seria uma alternativa para legitimar a sensação de pertencimento e, a partir desse uso, aproximar os alunos dos textos para que possam refletir sobre letras que já conhecem, mas que ainda não pararam para refletir e analisar sua importância dentro delas. O despertar para o texto, abre os olhos das pessoas e permite que quebrem a barreira que os tornam distantes dos textos, dos livros e, conseqüentemente, das escolas.

Um fator importante e transformador que se encontra nas periferias não só da cidade de Fortaleza - CE, mas nas comunidades de todo o Brasil, é que mesmo com tantas dificuldades, a produção cultural desses lugares é enorme. Sim, existem muitas pessoas remando na contramão de todo o sistema e fazendo da periferia um lugar onde crianças, jovens e adultos possam ter seu lugar de fala e expressar suas angústias, vivências, experiências e sentimentos por meio da arte musical.

A partir dessa constatação, decidiu-se trabalhar esse caráter cultural em sala de aula da EJA, a fim de potencializar essa linguagem emergente que demonstra toda a representatividade cultural das pessoas em sua maioria pretas, ouvindo a voz de todos que a sociedade dominante tenta calar todos os dias.

A angústia que levou a motivação desse estudo, advém de fazer com que os alunos se percebam como sujeitos da história do seu lugar, da sua “quebrada” e como não dizer das favelas onde se encontram inseridos. O problema maior dentro da sala de aula é encontrar textos nos quais os alunos possam se reconhecer e dessa maneira

sentirem-se motivados a ler e escrever, pois nem sempre existe representatividade dentro dos livros didáticos adotados pelas escolas e especificamente da EJA, esse problema se torna maior, pois na maioria das escolas os alunos não têm material didático adequado, então a seleção de textos para estudo se torna ainda mais desafiadora.

O nosso objetivo maior, com essa seleção desse material, é tornar possível que nossos alunos compreendam que a escola é um lugar para se reconhecerem como pessoa importante na sociedade e validar seus muitos falares sem, para com isso, sentirem-se excluídos pela norma culta padrão.

É necessário valorizar “os falares” da periferia para que se possa enxergar as pessoas que lá vivem como sujeitos importantes para o desenvolvimento cultural, social e econômico do país, já que muitas vezes os alunos são vistos unicamente como mão de obra barata e descartável. Esse pensamento também aterroriza as pessoas da comunidade, que infelizmente não se permitem mais sonhar com ascensão social em nenhuma de suas formas, pois o preconceito em todas as suas vertentes se faz presente no cotidiano dos pretos da periferia.

O preconceito racial aqui é entrelaçado com o social e o linguístico (naquilo que quero chamar aqui de racismo linguístico e que se revela através do linguicídio, ou seja, do extermínio do outro não branco) se nos detivermos nas políticas linguísticas. O fato da maioria dos brasileiros (ou seja, as pessoas negras) estar condicionadas as formas mais precárias de educação linguística tem razão de ser diretamente implicada por políticas linguísticas impostas para populações afro-brasileiras e indígenas (NASCIMENTO, 2019, p.14).

As pessoas de periferia encontram na música uma ferramenta riquíssima, porém a elite não preta, que possui um olhar centralizador e individual, não se esforça para entender as ideias e as vivências daquelas pessoas acreditando que a música produzida por pessoas pretas da periferia não possui valor cultural. O que se buscou com a pesquisa, foi validar a união entre o interesse dos alunos pela música que consomem com a leitura e interpretação textual fazendo com que as aulas de Língua Portuguesa possam aproximar os alunos e a comunidade da escola e dos professores.

Sabe-se que as canções nem sempre trazem o português gramaticalmente correto e/ou aceito pelos catedráticos, porém vive-se em um país que se construiu baseado numa pluralidade enorme de povos e isso reflete até hoje na cultura e, conseqüentemente, na língua. Ouve-se o tempo todo o mito que nas classes menos

favorecidas o português não é falado corretamente e esse pensamento se reflete no julgamento de valor que é feito sobre as músicas ditas populares, ou seja, nas músicas compostas por pessoas que tiveram origem humilde, no entanto, é necessário apurar o olhar para os vários falares do português brasileiro.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 1999, p.40).

Tornar legítimo o falar da comunidade como símbolo social e cultural, sem menosprezar esse registro, é valorizar o que se tem e focar o olhar na autovalorização do indivíduo preto. Trazer a música de preto para a sala de aula e deixá-la conviver harmonicamente com os autores consagrados da literatura, é quebrar o *apartheid* existente desde que o preto teve acesso, mesmo que de forma precária, a educação pública. Valorizar sem julgar, compreender sem questionar precocemente, e mais importante ainda, ouvir a voz dos alunos dentro daquele ambiente que produz conhecimento. É validar o sonho e dizer que eles também sabem/podem falar, ler e escrever.

Em sala de aula, o professor é constantemente instigado a trabalhar com a sensibilidade no olhar, pois os alunos precisam encontrar na escola sua referência de mundo, visto que muitos não têm acesso ao que é a sociedade fora do seu microcosmo. Trazer essa reflexão do macro e fazer com que sintam pertencentes ao mundo, sem se sentirem menores, é um desafio constante. Tem-se um mundo inteiro virando as costas para os menos favorecidos e o papel do professor têm sido de problematizar essa realidade, criando possibilidades de ruptura.

Evidenciar a música popular de periferia em sala de aula pode ajudar na batalha antirracista que os alunos pretos encontram em quase todos os ambientes que frequentam. Aproximar o aluno do texto, ajuda-o a completar o letramento, incentivar a leitura e a escrita e a valorizar a cultura do local onde está inserido, trazendo a consciência de pertencimento e valorização. Quem lê e não entende o que lê está sob o risco de viver à margem da sociedade e aquilo que pode oferecer em

termos econômicos, sociais, afetivos e de desenvolvimento profissional. Sobre essas dificuldades temos:

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta (ANTUNES, 2003, p. 20).

Nesse sentido, e considerando as dificuldades dos alunos no que tange à leitura, um dos grandes desafios, em sala de aula, para os professores de Língua Portuguesa, é conseguir fazer com que os alunos leiam e compreendam o que leem de forma eficiente e assim, sintam-se capazes de interagir de modo eficaz, desenvolvendo o pensamento crítico e reconhecendo suas potencialidades.

Acredita-se que a escola necessita pensar estratégias para que a leitura se torne uma aliada na aprendizagem dos discentes, sentindo-se aptos a fazerem suas leituras com êxito e com a sensação de pertencimento. Os alunos da EJA, principalmente, precisam identificar nos textos aquilo que presenciam nos seus trabalhos, em suas casas, na rua onde moram, e nas injustiças que sofrem todos os dias por estarem à margem da sociedade. Muitos trabalhadores, alunos da EJA, convivem todos os dias com a violência, seja racial ou social, e saber que existem vozes que discutem sobre isso faz com que eles se sintam representados de alguma maneira.

Ler um texto que versa sobre aquilo que presenciam, além de ser um alento é também aprender sobre consciência política para reconhecer seus direitos e quando esses direitos estão sendo negados. A escola também precisa ter esse papel.

## **1.2 Abordagem qualitativa da pesquisa**

Os professores estão sempre sendo desafiados a buscar novas abordagens para aperfeiçoar seu trabalho. O olhar investigador não deve aceitar sempre o senso comum como verdade absoluta, pois vive-se realidades plurais. A busca pelo que está além das aparências, que a maioria não consegue perceber, seja nas avaliações, no planejamento das aulas, na busca por despertar a criatividade dos alunos, a consciência social, política e cultural é o modo como a atividade docente tem se

efetivado. Essa busca ajuda a desenvolver melhor o potencial criativo enquanto formadores de opinião e sujeitos capazes de ajudar na transformação de consciência.

É relevante que em um trabalho de pesquisa dessa natureza, saiba-se escolher métodos que norteiam o olhar diante dos dados recenseados e produzidos, de modo que a subjetividade seja evidenciada e produza outros sentidos para além da obviedade. A abordagem qualitativa da pesquisa contribui no processo de geração de dados, exigindo dos pesquisadores a capacidade de pensar e agir estrategicamente, combinando preocupações intelectuais, filosóficas, sociais, técnicas, práticas e éticas para estar consciente das decisões tomadas e suas consequências.

Nesse caso, entende-se que “a abordagem qualitativa de pesquisa implica um tipo de investigação que produza resultados, sem ser proveniente de procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação” (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 11). Com isso, não se pode quantificar o subjetivo, mas tentar interpretar enquanto fenômeno social, como pode acontecer com a música preta da periferia nas aulas de Língua Portuguesa, objeto de estudo desta pesquisa.

A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação social que incide sobre a forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo em que vivem. Tipo de pesquisa que tem o mesmo objetivo: compreender a realidade social de indivíduos, grupos e culturas (HOLLOWAY, 1997, p. 2).

A pesquisa qualitativa, se difere da pesquisa positivista, pois considera inventividades, emergências e acontecimentos não previstos e não trabalha com hipóteses previamente estabelecidas, evitando amarras e guetização de um fenômeno.

No caso específico desta pesquisa, o material trabalhado – gênero textual música, acredita-se ser pertinente utilizar a abordagem qualitativa de pesquisa, pois oportuniza explorar características dos indivíduos que estão envolvidos em contextos que não podem ser medidos numericamente.

Uma pesquisa aplicada em sala de aula da EJA precisa ser bastante participativa e deve articular nuances que permitam a ampla participação de todos, independente da sua faixa etária. Dessa maneira, objetiva-se com essa abordagem envolver integralmente os sujeitos, percebendo e destacando situações possíveis de construção de conhecimento.

É inegável que a pesquisa em sala de aula (que, bem intencionada, visa contribuir para a formação do professor) tem contribuído para essa desvalorização, concluindo ou arrematando um processo iniciado pela burocracia governamental (seja da prefeitura, do estado ou da federação) e constantemente aliciado pela mídia. Mas é possível reverter esse processo, desde que se assuma um posicionamento político crítico, como parte integrante, inseparável da questão ética (KLEIMAN, 2010, p.199)

Assumir os rumos de uma pesquisa qualitativa, compreendendo múltiplos fatores de situação de comunicação em letras de músicas pretas, coloca alguns desafios de interpretação e de generalizações. Para tanto, foi preciso identificar letras de músicas que os alunos pretos da periferia mais escutavam, reconhecendo quais são as motivações que os levavam a consumir essas letras de canções, entendendo quais valores subjetivos reconhecem nas proposições encontradas (ideias e protestos) que muitas letras contêm. Compreender a complexidade desses fatores através da escuta, leitura e interpretação do gênero escolhido é propositivo nesse percurso da pesquisa.

Compreende-se que na abordagem qualitativa existe a preocupação com pensamentos, percepções, experiências e sentimentos dos indivíduos produtores de dados subjetivos. Com os dados é possível descrever eventos e fenômenos sociais da maneira como ocorrem, e seu caráter descritivo permite que os dados sejam utilizados para desenvolver conhecimentos, ajudando a compreender o mundo social dos alunos da EJA no tocante à representatividade preta da periferia.

Assim, o foco principal é o processo de leitura e interpretação do gênero letra de música que por ser rico e plural, abarca também a interpretação do mundo dos sujeitos da EJA envolvidos nesse contexto. Considera-se a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito, ou seja, sua posição social e política, a maneira como se sente representado no mundo e como sua autoestima enquanto pessoa preta se comporta quando representada no discurso artístico das canções.

Dentro da abordagem qualitativa, a pesquisa-ação se constitui para esse contexto de investigação, o tipo de pesquisa mais próximo do que se pretende realizar, sabendo-se que o trabalho com o gênero textual “música” na sala de aula de EJA, envolve estudantes desta modalidade como praticante e produtor de resultados.

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem

pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a dizer e a fazer. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 2011, p. 22).

Por meio dessa perspectiva dialógica é possível atuar de forma efetiva na transformação das aulas de Língua Portuguesa, promovendo a interação entre alunos e professores. A pesquisa-ação, nesse caso específico, observa quais os problemas de leitura e interpretação textual precisam receber maior atenção; quais valores socioculturais devem-se dar mais enfoque, a fim de promover a autoestima do aluno preto. Essas possibilidades são construídas pelo professor e os alunos envolvidos, no intuito de produzir a transição entre uma consciência ingênua para uma consciência social que valorize sua cultura e legitime seus falares.

Por esta perspectiva, o objeto de estudo que se delimitou para/na pesquisa não se refere somente ao gênero textual, nem a leitura e interpretação de canções, mas principalmente o sujeito consciente de sua importância na sociedade. Pretende-se com este tipo de pesquisa (pesquisa-ação) colaborar com o desenvolvimento da consciência de mundo e a sensação de pertencimento sociocultural dos estudantes da EJA; assegurando-lhes por meio da leitura e interpretação dos textos musicais, que têm um lugar de fala assegurado por meio de canções.

Trabalhar a consciência social dos alunos da EJA exige do pesquisador esses movimentos de implicação, como tem-se aprendido com Thiollent (2011, p. 24): “A atitude dos pesquisadores é sempre uma atitude de escuta e de elucidação dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias”.

A pesquisa busca envolver os sujeitos (estudantes da EJA) de forma que reconheçam que são eles os principais atores do processo de aprendizagem, realizando um estudo dinâmico dos problemas que enfrentam na leitura e interpretação dos textos propostos por eles e pelos professores.

Nesse sentido, são múltiplos os desafios, mas acredita-se que esses objetivos são possíveis de alcançá-los, pois a escolha da pesquisa-ação permite que os envolvidos aprendam a ver os obstáculos no tocante às dificuldades de leitura e interpretação textual, não como uma questão de cognição, simplesmente, mas enquanto uma fabricação social hegemônica.

A pesquisa-ação é caracterizada como um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes, representativos da situação e/ou do problema, estão envolvidos de forma cooperativa e participativa (KOERICH, *et al*, 2009, p. 20)

Nesta perspectiva da interdependência própria da pesquisa-ação, não somente o aluno da EJA está envolvido no processo da leitura e interpretação do gênero em questão, mas o professor pesquisador precisa estar imensamente comprometido em participar como mediador da aprendizagem, com foco na consciência de representatividade e no reconhecimento dos traços culturais que as canções agregam.

Esse processo empírico, ou seja, baseado na experiência e observação de identificação do problema se dá dentro de um contexto social que abrange a escola e toda a comunidade. Considera-se que o processo é também institucional, pois tem suas raízes nas dificuldades que o país como um todo enfrenta, principalmente em relação ao racismo, a pobreza e a marginalização da pessoa preta.

A produção intersubjetiva dos dados relativos as dificuldades que os alunos enfrentam quando o discurso das letras de música que os representam é marginalizado pela maioria esmagadora da sociedade, são analisados e interpretados por todos os envolvidos no formato de oficinas pedagógicas.

Em termos práticos, a pesquisa-ação desenvolvida assumiu como objetivo palpável, produzir conhecimento com os sujeitos da EJA – professores e estudantes. O conhecimento produzido a partir dos saberes dos alunos da EJA, baseou-se em suas visões de mundo, tomando o gênero textual “música” como parte do *corpus* a ser analisado e interpretado.

Todos esses objetivos práticos não devem nos fazer esquecer que a pesquisa – ação, como qualquer estratégia de pesquisa, possui também objetivos de conhecimento que, a nosso ver, fazem parte da expectativa científica que é própria das ciências sociais (THIOLLENT, 2011, p. 27).

A empreitada visa adquirir uma visão de conjunto, um panorama dos alunos que estão inseridos no contexto das turmas da EJA, do ensino fundamental, anos finais. Considera-se importante construir e compartilhar com a comunidade acadêmica e escolar, histórias de vida e de luta dos grupos marginalizados. Por meio da abordagem qualitativa os dados serão posteriormente transformados em documentos,

para que dessa maneira o conhecimento circule e contribua com outras reflexões no campo da leitura e interpretação de textos na EJA.

As anotações e observações voltaram-se para vida cotidiana escolar do grupo em estudo, priorizando a compreensão da linguagem emergente periférica que legitima as vivências e a representatividade cultural. Sabe-se que a aproximação da pesquisadora ao grupo social em estudo foi um trabalho difícil, pois a pesquisadora precisou trabalhar com as expectativas do grupo e garantir aceitação e confiança.

No contexto da abordagem qualitativa e da pesquisa-ação, optou-se pelo procedimento da observação participante e interventiva, pois é sabido que essa é umas das técnicas mais utilizadas nas pesquisas dessa natureza. Assim, transformamos a maneira como os alunos se comportam diante do texto, das aulas de leitura e interpretação textual que utilizaram o gênero letra de música.

A pesquisadora inserida nesse contexto, também se transformou e sua observação pode gerar outras compreensões acerca da produção textual dos alunos, além de possibilitar intervenções exitosas no processo de letramento. Desse modo, na pesquisa, a observação articulou propósitos teóricos, políticos e culturais, pois se pautou em paradigmas sociais e históricos que não concordam com a neutralidade dos sujeitos envolvidos.

Logo, a abordagem escolhida atendeu as expectativas propostas pela pesquisa, e seus resultados contribuíram diretamente com a reflexão no contexto dos estudos da língua e da linguagem na prática pedagógica cotidiana das aulas com estudantes da EJA.

### **1.3 Contextos da pesquisa: espaço e sujeitos**

É impossível para os diferentes pesquisadores não pautarem seus trabalhos considerando o lugar onde nasceram, cresceram e construíram suas histórias de vida. Tornar a sala de aula, como *lócus* da pesquisa e de produção efetiva de conhecimento, reconhecendo valores e qualidades da população preta e marginalizada que constitui a EJA, a fim de promover a cultura da linguagem emergente da periferia, é uma necessidade.

Com Freire (2011), aprende-se que é imprescindível para qualquer educador a leitura de mundo, se ocorre por meio do conhecimento da realidade dos sujeitos,

para que assim seja possível intervir de forma humanizadora, participativa e democrática.

A escola *lócus* da pesquisa, surge do anseio da comunidade da Granja Lisboa, sendo uma das primeiras escolas públicas da região do Grande Bom Jardim em Fortaleza/CE. Foi inaugurada no dia 1º de agosto de 1980, na gestão do prefeito Lúcio Alcântara e da Secretária de Educação Guaciara Barros Leal. Localizada na periferia de Fortaleza, a luta da escola tem sido a de minimizar as diferenças e contrastes sociais e econômicos vivenciados pela população predominantemente pobre e marginalizada.

A Escola Municipal Lirêda Facó está situada à Rua Três corações, nº735 no Bairro Bom Jardim, tendo como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Fortaleza no estado do Ceará. É ofertado um ensino de qualidade que oportuniza a educação do aluno, sendo demonstrado nos avanços que a escola produziu nas avaliações externas e internas. A referida escola tem como atividades principais o cumprimento da carga horária e a realização dos planejamentos por área: Linguagens, ciências humanas e ciências da natureza, tentando ao máximo inserir a família e a comunidade nas atividades. Porém essa é uma das principais dificuldades, visto que a família ainda não se faz presente de forma efetiva e satisfatória na vida escolar dos alunos.

Ao observar o município onde a escola está inserida, constata-se que há uma adesão ao modelo de sociedade liberal, capitalista, injusta e perpetuadora das diferenças culturais, sociais e econômicas, presentes não só no estado do Ceará, mas na maioria dos estados brasileiros. Localizada mais especificamente em um dos bairros inseridos na Região do Grande Bom Jardim<sup>2</sup>, a escola está localizada na Granja Lisboa, local de população pobre, marginalizada e tomada por facções criminosas.

Apesar desse ambiente altamente hostil, a escola possui inovações tecnológicas como acesso à *internet*, sala de integração (multimídias), projeto segundo tempo, que visa diminuir as defasagens aluno-série e também projetos que trabalham a autoestima através do estudo das competências socioemocionais.

---

<sup>2</sup> A princípio tínhamos apenas o Bairro Bom Jardim, mas com a urbanização das regiões próximas foram se formando comunidades que, posteriormente foram nomeadas. Assim, o local cresceu bastante e hoje se subdivide em outras comunidades, por isso a região que hoje possui muitos bairros é chamado de Grande Bom Jardim.

A escola possui 14 salas, sala de vídeo, sala da direção, sala dos professores, biblioteca, sala da coordenação, secretaria, cozinha, depósito para merendas, almoxarifado, banheiros para alunos e professores, pátio descoberto e uma quadra coberta. A escola possui um total de 1.344 alunos sendo 276 matriculados nas salas da EJA. É uma das maiores escolas da região em termos de quantidade de alunos, porém não é uma escola com estrutura física muito grande, mas acolhe a todos que procuram estudar.

O quadro de professores é muito vasto, pois trata-se de uma das escolas que mais possui alunos estudando em tempo regular, ou seja, não é uma escola de tempo integral onde os alunos passam o dia na escola, mas isso não impede que seja a que mais absorve alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais na região do Grande Bom Jardim. É também um dos poucos polos de Educação de Jovens que resiste ao desmonte que a EJA sofre no estado. Infelizmente essa modalidade está sofrendo sérias ameaças de deixar de existir, e esse é um dos principais fatores motivadores desta pesquisa. A escola também possui dois anexos: CEI professora Lirêda Facó e Professora Lirêda Facó Unidade II que atende alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, anos iniciais, respectivamente.

Entendendo que a educação é a base de processos políticos, sociais, econômicos e culturais, percebe-se que existe em curso uma carência de investimentos, situação que se reflete em todo o território nacional. Por isso, o analfabetismo e os altos índices de evasão escolar decorrem, também, das desigualdades sociais, desemprego e na alienação política, presente no entorno da escola.

Dessa forma, acredita-se que a escola tem a responsabilidade de formar educandos baseados em pedagogias críticas, e no caso específico do objeto de estudo dessa pesquisa – música preta na EJA – trabalhar com gêneros *literomusicais* produzidos pelos sujeitos que estão inseridos ou já estiveram em comunidades marginalizadas socialmente, como no caso da comunidade em que está inserida a escola *lócus* da pesquisa.

As salas de aula da EJA I até EJA IV possuem em média 35 alunos por sala. Os alunos têm faixas etárias que vão dos 15 anos aos 73 anos em média, e é feito um esforço para que esses alunos sejam organizados segundo sua idade e série.

Um dos desafios docentes consiste em compreender as múltiplas identidades de seus educandos e perceber que elas atuam segundo o contexto e as condições. Por exemplo: em uma sala de aula da EJA com 25 alunos e alunas, teremos de imediato, a identidade de gênero para organizar o debate: Como refletem os homens e mulheres sobre a realidade? (PAULA; OLIVEIRA, 2011, p. 45)

A variedade de percepção de mundo, de escolhas e de histórias de vida, norteia o que de incomum pode-se partilhar. Inseridos no mesmo contexto social e econômico, a grande maioria não compreende ainda a importância de suas vivências, o valor da sua cultura, a riqueza do que é produzido em termos culturais dentro da sua comunidade. Não se reconhece como representados no tocante a linguagem e a produção escrita. Não vislumbram, e muitas vezes nem compreendem que são retratados em muitas letras de músicas, nos grafites das paredes, na maneira de vestir e principalmente no registro linguístico que utilizam no seu cotidiano.

Que elementos são acionados na análise dessa realidade? Bem, se agregarmos a identidade racial dos educandos, teremos outro aspecto a considerar: se temos homens e mulheres negros, brancos, pardos ou indígenas, por exemplo, o pertencimento racial será determinante para um leque de situações que envolvem preconceitos, exclusões e possibilidades (PAULA; OLIVEIRA, 2011, p. 46).

É comum que os alunos da EJA possam se enxergar em seus professores, pois se trata de um incentivo direto para alcançar os objetivos acadêmicos e superar a realidade hostil por meio da educação sem sentir que a única alternativa possível para ascensão social e financeira, é através da criminalidade ou de ações ilícitas. A história de superação enquanto educadora preta, pobre, e da mesma periferia, pode ser transformador quando o exemplo prático se materializa em sua realidade, conduzindo-os a saírem do lugar comum onde muitas pessoas perdem a vida cedo demais.

Na escola campo da pesquisa, assim como na grande maioria das escolas que possuem a modalidade EJA, muitos são os problemas enfrentados e toda a comunidade tenta, a sua maneira, driblar essas dificuldades no intuito de continuar promovendo a educação inclusiva dos alunos, que por várias razões buscaram refúgio na escola quando já estavam fora da faixa etária do ensino regular.

Muitas são as histórias e legítimas são as razões que fizeram com que esses alunos não conseguissem concluir seus estudos na infância e adolescência, sendo assim, a EJA além de acolher, tem a função de fazer com que essa retomada ou até

mesmo, para alguns, o início da vida escolar seja revigorante e traga de volta a esperança de tornar a vida profissional e pessoal melhor.

Os alunos mais velhos, também buscam na educação uma realização, um sonho que parecia distante. A escola pode possibilitar a aproximação e concretização desse sonho. O diploma ainda é muito importante para os que já estão aposentados, para eles o conhecimento é infinito e abre portas que foram fechadas durante quase uma vida inteira – da mente, do mundo e do sistema que é cruel e desumano com a esmagadora maioria dos alunos das periferias de todo o nosso país. Esse é o perfil dos sujeitos envolvidos com a pesquisa, e é com esses anseios que a prática inclusiva docente da pesquisadora é alimentada cotidianamente.

É a realidade de milhões de brasileiros que se ressentem de um sistema político que não atendeu a sua necessidade de se escolarizar, que não atendeu a demanda de sua formação sistemática, jogando-os para o subemprego e para a pobreza econômica e intelectual e que não assume a culpa de ter interrompido ou de nunca ter conseguido proporcionar o seu processo de escolarização, pois não pode atender as demandas educacionais quando esses ainda jovens tinha o direito de estar na escola e ter um futuro melhor do que possuem hoje.

#### **1.4 Oficinas pedagógicas enquanto recurso mediador de aprendizagens**

Atualmente, o desafio que cerca as salas de aula é despertar nos alunos o desejo pela leitura, porém o trabalho pedagógico de leitura desenvolvido em sala de aula, na maioria das vezes, é voltado para a finalidade de responder a determinadas atividades ou fazer alguma análise literária, tornando o aprendizado limitado. Nesse sentido, os professores se comprometem e incentivam os alunos ao ato de ler, utilizando estratégias que não tornem as aulas enfadonhas e façam da leitura um momento de fruição e deleite.

Muitos são os esforços dos professores, dentro de suas possibilidades e com os recursos existentes nas escolas públicas municipais e estaduais que driblam as questões de ausência de materiais, espaços organizados de leitura etc. Elaboram-se estratégias para que o ato de ler torne-se mais condizente com a realidade do aluno, pois, ao longo da vida escolar e social precisará muito da leitura, não só para o desenvolvimento dos conhecimentos, competências e habilidades dos componentes

curriculares previstos, mas também para melhor compreender a realidade do mundo em que estão inseridos e, dessa maneira, intervirem com consciência nas transformações necessárias para a construção de uma sociedade mais justa e digna. A leitura liberta para o reconhecimento da sua representatividade diante de uma sociedade massacrante que tenta a todo o momento negar direitos básicos do cidadão comum.

A proposta de intervenção pensada a partir do reconhecimento do público da EJA com que foi realizada a pesquisa, organizou-se em torno de oficinas pedagógicas (FERREIRA, 2011) utilizadas como recurso mediador de aprendizagens. O gênero textual escolhido são músicas de compositores que exaltam a cultura afro-brasileira da periferia, para que dessa maneira auxiliem os professores da EJA na promoção da leitura evidenciando a cultura e a linguagem emergente da comunidade onde os alunos estão inseridos e para validar seus conhecimentos e vivências.

Tem-se consciência de que as atividades propostas não foram suficientes para diminuir todas as dificuldades dos alunos em relação a leitura e interpretação textual, mas acredita-se que o gênero letra de música serviu como importante instrumento de apoio pedagógico para os professores trabalharem com seus estudantes e, baseando-se nele, poderão elaborar novas estratégias de intervenção pedagógica que valorize aquilo que é produzido nas periferias onde as escolas estão inseridas.

O objetivo dessas oficinas foi o de estabelecer uma aproximação entre os conteúdos curriculares e a história cultural da comunidade através de práticas que envolvem ensinar, reconhecer suas potencialidades e aprender os conteúdos, refletindo sobre a mensagem de crítica social que as canções podem trazer para a vida escolar e cotidiana. A intenção, além de acadêmica, é também sociocultural, pois procura-se fazer da vida corriqueira dos alunos, material para ser trabalhado em sala de aula. As situações planejadas serão adaptadas às dificuldades e anseios dos alunos de forma que o desejo de aprender torne-se latente e possa possibilitar o aumento dos índices de letramento.

Compreende-se que o aluno é o sujeito desse espaço, participando ativamente das aulas e sendo capaz de internalizar de maneira lúdica e consciente os conteúdos necessários para a leitura e interpretação textual. Sobre isso temos que as oficinas se configuram para:

Fabricar conhecimentos a partir de situações vivenciadas pelos participantes individualmente. Produzir coletivamente conhecimentos que possibilitem aprofundar a reflexão sobre educação, a escola e a prática que nela se efetiva. É esse o sentido que se interfere da situação pedagógica denominada como oficina pedagógica (FERREIRA, 2011, p. 9).

Direcionadas para os alunos da EJA, que estão inseridos em turmas em que existe uma multiplicidade de faixa etária, essa experiência de relação de saberes promoveu um espaço de reflexão e troca de experiências. Os alunos aprenderam, refletiram, pensaram e até mesmo criaram conhecimento por meio das descobertas de como o saber pode se construir baseado em suas vivências, promovendo a autoestima e a representatividade cultural.

Nesse sentido, é relevante destacar a articulação com os interesses dos alunos, sempre preocupando-se com seu aprendizado e sua interação com o grupo e com a professora mediadora. Dessa maneira, os alunos começaram a aprender a ler e a interpretar, efetivamente, os textos propostos e desenvolver a autonomia para adentrar no mundo da leitura, não só do gênero letra de música, mas também de outros gêneros que a intertextualidade fomentou dentro das atividades propostas pelas oficinas.

A intenção foi a de criar um ambiente em que a aprendizagem acontecesse com leveza e descontração, mas com um nível de aprendizagem efetivo e diversificado, colaborando para a valorização da diversidade, já que se baseou no conhecimento cultural de cada aluno envolvido. A reflexão, a troca de experiências, a produção de conhecimento coletivo e a descoberta de soluções para os problemas enfrentados na comunidade, visto que muitas letras de músicas são voltadas para problemas políticos e sociais, constituiu-se celeiro de conhecimento promovido pelos sujeitos envolvidos.

Pode-se afirmar que um componente indispensável para a consecução de uma Oficina Pedagógica é a participação responsável para a produção de um trabalho coletivo. Numa tentativa de síntese, pode-se dizer que uma Oficina Pedagógica pode ser entendida como um espaço de trabalho que se caracteriza pela participação responsável de cada sujeito, na execução de uma tarefa coletiva (FERREIRA, 2011, p.11).

Os procedimentos utilizados nas oficinas estavam baseados na ação dos sujeitos envolvidos. Eles foram os responsáveis pela realização de ações centradas

em seus objetos de atuação e na motivação que o levará a refletir sobre esse objeto, o gênero escolhido e suas implicações.

As atividades foram sistematizadas, de acordo com Ferreira (2011) em *momentos motivadores*, *momento de internalização* do aprendizado e o *momento de avaliação* desse aprendizado, para que assim pudéssemos identificar os níveis de leitura e letramento produzidos pelos sujeitos envolvidos na e com a oficina pedagógica.

Essa estratégia didático-metodológica possibilitou organizar situações e sistematizar formas de avaliação que em nada se assemelha as avaliações exclusivamente conteudistas, pois foram baseadas nos saberes construídos por meio da história de vida, na interação social entre os alunos e a comunidade que estão estabelecidos, no estreitamento das relações com a professora mediadora e com os outros colegas, para que dessa maneira todos se sentissem agentes de sua aprendizagem de maneira cooperativa, colaborativa, desenvolvendo a consciência de sua responsabilidade social.

De maneira alguma, o resultado alcançado foi uniforme, visto que os alunos, embora estejam inseridos no mesmo ambiente periférico, possuem suas particularidades e diferenças. O que se propôs com a oficina pedagógica, foi a liberdade na construção do aprendizado, valorizando a evolução individual e coletiva. Com as *oficinas pedagógicas* demonstramos os variados tipos de preconceitos, de discriminação, direcionado aos discentes, levando-os a entender que a conscientização é necessária para perceber que as diferenças existem e precisam ser respeitadas. Nessa perspectiva temos que:

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 96)

As atividades pautadas nos moldes de *oficina pedagógica* proporcionaram uma aprendizagem instigadora e de transformação pessoal, elaboradas com base no cotidiano dos alunos, pois fizeram com que construíssem conhecimento de forma questionadora, participativa e social. Nesse sentido, foi fundamental o papel da

professora nesse contexto de aprendizagem, afinal, foi dela a responsabilidade de mediar o caminho com o aluno, motivando-os a buscar o conhecimento e a construírem aprendizagens.

A decisão de trabalhar com as oficinas, tomou como ponto de partida a consciência de que a professora não é apenas o sujeito que ensina, mas também, a que aprende, pois, utilizar estrategicamente as oficinas com as canções previamente escolhidas pelos alunos, possibilitou não apenas promover a leitura e a interpretação textual, mas também observar como os alunos se comportaram diante das mais diversas situações.

As variedades linguísticas, as lutas sociais e políticas, o racismo, o preconceito sofrido pelas classes menos favorecidas e a exclusão foram alguns dos temas recorrentes em nossa abordagem. É relevante reconhecer como os discentes reagiram ao se deparar com as canções estudadas em forma de textos. Esse foi um recurso significativo em sala de aula, pois além de dar oportunidade a docente de replanejar suas aulas, proporcionou aos alunos consciência política e social.

Assim, a *oficina pedagógica* se constituiu em uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas e afetivas, baseadas no pensar, sentir e agir tendo como objetivo pedagógico o aprendizado do estudante. Dessa maneira, a metodologia da oficina pedagógica mudou o foco tradicional da aprendizagem e passou a incorporar ação e a reflexão, dentro do objeto de estudo em questão – o gênero, música.

Sabe-se que em uma oficina ocorrem apropriação cultural, construção de saberes e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva. A oficina buscou atender finalidades importantes para a construção do aprendizado dos alunos da EJA, juntamente com a professora mediadora, unindo a articulação de conceitos da matriz curricular com os pressupostos e noções, bem como com ações concretas, vivenciadas por todos os participantes que vivenciam e executam de tarefas em equipe, culminando na construção coletiva de saberes.

Reitera-se com Moita e Andrade (2006), que as *oficinas pedagógicas* são capazes de promover a articulação entre diferentes níveis de ensino e diferentes níveis de saberes, dessa maneira, ajuda como meio de formação que pode auxiliar bastante nas salas de aula da EJA onde encontram-se alunos de faixa etária

diversificada, com valores, saberes e contextos socioculturais distintos, mas que se completam por estarem em um mesmo espaço geopolítico social, a periferia.

Na oficina surge um novo tipo de comunicação entre professores e alunos. É formada uma equipe de trabalho, onde cada um contribui com sua experiência. O professor é dirigente, mas também aprendiz. Cabe a ele diagnosticar o que cada participante sabe e promover o ir além do imediato (VIEIRA *et al*, 2002. p.17).

A professora mediadora descobre na *oficina pedagógica* uma relação estreita e afetiva com os alunos, pois além de promover o aprendizado também participa do processo de aprender. Enquanto pesquisadora, observa os processos e conduz os alunos à uma jornada dinâmica e reflexiva sobre os assuntos que o gênero escolhido remete, estando sempre com seu foco voltado a tentativa de obter sucesso das ações propostas.

### **1.5 Podcast como ferramenta de apoio nas oficinas pedagógicas**

O gênero letra de música requer uma abordagem mais ampla e significativa. A música tem o poder de transcender barreiras sociais, políticas, econômicas e até psicológicas. É considerado um alento para a alma e um alimento para o enfiamento das várias batalhas diárias. É por meio de muitas canções que os protestos são feitos e muitos a utilizam para traduzir os sentimentos que somente com textos escritos, sem o apoio da melodia não poderiam ser ditos.

Além dessa constatação inicial, na música, cabem várias interpretações, e muitas vezes fogem do objetivo do compositor. Assim, a música é democrática e transcendental, faz com que seu significado mude de acordo com o ouvinte. Logo, ouvir canções em sala de aula com os alunos foi uma das maneiras de enriquecer o diálogo interpretativo e fazer com que a construção do conhecimento fosse ainda mais alargada, dando voz aqueles que a interpretam como texto.

Nas aulas de Língua Portuguesa da EJA, *espaçotempo* da pesquisa, utilizou-se a música enquanto instrumento de dinamicidade da aprendizagem. Assim, objetivou-se com os resultados das oficinas pedagógicas, promover com esse gênero uma discussão, transformando-a em *Podcasts*.

Sobre o termo *Podcast* sabe-se que se trata de uma palavra que é derivada do agrupamento das palavras *pod* (de *iPod*, tocador de áudio da *Apple*) e *casting* em

referência à *broadcasting* (transmissão via rádio ou TV). Basicamente essa ferramenta muito utilizada atualmente para tratar de vários assuntos tem distribuição e hospedagem em arquivos digitais de áudio e também em páginas da Web ou lojas virtuais de aplicativos.

No que tange ao gênero textual, a mídia *podcast* é um gênero oral, do qual os suportes podem ser variados (dispositivos tocadores de áudio digital, em geral) presentes em diversos dispositivos eletrônicos (*smartphones, laptops, iPods* etc) presentes na vida cotidiana da maioria das cidades. Essas características tornam essa mídia muito acessível e estão de acordo com a materialização dos gêneros proposta por Marcuschi (2008, p. 155):

Os gêneros textuais referem-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes, ou seja, textos que estão presentes no cotidiano. São textos que se encontram na vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de motivações históricas, sociais, institucionais e até mesmo técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas, ou seja, baseadas nas experiências e nas observações que podem ser metódicas ou não. Apoiam-se em situações comunicativas e se expressam em designações diversas constituindo em princípio listagens abertas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Além da grande acessibilidade, o *Podcast* possui na sua construção uma rica variedade linguística que é sempre adotada pelos *podcasters*, pessoas que participam sejam como entrevistados sejam como moderadores ou entrevistadores. Essa ferramenta nos interessa pois o registro da língua é o mais próximo, senão a mesma, da adotada pelos alunos, não só dos anos finais do ensino fundamental, mas pelos jovens e adultos que estão na escola. Logo, a escolha do *podcast* se deve, em parte, ao caráter dinâmico de vivenciar as aulas, podendo proporcionar um maior engajamento e interação entre os estudantes.

A finalidade do trabalho com o gênero *Podcast*, é gerar no discente a capacidade de comunicação em diferentes contextos e situações discursivas, ou seja, exercitar a oralidade com base em análises, levando em consideração a linguagem, o destinatário e o veículo de comunicação em que o texto estará inserido, e também entender como essa linguagem sonora atrelada a música negra de periferia pode estimular a aprendizagem, a imaginação dos alunos.

O *Podcast* é concebido nessa reflexão, enquanto uma ferramenta inclusiva no processo de produção e divulgação das práticas educacionais e seus resultados no tocante a leitura e interpretação de textos. Dessa forma, as oficinas e suas sequencias didáticas, objetivam produzir um canal *Podcast* para que a temática pautada na linguagem emergente de representatividade cultural da comunidade possa ser discutida, compreendida e valorizada.

A partir da convergência midiática, o público tem um papel fundamental no processo comunicativo e os meios se adaptarão a esse novo contexto tecnológico. Na comunicação sonora não é diferente. Por exemplo, com o rádio o ouvinte tradicional tem características distintas do ouvinte-internauta. “O ouvinte agora também ouvinte-internauta busca outras fontes de informação, cruza, contesta, discute corrige, atualiza, conversa com o jornalista que está no ar. Mais que nunca, o ouvinte participa” (LOPEZ, 2009, p. 202).

Com isso, tem-se a possibilidade de fazer com que esse mecanismo tenha uma comunicação mais participativa e transmidiática, ou seja, ela se desenrola por meio de múltiplos canais de mídia, cada um deles contribuindo de forma distinta para a compreensão do Universo narrativo e por meio de uma reconfiguração da cultura e dos nossos processos de leitura de mundo e produção de conhecimento.

A comunicação sonora tem tido esse desafio que é o de se adaptar a esse novo modelo multimídia, caso contrário, corre o risco de ficar à margem dessa mudança no padrão de consumo dos meios de comunicação. Sabe-se que existe um grande aumento na capacidade de processamento e armazenamento dos computadores, tudo isso atrelado ao surgimento das redes, da fibra óptica e, sobretudo, das linguagens de programação direcionadas para a web que possibilitaram que inovadoras ferramentas fossem desenvolvidas, permitindo ainda que as aplicações multimídia ficassem cada vez mais ao alcance dos utilizadores finais, nossos alunos, pois até os mais humildes têm certo acesso as redes sociais.

Atualmente, o *Podcast* é uma das novas maneiras de se fazer rádio no mundo inteiro e essa inovação permite que as entrevistas fiquem armazenadas, como não acontece nas emissoras de rádio. Talvez essa seja uma das grandes vantagens dessa ferramenta midiática, que assim como o gênero letra de música, fica eternizado em CD, fita ou discos de vinil.

A popularização dos *podcasts* como produção radiofônica descentralizada é uma referência do potencial da digitalização do rádio e sua intersecção com as demais mídias digitais (internet, televisão digital, palms, entre outros). A comodidade em poder captar, editar e publicar o conteúdo audiofônico de forma personalizada reforça o fenômeno *podcasting*, modificando o conceito do poder de emissão. O ouvinte pode alterar o fluxo de produção da mensagem sonora, descentralizando a emissão e recepção, tornando mais plural o contexto de produção e consumo dos conteúdos radiofônicos. (CARVALHO; PIERANTI, 2010 *apud* NEUBERGER, 2012, p. 144).

A partir dessa reflexão, observa-se um dos aspectos mais importantes para entender uma das características mais significativas dessa ferramenta, as relações que se estabelecem entre os milhares e mais distintos usuários. A comunicação de fácil acesso e os dados disponibilizados que são de infinitas fontes permeiam vários assuntos e pode traduzir-se em ferramenta didática para o trabalho com jovens e adultos da EJA.

O *Podcast* tem se destacado como dispositivo de uso na educação e divulgação científica, justamente por ter seu caráter altamente acessível de produção e de distribuição, em que a linguagem sonora traz um caminho de possibilidades criativas e interativas, a partir de opiniões e ideias que acabam por serem textos orais que têm a capacidade de transformar o processo de aprendizagem mais interessante e mais interativo no que diz respeito à linguagem.

O *Podcast* não pode ser caracterizado apenas como linguagem verbal, visto que possui vários elementos que o compõem, como o som e a linguagem sonora, composta por vários elementos que a caracterizam como tal. Assim, sua estrutura informativa tem dois objetivos importantes: a criação de imagens mentais através do mundo dos entrevistados e entrevistadores e como essas imagens reverberam no mundo real, daqueles que estão consumindo esse tipo de mídia.

Para que essa interação seja satisfatória é preciso que o repertório dos ouvintes, que no caso da pesquisa serão os alunos da EJA, esteja de acordo com o tema do programa em questão. Os assuntos devem ser de interesse deles e devem repercutir fortemente no tocante à sua maneira de se expressar e a cultura a qual pertencem. Por isso, atrela-se o gênero letra de música, a escuta e produção de *Podcast*, pois acredita-se que será de grande importância para os estudantes da EJA ouvir, ler músicas e discutir sobre os assuntos que nelas se apresentam, para que dessa maneira as aulas de Língua Portuguesa possam ter forte participação e grande aprendizado com a utilização desse dispositivo. Assim, quanto mais comuns foram as

estratégias de produção de significado, de codificação e de deciframento, mais eficaz será a relação emissor/receptor (BALSEBRE, 2005).

A intenção de utilizar o *Podcast* como um dos produtos resultantes da pesquisa se dá pelo fato de apresentar inúmeros fins educacionais de acesso à cultura e a criação de conteúdo próprio da comunidade escolhida para realizar a pesquisa. Como parte das oficinas, será proposto aos alunos a criação de um *Podcast* para melhor discutir aquilo que foi aprendido durante as aulas direcionadas para música preta da periferia, com ênfase na linguagem dessas músicas e do que elas apresentam enquanto sobreviventes do sistema excludente, ao qual estão inseridos.

Essa utilização se apresenta para inúmeras finalidades sejam elas, informativas, de entretenimento, educativas, de debates políticos e sociais e também de temas relacionados à autoestima e valorização da cultura de pessoas pretas. Será uma importante ferramenta para que a pesquisa atinja várias salas de aula e dessa maneira outros professores da EJA sintam-se motivados a trabalhar nessa perspectiva ouvindo o que os alunos têm a dizer sobre os assuntos elencados ao longo das aulas.

Esse importante dispositivo digital utiliza a linguagem sonora e toda sua complexidade de forma interativa e criativa. Balsebre (2005) lista quatro funções dos efeitos sonoros nas peças sonoras: ambiental, expressiva, narrativa e ornamental.

A *função ambiental* é responsável por dar um referencial espacial da cena como, por exemplo, localizar a ação em determinado local (buzina = trânsito, muito choro = velório). É também utilizada na associação com base em modelos referenciais, como por exemplo, o efeito sonoro de um trem que pode tanto informar o local de uma ação, como também, por associação, que o ouvinte construa a ideia de partida, despedida ou de algum acidente que tenha na memória afetiva.

A *função expressiva* desperta algum tipo de sentimento, emoção ou sensação. Utilizando o exemplo acima, é possível perceber que, quando o ouvinte constrói a ideia de partida e despedida pode ter sentimentos de alegria ou tristeza, dependendo do eixo narrativo da ação.

Já a *função narrativa* se desenvolve quando o efeito sonoro promove um nexo entre duas cenas da narração como, por exemplo, o cantar do galo para anunciar o dia. A função ornamental do efeito sonoro é utilizada para fins estéticos e não

funcionais, dá harmonia ao conjunto e fortalece o envolvimento afetivo do ouvinte e sua produção de imagens auditivas.

Assim, encontra-se no *Podcast* um importante momento das oficinas no que tange o processo educativo e participativo. Os sons, as palavras, as pausas e até mesmo o silêncio de quem está interagindo, remete aos sentimentos dos temas tratados e a uma interpretação rica e legítima dos sentimentos envolvidos, quando se traz para a sala de aula músicas que tratam da realidade dos alunos.

Como disse Balsebre (2005, p. 22) na sua Teoria Expressiva do Rádio, “o rádio é um produtor de sonhos para espectadores perfeitamente despertos” e o *Podcast* trouxe isso para o mundo digital e, espera-se que possa revelar-se instrumento facilitador de aprendizagem em salas de aula de EJA.

Sabe-se que a linguagem sonora tem o grande poder de estabelecer conexão, mais que satisfatória, com as várias práticas de aprendizagem, pois possibilita a integração e faz referências que geram em sala de aula processos criativos e dinâmicos, aumentando o poder de interpretação e apropriação dos textos (canções que estarão presentes nas oficinas). Assim, o *Podcast* será um grande aliado na promoção de diálogo e troca de experiências entre os alunos da EJA, que possuem saberes que precisam ser valorizados. Eles serão protagonistas importantes e poderão ter suas falas difundidas em canais como *youtube* entre outros.

Espera-se também, com o uso dessa ferramenta de narração e discussão que seja possível enquanto docente, compreender melhor as narrativas dos alunos, e enquanto mediador ser mais sensível aos assuntos que inquietam os alunos. É importante essa escuta ativa para desenvolver práticas mais efetivas que melhorem a leitura, a interpretação textual, a escrita e a fala de quem está no ambiente escolar.

Nesse contexto, se faz necessária a investigação de como os alunos responderão a esses estímulos, para que assim seja possível nortear as ações e concretizar os resultados da pesquisa. Espera-se que essa prática possibilite acessar mecanismos para uma comunicação e a reconfiguração cultural e social que se almeja com essa pesquisa.

## **CAPÍTULO II – LINGUAGEM EMERGENTE DA PERIFERIA: MÚSICAS PARA ESCUTAR, LER E RECONHECER A IDENTIDADE DO POVO PRETO**

É na sala de aula que o aluno tem a possibilidade de aprender os conteúdos que estão na matriz curricular, e também pode observar e refletir sua trajetória de vida, especialmente quando se trata da EJA. Ele pode ver-se enquanto sujeito transformador do mundo e de sua realidade local. É na escola que amplia a trajetória de autoconhecimento que pode elevar ao reconhecimento enquanto cidadão, ser pensante, sujeito da própria história.

Embora nosso trabalho esteja direcionado ao público da EJA, ele pode servir de incentivo a outros projetos sociais destinados a crianças, jovens e adultos de todas as idades, pois permite que o encanto que existe na escuta, leitura e interpretação de músicas possa incentivar a leitura e até mesmo a escrita.

A música entendida como um gênero textual falado e melódico possui em cada palavra uma ideia definida e muitas vezes concreta, porém passível de múltiplas interpretações, pois cada indivíduo possui uma maneira de adequar aquela mensagem ao seu aprendizado de acordo com sua história de vida, e isso tem um grande valor no tocante a pesquisa desse gênero, pois propicia que o aluno expresse a sua maneira de interpretar o texto, bem como, como aquele texto pode incentivar seu interesse pela leitura e interpretação de outros gêneros.

Esta pesquisa se ancora no valor que o gênero pode agregar na vida escolar, trazendo a perspectiva de tornar as aulas de leitura e interpretação textual um vínculo maior do aluno com o texto, também possibilitando uma abertura à leitura de outros textos. Quando o aluno lê e compreende um texto, sente-se estimulado a aumentar seu repertório de leitura, pois sua autoestima se fortalece, sobretudo nos alunos da EJA que estão em busca de aulas que os motivem a não desistir novamente da vida escolar.

Não se trata de forma alguma, de uma abstração vazia ou uma interpretação sem um rumo definido pelo texto proposto. Na verdade, a música, diferente de alguns textos que trazem mais dificuldades para os alunos, permite interpretação, execução e maneiras diferentes de apresentar uma proposta mais familiar para as aulas. A linguagem cantada traz a possibilidade de ampliar o repertório da linguagem falada enriquecendo-o.

Neste capítulo trazemos o conceito de música/canção, abordando algumas mensagens importantes que a música com sua linguagem e representatividade cultural pode contribuir para o ensino-aprendizado de textos em Língua Portuguesa.

## **2.1 O Gênero Letra de Música: leitura e interpretação**

A música como objeto de estudo, enquanto gênero textual nas aulas de português, nos proporciona uma riqueza de material a ser interpretado, pois trata de vários temas que agregam valores como representatividade, autoestima e reconhecimento cultural. Ao longo de nossas aulas de português, observamos que a música serve de estímulo para muitos alunos, pois torna o ambiente de sala de aula mais dinâmico e descontraído, até mesmo, quando trata de assuntos tristes ou polêmicos.

Na música encontramos metáforas, ambiguidades, jogos de palavras e símbolos, uso de gírias entre outros recursos que proporcionam ao aluno várias possibilidades interpretativas e uma variedade de pensamentos e compreensões que são importantes para entender que o texto vai além daqueles privilegiados nos livros didáticos.

A música/canção que é estudada como gênero letra de música exerce uma relação dialógica entre o sujeito e o gênero estudado, dando a possibilidade de debates que promovem o melhor entendimento da leitura e da interpretação textual, o que também contribui para aquisição da escrita.

A canção é polifônica, no meu entender, sobretudo por ser uma produção coletiva. Em uma única canção popular ouve-se de uma só vez uma torrente de vozes que advém seja do(s) autor(es), do cantor, dos personagens figurados na canção, do arranjador, dos instrumentistas, do produtor musical, da gravadora, do meio de comunicação que a veicula, etc. (COSTA, 2007, p.25).

Ao trazermos determinados estilos de música para as aulas de português observamos que a variedade de falas dentro desse gênero permite que o aluno possa identificar-se com o que é dito, o que é importantíssimo para promover a autoestima e a sensação de pertencimento. O espaço para se posicionar daqueles menos favorecidos é encontrado e a autoconfiança aumenta, pois percebe que consegue ler

e entender o que é dito em muitas canções já conhecidas, mas nunca tinha parado pra analisar de maneira crítica e interpretativa.

A canção não apenas acompanha nossas vidas, como trilha sonora, como já se tem admitido no senso comum, mas exprime e procura nelas intervir. Se estamos efetivamente ligados a uma pessoa, a canção presencia e presentifica essa ligação: está presente e torna presente, na medida em que nos evoca o ser amado, fazendo-nos viver ou reviver o sentimento. Como diz Chico Buarque, em “Qualquer canção” (1980), a canção não faz brotar amor e amantes, mas se essa canção nos toca o coração o amor brota melhor que antes (COSTA, 2007, p.27)

Conforme o exposto, a música tem o poder de despertar a vontade de compreender o texto, de entender qual a mensagem que ele nos passa, o que infelizmente nas salas de aula de nosso país nem sempre acontece com outros textos didáticos. Com o gênero letra de música, inserido nas aulas, observamos que o estado de percepção e entendimento do texto se dá de maneira mais satisfatória levando em consideração a idade e os interesses dos alunos da periferia que nem sempre têm a oportunidade de se verem representados nos textos dos seus livros didáticos. Ao percebermos isso, decidimos inserir com mais afinco a música, em especial, a que toca nos bairros periféricos e que retrata pessoas pretas e de menor poder aquisitivo. Elas podem sentir-se contempladas nas histórias de amor, dores, sofrimento e resistência, bem como na luta por seus direitos básicos.

Nossa pesquisa busca no mundo real dos estudantes o que lhe é inerente, trazendo à tona tudo que é vivido pelos alunos em seus cotidianos expressados nos textos das canções. Isso implica nas experiências individuais e coletivas da sala de aula, permitindo a desinvisibilização da cultura marginal e legitimando os múltiplos falares contidos na música da periferia, sem nos atentar a qualquer tipo de preconceito linguístico.

O que desejamos é promover a interpretação textual para que o aluno seja capaz de ler e compreender qualquer texto, seja ele canção ou não. Aqui a música serve como o início de um aprendizado para que o leitor se sinta capaz de, a partir desta experiência, estar seguro para ler, compreender e interpretar qualquer texto.

Tudo precisa de um começo e observamos que com a música esse início de compreensão se dá de maneira mais suave fazendo com que os alunos tomem gosto pela leitura, pois se sentem capazes de ler e compreender, pois é do nosso conhecimento que nas escolas de todo o país esse é um dos maiores desafios.

Um dos principais fatores que observamos ao usar a música nas aulas de língua portuguesa, é o de que precisamos também formar leitores ouvintes mais sensíveis ao enorme patrimônio que é a música popular, vista como linguagem emergente; é torná-los sensíveis aos ritmos e letras, que já fazem parte daquilo que eles consomem em termos musicais, mas que nem todos param pra refletir sobre sua importância e sobre as metáforas que lidam com questões pessoais e próximas das suas múltiplas realidades.

Todo povo tem sua história musical. O Brasil tem raízes indígenas, negras, portuguesas e de outros imigrantes que aqui chegaram. Ao longo dos anos, muitos ritmos se mesclam criando um verdadeiro e rico acervo que hoje reverbera na música popular, ouvidas nas periferias de todo país. A música preta em sua grande maioria tenta tratar de assuntos que impulsionam a cultura e os costumes das pessoas mais carentes, com menor poder aquisitivo e muitas vezes sem acesso às condições básicas para se ter uma vida digna. Em outros casos, a música preta, discute questões de superação, de como sobreviver apesar de todo o preconceito e discriminação sofridos.

A EJA é um conjunto de vivências que nos faz contemplar e participar, enquanto educadores e sujeitos, diretamente com a construção cultural, social e histórica, ou seja, as práticas educacionais que propomos leva em consideração que nossos alunos, em sua grande maioria, já estão vivenciando a fase adulta, porém, vale salientar que em muitas salas de aula tem adolescentes que são matriculados a partir dos quinze anos por vários motivos, que perpassam desde a indisciplina ou a necessidade de trabalhar para sustentar suas famílias, e assim necessitam entrar nessa modalidade.

Nesse processo educacional é importante que o olhar dos educadores esteja atento às necessidades dessa pluralidade de faixa etária e motivados a pesquisar por meio do gênero letra de música, a realidade de todos, buscando o que eles têm em comum – um ambiente periférico, onde todos, de alguma maneira lidam com várias formas de segregação.

Mais uma vez consideramos importante e didático que a prática docente possa utilizar o gênero letra de música, pois ele tem potencial para sensibilizar e envolver todos os alunos. Desde os mais idosos, com filhos e netos que consomem e conhecem o que é tocado em rádios e equipamentos eletrônicos, como os

adolescentes que procuram na música negra periférica seu lugar de fala, a representatividade e o reconhecimento de sua maneira de se comunicar e ver o mundo.

Sabemos que as trajetórias de vida dos alunos da EJA são distintas, mas o foco da pesquisa é naquilo que pode unir e viabilizar o aprendizado em leitura e escrita com qualidade e de maneira efetiva. Seus anseios, angústias, alegrias e tristezas precisam estar em discussão no objeto de estudo.

Existe, portanto, uma variabilidade de formas de conceber, viver e ser jovem e adulto nas diferentes sociedades e culturas. Podemos dizer que as representações sobre a juventude, a vida adulta, a velhice, a posição social desses sujeitos e o tratamento que lhes é dado na sociedade ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos. Estamos, então, diante de um processo de periodização da vida, presentes nas mais diversas culturas (GOMES, 2011, p.88).

Dessa forma, a pesquisa em EJA fora pensada na perspectiva de compreender as etapas da vida em toda sua pluralidade e independente de critérios sociais engessados pelo sistema excludente. O olhar foi direcionado em toda a amplitude, para que toda a diversidade presente na sala de aula fosse atingida e produzisse aprendizado.

Afirmar que as categorias de idade são construções culturais e que mudam historicamente não significa dizer que elas não tenham efetividade. Essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo diferentes direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios. (...) Categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos (DEBERT, 2003, p.23)

Somente a ampliação do entendimento da prática de EJA, dentro desse olhar diversificado e respeitando a representatividade étnica e cultural de cada aluno que encontramos um caminho para desenvolver a pesquisa e melhorar os níveis de aprendizado, sobretudo quando pensamos com bastante atenção nas questões raciais, pois ainda esbarramos em muitas dificuldades que fazem a desigualdade distanciar os menos favorecidos (em sua maioria preta) das salas de aula.

Gênero, raça e sexualidade precisam ser entendidos como partes importantes da modalidade EJA, pois expressam a vida e as relações estabelecidas entre essas

peças já que a forma como negros e brancos lidam com a sensação de pertencimento são múltiplas e muitas vezes cruéis e equivocadas devido as experiências não tão positivas na escola, no trabalho, na comunidade e em outros processos educativos e sociais dentro e fora da escola.

Propomos através de oficinas, disponibilizadas no terceiro capítulo deste trabalho, a reflexão sobre gênero, raça, sexualidade entre outras questões, que infelizmente passam despercebidas em muitas salas de aula, fazendo com que o público atendido da EJA conclua o ensino fundamental sem entender ou poder opinar sobre essas questões que os envolve.

A pesquisa também nos levou a compreender como esses sujeitos negros, brancos e pardos lidam com suas questões mais profundas e também possibilitou que expressem, através das aulas, seu ponto de vista. Essa discussão também pode reverberar nos espaços fora da escola, ou seja, nos seus ambientes de trabalho, em suas casas, nos espaços religiosos, entre os amigos e parceiros e na família. A aquisição dessa cultura enriquece o debate em todos os âmbitos, inclusive possibilita a continuidade da formação na etapa do ensino médio.

A transformação de uma sociedade não se dá de forma rápida, repentina, mas a escola é o principal referencial da maioria das pessoas que vivem na periferia e a luta pelos direitos a igualdade em vários âmbitos tem tomado mais força nos últimos tempos, justamente porque essas discussões foram levadas para os centros comunitários e para a periferia por meio dos compositores pretos que ganharam notoriedade e buscam trazer para o povo preto a oportunidade de aprender sobre suas raízes sem sentirem-se diminuídos pela cultura do branco colonizador.

A educação de jovens e adultos (EJA) tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzam e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e os adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos. Pensar a realidade da EJA hoje é pensar a realidade dos jovens adultos e excluídos (ARROYO, 2001, p.10).

O gênero letra de música tem o poder de trazer à tona todas essas discussões e ainda promover leitura, escrita e interpretação textual de forma efetiva e com consciência de classe. O movimento negro lutou e fez com que a discussão sobre esse tema viesse a desencadear um debate público que reverberou nas práticas curriculares escolares da educação básica e das universidades. Na EJA esse debate

precisa ser intensificado, e nós, professores pesquisadores, estamos atentos a essa demanda e podemos observar vários estudos como esse, que visam difundir a diversidade em nossas aulas.

## 2.2 Música preta de Periferia: linguagem emergente e representatividade cultural

Quando um compositor nasce e cresce na periferia, ele procura falar não só da sua experiência de vida, mas da realidade de toda uma comunidade. A cantora e compositora Iza (2018), em sua canção “Dona de mim”, nos relata as quedas e tristezas da mulher preta dentro de uma sociedade que a enxerga apenas como um corpo objetivado, um corpo sexualizado.

No campo dos relacionamentos afetivos, tende a fazer com que as pessoas negras sejam instrumentalizadas, percebidas, por meio de um fetiche racista estúpido, antes como objetos eróticos privilegiados do que como plenos sujeitos para uma relação amorosa. Entre outras diversas consequências que, presumo, as pessoas que sofrem com esse preconceito poderiam identificar” (BOSCO, 2017, p. 133).

Não é objetivo da música da periferia, pelo menos em sua maioria, tomar como objeto de *fetiche* as pessoas que lá se estabelecem, muito embora existam letras que assim o façam, porém não é nosso interesse trazer conteúdos como esse para as aulas da EJA. O objetivo é trabalhar com crianças, jovens e adultos que é possível vencer esse estereótipo e se transformar em um sujeito respeitável. O que não significa que não ficaram cicatrizes, mas servem para lembrar uma luta que sabemos não está próxima do seu fim.

Já me perdi tentando me encontrar, já fui embora querendo nem voltar. Penso duas vezes antes de falar porque a vida é louca, mano, a vida é louca. Sempre fiquei quieta, agora vou falar: se você tem boca, aprende a usar! Sei do meu valor e a cotação é dólar, porque a vida é louca, mano, a vida é louca! Me perdi pelo caminho, mas não paro, não. Já chorei mares e rios, mas não afogo, não. Sempre dou o meu jeitinho é bruto, mas é com carinho porque Deus me fez assim: Dona de mim! (CARVALHO; MARQUES, 2018)

No trecho é possível observar que a história acadêmica dos alunos não é linear, é atravessada muitas vezes por problemas sociais que fazem com sejam interrompidos os estudos, e a vontade de voltar a sala de aula nem sempre é feita de imediato, pois como a canção relata, usando a gíria como metáfora “a vida é louca,

mano”. Percebemos também a importância de usar a língua para se fazer entender quando a canção faz referência a “saber usar a boca” no sentido de não se calar e de se fazer entender, mesmo que por meio da linguagem observada na canção, típica da comunidade. Ainda sobre o trecho, destacamos que muitos dos nossos alunos se perdem no caminho e se reencontram mais tarde na sala de aula, pois não desistiram. Esse afastamento, segundo a canção, traz dor e sofrimento, ao contrário do que pensa a classe dominante, que vê o aluno da periferia como alguém que não tem vontade de estudar. Não se trata de vontade, e sim das condições dignas para manter sua família e estudar, concomitantemente.

Ser jovem, talentoso e negro é possível. O que felizmente podemos observar é que milhares de jovens desfavorecidos estão ultrapassando as mais variadas barreiras, a ponto de se transformarem em modelos sociais para outros jovens e adultos pretos da periferia. O que pode ser feito, nesse sentido, para divulgar ainda mais esses perfis e trazer a sensação de pertencimento aos alunos pretos, seria também, trabalhar o gênero letra de música em sala de aula. Lendo, interpretando a linguagem usada e usando as histórias de vida para incentivar os alunos a procurarem saídas na escola e nas universidades, promovendo uma maior ocupação de espaços onde outrora somente a maioria branca privilegiada, dominava.

Na canção interpretada pela cantora negra Iza, o termo “Dona de Mim” demonstra que o jovem e o adulto pode tomar as rédeas da sua vida em vários campos, principalmente no que diz respeito aos estudos, pois estando fora de faixa, pode aproveitar a maturidade que lhe é pertinente e usá-la a seu favor para transcender as barreiras que a sociedade impôs durante sua jornada e concluir seus estudos, visto que muitas portas serão abertas se aquele jovem ou adulto conseguir ler e escrever com segurança e habilidade. Essa é uma questão problemática, de justiça social, pois existem desdobramentos socioeconômicos relevantes nesse percurso.

A marginalização de uma parcela da sociedade preta da periferia influencia diretamente as suas aspirações e, conseqüentemente, os resultados atingidos. É nesse contexto, que emergiu a importância do gênero letra de música nas aulas de língua portuguesa, promovendo a autoestima dos estudantes e fazendo com que a linguagem muitas vezes marginalizada pela maioria branca, seja retratada como reflexo cultural positivo, já que estes, quando olham ao seu redor, geralmente, não

têm outros como espelho. Quando olham para o futuro, independentemente do nível de dedicação, as possibilidades de avanço não geram entusiasmo, então, trazendo esses compositores para as aulas, promovemos o reconhecimento cultural e reconhecemos os falares da periferia que possuem valor e significados específicos de uma comunidade que busca expressão e lugar de fala num mundo globalizado e tomado pela elite branca que marginaliza tudo que é coisa de preto, pobre e favelado. Podemos lembrar em um trecho da canção a seguir:

É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado. É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado. O nosso som não tem idade, não tem raça e nem vê cor, mas a sociedade pra gente não dá valor. Só querem nos criticar pensam que somos animais, se existia o lado ruim hoje não existe mais. Porque o funkeiro de hoje em dia caiu na real. Essa história de porrada, isso é coisa banal. Agora pare e pense, se ligue na resposta, se ontem foi a tempestade hoje vira a bonança (CUNHA; FILHO; VELOSO, 2005).

Intervenções, como as de uma canção como esta, em sala de aula, pode afetar as aspirações e, por conseguinte, representam um mecanismo complementar para lidar com a pobreza e gerar mobilidade socioeconômica através da exaltação da música e do local onde ela é produzida e das pessoas que a compuseram.

No *funk*, que fez muito sucesso no ano de 2005, e é referência para jovens de muitas comunidades de todo o Brasil, observamos uma linguagem muito marcante das músicas produzidas nas periferias de todo o país. O uso de gírias, a exaltação da batida, e o protesto no tocante há como grande parte da sociedade mais rica se comporta perante o gênero letra de música fica evidenciada. O que não impede de observarmos no discurso a mensagem de autovalorização cultural e de consciência de classe, bem como de lugar de fala.

A música expõe também que o jovem “funkeiro” toma consciência dos seus direitos e da sua importância enquanto sujeito na sociedade além de finalmente nos deixar uma mensagem de otimismo que através da metáfora tempestade/bonança pode levar nossos alunos a refletir acerca das dificuldades produzidas pelos sistemas sociais desiguais em que estão imersos.

Estamos, através do gênero textual música e dessa linguagem tão própria das comunidades, reafirmando a certeza de que é possível fazer educação pública, de qualidade pensando na inclusão da diversidade sociocultural. Observamos que:

Infelizmente existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português. (Imagine se alguém fosse falar inglês ou francês do jeito que se escreve!) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a corrigir quem fala “muluque”, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas (BAGNO, 1999. p.52).

Sabemos que a linguagem literária pode trazer um sentimento de privilégio aos mais favorecidos em detrimento a linguagem marginal, ou seja, aquela que se afasta do cânone da academia e que se aproxima dos mais oprimidos, porém, de acordo com o que Bagno (1999) nos propõe, não devemos interditar as várias manifestações artísticas e culturais que possam trazer em seu cerne o português que se afasta da gramática “cultura”, visto que, a intenção dos interlocutores se dá quando falamos e somos compreendidos.

Na periferia, esse fenômeno se dá de forma muito efetiva pela linguagem do gênero letra de música que possui licença poética para se utilizar de gírias entre outras variações linguísticas que enriquecem essa sensação de representatividade e pertencimento cultural diversificado.

O preconceito linguístico muitas vezes está presente nas aulas de português e esse problema precisa ser identificado principalmente pelos professores que necessitam ter um olhar diferenciado para o local onde exercem sua função social de educador. Formar pessoas respeitando suas particularidades linguísticas e sociais já faz parte do trabalho, desde quando começamos a jornada nas escolas públicas de periferia da cidade de Fortaleza/CE, pois temos consciência das variedades sociais e dos vários falares que em determinados usos propiciam melhor interação.

A linguagem marginal necessita desse reconhecimento cultural e a partir da prática docente, valorizar todas as formas de comunicação, desde que contribuam para a representatividade cultural e o desenvolvimento crítico e educacional, seja nas aulas de interpretação textual, leitura, escrita ou de conteúdos gramaticais. Para tanto, nos apoiamos nos estudos que são produzidos e que tem como foco esse olhar diferenciado:

A diferenciação social, em função das características do grupo a que pertence o falante, ou das circunstâncias em que se dá a comunicação, leva a variedades sociais, que ocorrem em grupos caracterizados por idade, sexo,

classe social, entre outros, e a níveis de fala, ou registros, determinados pelo uso que o falante faz da língua em função da maior ou menor formalidade da situação de interação. Tal como não se pode falar de inferioridade ou superioridade entre línguas, mas apenas de diferenças (SOARES, 2001.p.62).

Pensando do ponto de vista linguístico e sociolinguístico não podemos reproduzir nas aulas de língua portuguesa da EJA esses preconceitos, pois deixaríamos de valorizar a região do país, onde os alunos estão inseridos, bem como seríamos reprodutores do preconceito que já sofrem em vários ambientes onde são marginalizados.

A linguagem e a representatividade precisam cumprir seu papel não somente de denúncia, mas também de promover a valorização do preto na sociedade. Saber que os alunos da EJA podem alcançar níveis elevados da educação, retirando-os de situações de marginalidade em que o crime os torna reféns do medo e da morte. Na canção a seguir, observamos uma linguagem que promove esse sentimento e remete a uma mensagem de esperança e superação:

A nossa escola sempre é cara, O tempo é rei, disso eu sei o relógio não para!  
 Cara ferida sara, mas na alma não tem cura na sua arrogância ou na sua  
 humildade pura. Se segura o que te ofereço é muito bom, é força e poder,  
 dom, através do som eu digo, cada degrau a gente aprende a sofrer, viver,  
 morrer, sorrir e a chorar. Chorar pelo passado, pagar pelos pecados contando  
 cada sombra no seu sonho atormentado, enfraquecido injustiçado se  
 afogando no mar. Eu 'to lá lado a lado com fé no coração, Nem que pra isso  
 eu amanheça dormindo no chão, mermão. Esse é meu caminho, nele eu vou,  
 Eu gosto de pensar que a luz do sol vai iluminar o meu amanhecer, Mas se  
 na manhã o sol não surgir por traz das nuvens cinza tudo vai mudar, a chuva  
 abraçará e o berço vai abrir a luz de um novo dia sempre vai estar pra clarear  
 você, Pra iluminar você, Pra proteger, Pra inspirar e alimentar você (ROCK,  
 2013)

No início do trecho, observamos o valor que a escola possui para a comunidade. Ela é valorizada e muitas vezes é o único ambiente saudável para socialização e transformação da realidade, por isso é chamada de “cara”, no sentido de que possui valor imprescindível e que é reconhecida pelos compositores. Isso serviu de alerta quando o trecho fora colocado para os alunos interpretarem e pensarem a respeito da letra da canção. O sentido de “cara” remete tanto ao valor positivo quanto negativo, no sentido de não ter acesso a escola, em função do ambiente geográfico marginalizado ou porque precisam trabalhar para sustentar suas famílias.

Observamos na letra da canção, verbos como sorrir, chorar, morrer e viver que traduzem o cotidiano dos alunos pretos da periferia. Nesse momento a interação que existe ao levar esse texto para as aulas é transformadora, visto que apesar das dificuldades, são levados a refletir sobre a realidade social desigual. A expressão manter a “fé no coração” simboliza resistência e força de luta para superar os sistemas de marginalização em que são colocados.

Para muitas pessoas, pode ser somente uma canção, mas se contextualizada em sala de aula com as experiências de vida de cada aluno, se transforma em um texto que se aproxima da realidade vivida e alcança seu objetivo de comunicar, passar a mensagem, e ter um bom nível de interpretação e leitura, já que se aproxima daquilo que é vivido todos os dias. A canção oferece uma resposta possível ao impasse da representatividade cultural e da inserção das classes menos favorecidas no tocante a melhorias na qualidade de vida.

Além de proporcionar uma atividade de subjetivação, em que cada pessoa tem a possibilidade de expressar sua afetividade, anotando o que sente no momento de escuta ativa, a apreciação musical também gera a atividade de objetivação, ao ter de identificar elementos captados pela exploração auditiva do material sonoro. Assim, quando o sujeito procura entender a subjetivação em jogo há um momento de organização mental que pode ser enriquecida com a reflexão coletiva posterior (KEBACH, 2009. P.105)

Respeitando o nível de compreensão e absorção do conteúdo do texto de cada aluno, as trocas que acontecem são bem diversificadas e essa interação influencia de maneira positiva e construtiva, permitindo a relação de diversos pontos de vista, confluindo para o mesmo objetivo. Sentir-se parte da aula e reconhecendo sua história pessoal refletida em cada texto facilitando assim a leitura, interpretação e contribuindo para a escrita.

### **2.3 Os compositores pretos que fazem da sala de aula um levante político e cultural**

O gênero letra música faz parte da vida de todas as pessoas e na escola, certamente envolve a vida da professora pesquisadora e dos alunos e curiosamente, esse gênero textual polifônico compõe os estudos de língua portuguesa na EJA de uma maneira muito enriquecedora, cultivando o interesse dos alunos através da

afetividade, identificação e empatia que os diversos temas podem fomentar. Obviamente, nem todos os temas propostos pelo gênero letra de música trazem sentimentos positivos, porém na pesquisa é necessário além de tratar temas sociais que promovam a autoestima, trazer questões que abordam assuntos necessários para gerar um senso crítico ou fazer com que os alunos possam expor através de suas ações interpretativas a imagem que eles desenham da sociedade a qual fazem parte.

Na década de 1980, nosso país viveu vários problemas políticos e sociais que envolviam diretamente a comunidade das favelas. As pessoas negras que lá residiam eram vítimas da falta de atenção social e encontravam-se abandonadas pelo estado que chegou a proibir que mulheres negras engravidassem numa tentativa de “embranquecimento” da população brasileira.

Era um período de transição da pós-ditadura militar para o regime democrático, e foi nesse contexto social que nasceu uma das bandas precursoras da música preta de periferia, feita para pessoas pretas, ou seja, nasceu a linguagem que eles mesmos intitularam “de preto pra preto”. Estamos falando dos compositores Racionais MC’S, que eram e são até hoje, aqueles que produzem música com letras de protesto, resistência e enfrentamento. Faz parte das condições as quais eles são submetidos; sobre isso destacamos:

As condições sociais extremamente injustas sob as quais vivemos instauram um campo de possibilidades sujeito a todos os tipos de violência. Enquanto essas condições não forem profundamente modificadas, pedir às pessoas que sofrem graves injustiças cotidianas ‘ponderação’, ‘civildade’ ou obediência a um imperativo categórico tem algo de inútil, e até de ridículo. Um ganho de consciência em larga escala da justiça dos pleitos identitários contribuirá para que as condições de injustiça social sejam modificadas. “É pelo que eles lutam” (BOSCO, 2017, p. 189)

Com o passar dos anos e envoltos em muitas polêmicas e questões com a justiça, justamente devido às letras de protesto, os cantores e compositores de periferia perceberam que tinham um grande acesso aos jovens pretos e pobres da comunidade, a partir daí esses compositores começaram a procurar os movimentos negros agrupados, à época, nas periferias da capital de São Paulo e conheceram o pensamento crítico dos poucos negros que frequentavam a universidade. Isso serviu para que as letras das canções tivessem ainda mais poder de atingir seus objetivos. Com suas letras que visavam promover uma revolução na maneira como as pessoas pretas se enxergavam como sujeitos, estes artistas tentavam engajar os pretos em

questões que precisariam mudar, trazendo à tona o verdadeiro valor que lhes fora negado pelo Estado e, pela música, ajuda-los tirar a libertarem-se. Usando esse gênero em sala de aula na escola, é possível trazer um levante político e a consciência de que é possível mudar através da conscientização, a maneira que os menos favorecidos vivem.

Vejamos um trecho a seguir da música intitulada “Negro limitado”:

Você não me escuta ou não entende o que eu falo, procuro te dar um toque e sou chamado de preto otário, atrasado, revoltado. Pode crê! Estamos jogando com um baralho marcado, não quero ser o mais certo e sim o mano esperto. Não sei se você me entende, mas eu distingo o errado do certo. Hei mano, você vai continuar com essas ideias você 'tá me tirando? Dá licença a verdade é que enquanto eu reparo meus erros você sequer admite os seus. Limitado é seu pensamento (...). Porque é a nossa destruição que eles querem. Física e mentalmente, o mais que puderem! Você sabe do que estou falando. Não são um dia nem dois são mais de quatrocentos anos. Filho é fácil qualquer um faz, mas criá-los, não, você não é capaz. Ele nasce, cresce, e o que acontece? Sem referência a seguir, 'cê terá que ouvir! Um mau aluno na escola certamente, ele será mais um menino confuso no quarto escuro da ignorância. Se o futuro é das crianças talvez um dia de você ele se orgulhará. Você tem duas saídas: ter consciência, ou, se afogar na sua própria indiferença. Escolha o seu caminho (menos um vírus). Ser um verdadeiro preto, puro e formado ou ser apenas mais um negro limitado (ALVES; PEREIRA 1992).

O apelo aos mais jovens para uma escolha positiva é bastante presente. Usando a linguagem própria da comunidade da periferia, dirigem-se diretamente aos mais jovens na tentativa de conscientizar para os perigos que as comunidades oferecem aos mais carentes e em situação de vulnerabilidade. Eles alertam que a violência nas comunidades abrevia a vida da maioria dos jovens pretos e faz referência aos anos de 1992, quase 400 anos de escravidão, remetendo que apesar da abolição da escravatura a realidade do povo preto pouco mudou.

Outro ponto que deve ser destacado é com é tratado na letra da canção a importância que o compositor atribui a escola e as crianças quando afirma que não é possível que o negro se afogue em sua própria ignorância, e por meio da escola e da educação os jovens podem lutar contra o que a sociedade deseja para eles, morte e exclusão.

Ao final do trecho, o compositor apela para que o jovem preto escolha o seu caminho para que seja um preto bem sucedido e fuja da limitação que a sociedade impõe, visto que, o título da canção nada mais é que uma crítica que faz a sociedade,

que acredita que o povo preto, pobre da periferia é. Para eles somos apenas “um preto limitado”.

Promover o letramento através da música configura uma tarefa que abrange o lado social que a escola possui. Nesse caso, música e sociedade estão ligadas por fatores que acima já foram ditos, mas que gostaríamos de enfatizar de maneira que fique claro nosso objetivo em sala, promover a autoestima e a diversidade cultural através da linguagem emergente da periferia. Nesse sentido a interação do aluno com o texto enriquece as aulas e promove a sensação de pertencimento que o aluno precisa ter com a escola. Dito isso destacamos:

Antes de chegar ao enunciado é preciso tratar das formas e dos tipos de interação verbal, em ligação com as condições concretas em que se realizam as formas das enunciações conectadas com a dinâmica da vida e a criação ideológica a que os enunciados se prestam nas interações verbais. Para iniciar uma discussão com as singularidades do uso da linguagem inscrita e da inscrita no universo do hip-hop, tomo como válidas as perspectivas de novos estudos de letramento, que compreendem as práticas de letramentos como múltiplas e historicamente situadas (SOUZA, 2011. p.34).

Saindo do contexto histórico dos anos 80 e trazendo essa linguagem e estética da música preta de periferia para dos dias atuais, observamos que a quantidade de grupos musicais que trabalham com os temas sociais aumentou e se espalhou por todos os lugares do país atingindo até alguns jovens das camadas mais favorecidas que se preocupam com questões sociais.

As comunidades se organizaram de maneira a unir as “minorias” que se configuram maiorias a lutar pelos seus direitos em tempos onde o fascismo ganhou bastante força, principalmente depois dos golpes políticos que o país sofreu antes das eleições de 2022.

A educação perdeu muito nos últimos quatro anos de governo Bolsonaro (2019-2022), na qual o preconceito racial, a homofobia, a transfobia, a misoginia entre outras doenças sociais ganhou voz no discurso do referido governo. Porém a periferia não se calou. A produção musical, ou seja, os textos produzidos pelo povo preto da periferia ecoaram contra as desigualdades sociais impostas pelo sistema fascista vigente no país. Isso sem falar no descaso que todo o país sofreu durante a pandemia do vírus covid-19 que prejudicou e matou milhares de brasileiros.

A voz do povo preto não se calou durante esse processo. Ao contrário do que se pensa, a produção cultural foi muito impactante, gerando letras muito fortes com

protestos explícitos e linguagem reivindicatória, nada mais do que uma resposta ao que as comunidades carentes estavam vivendo em meio ao caos que o governo permitiu que acontecesse.

O levante político e cultural que aconteceu nas comunidades foi levado para as salas de aula do ensino remoto e posteriormente do ensino regular, quando as aulas voltaram a ser presenciais. Destacamos que a música de protesto, produzida na favela, continua sendo a maneira que encontramos para que a representatividade se faça presente em todos os lugares que o povo preto pisa.

No trecho da canção a seguir, observamos a linguagem muito impactante que chama atenção pela motivação ideológica:

Idolatrando fascista, apoiando a tortura e o povo manipulado quer te pôr no poder. Eu sou a guerra civil, não temo sua ditadura e se alguém tem que morrer, então que morra você! Cês falam em nome de Deus, mas são o diabo e o seu conceito de família anda atrasado. Sou Marielle e Mestre Moa, eu vim da lama lapidado, pique diamante de Serra Leoa! Eu tô aqui, meu sangue ferve na verve do caos e a minoria que eu sou, não faz parte dos maus. Tem ódio em ver o filho do pedreiro se formar, porque seu pai pagou 10 anos de faculdade particular! E você segue sendo nada, mas fala demais, eu também luto pro passado, pros meus ancestrais. Tenho aversão à homofobia, fascismo e messias! Eu sou pequeno e na pedrada eu derrubo os Golias. Vocês mataram 30 mil e alguns deles são meus. Cês tão profetizando votos igual fariseus que não acaba com esse vai e vem samsara e os pensamento tão mais sujos que seu próprio pau de arara [...]. (DJONGA, 2018)

O cantor e compositor preto Djonga é fruto do que os Racionais MC's plantaram nas décadas de 1980 até os dias atuais. Observamos a profunda crítica social e o levante contra a política vigente no país. Essa linguagem por ele utilizada é fruto do local onde nasceu, cresceu e hoje cria seus filhos. A raiva, a revolta, o protesto e a sensação de injustiça são representados por frases fortes e impactantes bem como a crítica que faz as pessoas que marginalizam a figura do preto dentro das universidades.

É muito comum o jovem preto se deparar com preconceito quando ascende socialmente através da educação pública, pois na maioria das universidades públicas de nosso país a maior parte dos alunos advém das classes mais favorecidas, ou seja, dos ricos que governam o país. Quando isso começou a mudar muitos se sentiram incomodados, pois os pretos estavam ocupando espaços que outrora não eram vistos. O povo preto, com muita dificuldade, quebra as barreiras do preconceito e das desigualdades sociais para ocupar espaços que antes lhes eram negados e a letra da

música retrata, além de outras questões, a revolta dos mais ricos, pois o pobre não pode estar onde quer.

As músicas que o compositor Djonga produz são muito polêmicas. Uma das frases que mais reverberou em sua trajetória musical e fez com que os holofotes da mídia se voltassem para ele foi “fogo nos racistas”. Em um de seus shows na cidade de São Paulo no ano de 2022 colocou um homem branco sendo queimado em cima do palco, como obviamente era uma encenação, porém chocou e ainda provoca controvérsias para muitos que acreditam que a violência não pode ser combatida dessa maneira. Mesmo assim, nas periferias de todo o Brasil e nas salas de aula da EJA esse assunto foi discutido gerando bastante polêmica.

Os alunos pretos que já foram parados pela polícia, unicamente por serem pretos se colocam a favor da frase em seu sentido metafórico, pois alegam que só quem é preto pode ter lugar de fala para sentir o que é o racismo e como as estruturas sociais oprimem o preto, mesmo que este não esteja inserido num ambiente marginalizado. Os noticiários provam isso quando reportam casos de racismo em *shoppings* e restaurantes de luxo. Logo, os debates que as letras do compositor proporcionam na EJA são sempre muito enriquecedores e ajudam a esclarecer e formar opiniões, mesmo que fomentem revolta.

Para enriquecer ainda mais o conteúdo do gênero letra de música dentro da sala de aula da periferia, trazemos a seguir outro compositor preto, nascido e criado nas favelas. Conhecido por Emicida, mesmo sendo mais jovem, tem sua trajetória também inspirada pelo movimento de música preta, iniciado nos anos de 1980. Sua linguagem também reflete o ambiente onde vive e suas letras retratam o cotidiano de jovens pretos que sofrem preconceito e são marginalizados.

Nego fujão de alma vazia com banzo tudo confuso, de capuz cabisbaixo no último banco do buzo, repelindo ódio, procurando razão pra viver, problema pra nós num é morrer, foda é num ter o porque. Distância faz desconhecer, desconhecer trás o medo, o medo faz agir... Cê sabe como termina o enredo. (...) Quantos se foram? Quantos ainda vão? será que eles q se foram mais cedo, foram em vão? Ser favelado é ser soldado de bandeira nenhuma. Desconfiar dos dois lados sem temer coisa alguma, nasceu no meio da guerra então se acostuma, vou até o fim tiu, eu sou assim tiu (...). Quantos Einstein vão pra vala por causa de um par de Nike? (EMICIDA, 2009)

Nesse trecho, observamos com atenção o comportamento do jovem preto marginalizado. A gíria *banzo* nos traz a ideia de alguém pensativo e confuso, ao passo

que no decorrer do trecho esse sujeito encontra-se tentando afastar o sentimento de ódio que o rodeia mediante as condições de medo de morrer, e tristeza pelos amigos que se foram cedo demais em virtude de estarem inseridos em um ambiente violento e onde o crime toma conta de suas vidas. Também observamos questionamentos que são feitos no tocante à brevidade da vida que se tem nas comunidades, visto que, muitos nascem e, ainda crianças, morrem em um ambiente bélico que ele chama de guerra.

Outro ponto que salientamos, é o de quando reconhece que existe potencial nesses jovens inteligentes que designa de Einstein, mas que não têm oportunidade de se desenvolver na vida escolar, justamente pelo ambiente destrutivo no qual se encontram. A reflexão proposta nas aulas com a EJA é a seguinte: Falhamos enquanto escola? O que fez vocês afastarem-se do ambiente escolar? O que podemos fazer para que vocês não se afastem novamente e como manter seus filhos e netos no ambiente escolar?

Essas respostas vêm de forma automática, pois os alunos da EJA possuem um diferencial do ensino regular. Normalmente pela idade maior eles têm um pouco mais de vivência de vida e o debate se torna mais produtivo. Quanto à leitura e interpretação do texto, isso se dá de maneira bastante satisfatória, pois a linguagem utilizada, mesmo levando em consideração as gírias e palavrões que não fazem parte da gramática tradicional, é compreendida. Inclusive os próprios alunos vão acostumando-se a diferenciar as diferentes linguagens, através do gênero letra de música, em comparação aos outros gêneros, isso sem criar preconceito linguístico, mas com a consciência que a linguagem emergente representa a cultura e a verdade que acreditam precisar ser dita, principalmente nas aulas de interpretação textual.

Assim, o que esta pesquisa buscou contribuir para que esse sujeito preto, de periferia, se sinta contemplado pelos assuntos tratados nas aulas. Em Freire (1983), mudança e transformação social assumem um caráter de comprometimento e engajamento nas lutas em favor das causas dos oprimidos. O compromisso próprio da existência humana só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, “ensopados” (FREIRE, 1983. p.19).

O movimento negro das periferias e de todos os cantos do Brasil nos rendeu clássicos eternizados em vozes pretas que ecoam até hoje. A cantora Sandra de Sá

foi uma das primeiras do Brasil a assumir o cabelo *Black Power* e as vestimentas que exaltavam a cultura afro, não só brasileira, mas com referências fortes do continente africano e com batidas inspiradas na música preta americana.

Uma das canções mais famosas da interprete chama-se “olhos coloridos”, um hino que em meio a tantos protestos e linguagens agressivas torna-se um bálsamo, no sentido de exaltar a beleza negra, além de também trazer uma crítica que se comparada as canções citadas acima torna-se suave e envolvente. É uma abordagem diferente e menos agressiva ao mesmo problema vivido pelo preto pobre e marginalizado. O preconceito e a tentativa de apagar o que é belo nos traços físicos do povo preto.

A canção “Olhos coloridos”, de autoria de Macau (1982), é fruto de uma experiência marcante na vida deste compositor e homem preto, que foi eternizada na bela e forte voz da cantora. A música foi gravada pela primeira vez em uma fita cassete no ano de 1974 e até hoje, tem chamado atenção nas aulas de leitura e interpretação textual.

Hoje, observamos que a beleza negra é parcialmente reconhecida em função de muita luta, por isso mesmo um pouco menos marginalizada. Observa-se nas ruas, a moda ditando cabelos afros e tranças nagôs. Aspecto positivo que é resultado de anos de luta e resistência.

Os meus olhos coloridos me fazem refletir. Eu estou sempre na minha. E não posso mais fugir. Meu cabelo enrolado todos querem imitar, eles estão baratinados, também querem enrolar. Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você ri do meu sorriso. A verdade é que você tem sangue crioulo, tem cabelo duro. Sarará crioulo! Sarará crioulo! (MACAU, 1974)

Podemos explorar, nesse trecho, uma linguagem ainda coloquial, mas menos agressiva. A valorização dos traços e da beleza negra ficam evidentes nas afirmações positivas, mesmo que ainda evidencie a questão do preconceito. Muitos alunos da EJA se identificam com esse texto, pois em sua infância, nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado, enfrentaram nas escolas muito racismo com seus cabelos, dos seus traços e da sua maneira de se vestir.

Ser preto, há alguns anos, era ainda mais difícil que nos dias atuais, pois observamos que as políticas públicas foram se consolidando para proteger e defender de forma criminal crianças pretas em todo o país, caso sofram alguma forma de

racismo, embora continue acontecendo com frequência. As redes sociais também possuem um papel fundamental para contribuir com as denúncias. Parte da população preta e de periferia possui câmera de celular, que tem sido usada como objeto de protesto e de prova criminal para punir os racistas.

O cabelo da pessoa preta é muito estigmatizado até hoje. Na música de Macau (1974), recebe um tratamento de exaltação da cultura. Uma espécie de coroa que o negro expõe e impõe através da qual demonstra sua realeza mesmo que seja criticado pela branquitude. O cabelo afro, assim como o turbante, exerce a função de coroa para a pessoa preta, mesmo que ela não pertença a uma religião afro-brasileira, é usado como adorno e embeleza as cores que destacam e valorizam o contraste da pele negra. Existe a discussão se a pessoa branca deve ou não usar turbante, mas aqui não nos ateremos a isso, o que queremos é difundir os costumes ancestrais. Sobre essa questão, destacamos:

A escritora Ana Maria Gonçalves observa que a diáspora negra resultante do sistema escravista transformou as pessoas negras em 'seres sem um pertencimento definido, sem raízes facilmente traçáveis, que não são mais de lá e nunca conseguiram se firmar completamente por aqui'. 218 É nesse contexto histórico que o turbante emerge como 'uma forma de pertencimento'. 219 Segundo a autora, para as mulheres negras usá-lo significa 'juntar-se a outro ser diaspórico que também vive em um turbante e, sem precisar dizer nada, saber que ele sabe, você sabe que aquele turbante sobre nossas cabeças custou e continua custando nossas vidas'. 220 Para as mulheres negras, conforme a autora, o turbante é muito mais que um adorno estético; é um emblema histórico, um abrigo simbólico, um objeto de identificação e empoderamento coletivo. Nenhum desses sentidos está presente quando é uma mulher branca quem o usa. Verdade. Mas cabe uma pergunta: deveria estar? (BOSCO, 2017, p. 124)

Outra voz de destaque na música preta da periferia, é a cantora Negra Li. Uma mulher preta nascida na zona norte de São Paulo e filha de professores. Sempre se orgulhou da educação que recebeu de sua família que a ajudou muito cedo a procurar, através da música, tratar temas sociais por vezes de maneira incisiva e outras vezes de maneira mais suave e otimista. Assim, procurou trazer nas letras de seus discos mensagens que alcançassem a periferia de todos os cantos do país, sendo sempre influenciada pelo movimento de *Rap* e *Hip-Hop* brasileiro. Algumas de suas interpretações são de crítica social, porém a que vamos destacar a seguir pode ser utilizada para trabalhar a autoestima das alunas da EJA, visto que traz uma mensagem de valorização da beleza da mulher e da autonomia que elas possuem

sobre seu destino. Destaca-se também mulheres pretas com carreiras bem-sucedidas como a repórter global Maju.

Mina bota o seu melhor batom. Escolha o seu melhor som. Joga esse cabelo pro ar e deixa estar, e deixa estar, e deixa... Mina não deixe ninguém te dizer o que você pode fazer. Você que sabe o seu lugar e deixa estar, e deixa estar, e deixa... Nem todo mundo quer te ver sorrir, nem todo dia o céu está azul. Você pode até não controlar a previsão do tempo, mas ainda dá tempo de ser Maju, de ser sol como a América do Sul, diva como Érika Badu, líder como Winnie Mandela. Quem manda é ela. Viemos pra quebrar tabu, pois a riqueza de ser mulher é a beleza de poder ser o que bem quiser. Então bota a melhor roupa e seu afro hair. O mundo é seu e não importa o que alguém disser. Só vai! (NEGRA LI. 2005)

Nesse trecho da canção, representatividade cultural e autoestima são evocadas como proposta de letramento. Podemos observar que nesse gênero proposto para ser visto nas aulas da EJA, essa canção abrange essa discussão urgente e necessária a formação política dos jovens, adultos e idosos desta modalidade. A letra da canção incentiva as mulheres a cuidarem não somente da aparência, mas também de valorizarem suas vitórias diárias em meio às dificuldades enfrentadas, além de assumirem o protagonismo de suas decisões.

Aponta também para fatores que podem atrapalhar a esperança dessas mulheres que enfrentam dificuldades todos os dias nas situações diversas de enfrentamento do preconceito, da violência e da sociedade que em geral julga as mulheres por inúmeros motivos. Incentiva também a se espelharem em mulheres que venceram os preconceitos e ocupam lugares importantes de bastante destaque na televisão, na música e na política. Serve de incentivo e promove a esperança de quebrar as barreiras impostas pela segregação.

Ser uma pessoa preta tem suas limitações, mas ser uma mulher preta é ainda mais difícil, por isso a importância de trabalhar com as alunas a semente da esperança, da superação e da luta constante por dignidade e valorização, pois esses obstáculos sociais foram e são, sentidos com mais intensidade pelas mulheres negras.

Ultimamente muitas celebridades negras foram alvo de ataques racistas nas redes sociais. Os casos mais famosos foram os de atrizes globais Taís Araújo, Sheron Menezes e da jornalista Maria Júlia Coutinho, também conhecida como Maju, além de diversos outros. É importante que todas as vítimas desse tipo de ataque tenham

consciência que sofreram um crime e que busquem ajuda das autoridades policiais e que tanto na *internet* quanto em outros espaço-tempo, denunciem seus agressores. Agora, Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (1988) o racismo tornou-se crime inafiançável e não pode deixar de ser denunciado. Trazer esse conteúdo para a comunidade escolar é permitir que atos como esses deixem de acontecer com frequência.

Mulheres negras, por serem nem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca, por serem uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade [...] Mulheres negras nessa perspectiva, não são nem brancas e nem homens e exerceriam a função de Outro, do Outro [...] A mulher negra só pode ser o Outro e nunca si mesma. Para ela, existe um status oscilante que ora pode permitir que a mulher branca se coloque como sujeito, assim como o homem negro, entretanto a autora rejeita a fixidez desse status” (RIBEIRO, 2017, p. 38-39).

Sabemos que não é tarefa fácil agregar uma ideia política a um ritmo dançante, mas observamos que a força desse gênero textual é a linguagem que utiliza para unir as pessoas e levar pautas importantes como política, movimento negro, preconceito racial, representatividade e autoestima para as camadas menos favorecidas da sociedade. Observamos também que apesar da maioria das letras produzidas nas comunidades serem reivindicatórias, tensas, a grande torcida de compositores, cantores e do povo da favela é pela paz entre as comunidades e entre a polícia e as classes mais ricas. Esse gênero letra de musica causou uma grande revolução e popularizou a liberdade de expressão das pessoas pretas, pois foi a maneira encontrada para que a mensagem chegasse a todos sem distinção.

Tudo que é tratado na maioria das letras é o que a polícia e os mais ricos não querem ouvir, resistindo no início desse movimento para que a maioria dessas músicas não fossem tocadas em ambientes fora das comunidades. O que deixa claro que os pretos ainda não podiam ocupar todos os espaços, assim como até hoje ainda não podem, mas o que ocorre é algo mais velado e hipócrita. O saldo desse movimento é visto até hoje, pois novos artistas nascem nas comunidades dando continuidade à ideologia que pregam.

A música da periferia não diz respeito apenas a questões de gênero letra de música ou de territórios. Antes disso, também representa um conjunto de modos e formas de fazer arte frente à destruição da representatividade e sua história de vida, impugnando a hegemonia da classe dominante ao simbolizar politicamente a sua

força. Podemos entender a música de periferia como uma forma que as populações marginalizadas inventaram de se fazer notados pela criatividade, pela arte, pela linguagem marginal emergente, pelo protesto e pela luta incansável diante de um mundo que não os enxerga, que os despreza, que os explora e mata.

Talvez, alguns com menos consciência social e imerso em ideias coloniais, acreditem que essa geração atual esteja equivocada e que o exagero tomou conta, porém somente as pessoas que sofrem esse tipo de preconceito todos os dias possuem lugar de fala para se pronunciar sobre a gravidade desse crime. E pasmem, ainda há quem diga que não existe racismo no Brasil, mas esse pensamento equivocado não se sustenta em nenhuma das esferas sociais, basta terem olhos e ouvidos pra constatar que apesar de ser um país multicultural, o Brasil é considerado um dos países mais racistas do mundo.

Essa reflexão é levada sempre que possível para a EJA e tem bastante engajamento, pois na comunidade a maioria das pessoas é preta e o motivo está facilmente exposto na história da construção de nosso país. Sem ter necessidade de explicações extensas sobre a temática, visto que é do conhecimento de todos que o povo preto foi retirado violentamente de seu continente e usado como massa de trabalho escravo, e por isso, encontra-se em situação de risco até os dias atuais, acreditamos que a linguagem musical do povo preto, quando trabalhada em sala de aula de EJA se constitui dispositivo de poder e de esperança a esse grupo social severamente excluído de seus direitos.

### **CAPÍTULO III – MÚSICA PRETA NA EJA: O ENSINO PAUTADO NO GÊNERO LETRA DE MÚSICA**

A realidade dos alunos nas comunidades carentes de todo o país é massacrante. A escola possui uma responsabilidade gigante de acolher e dialogar com as múltiplas vivências de enfrentamentos que nossos jovens e adultos vivenciam em seus cotidianos. Neste capítulo, abordamos um dos maiores desafios em sala de aula, tanto para professores como para alunos, o despertar do interesse pela leitura e a possibilidade de interpretar textos.

Segundo GHEDIN e PIMENTA, (2002):

Muitos professores tendem a limitar seu mundo de ação e de reflexão à aula. É necessário transcender os limites que se apresentam inscritos em seu trabalho, superando uma visão meramente técnica na qual os problemas se reduzem a como cumprir as metas que a instituição já tem fixadas. (GHEDIN; PIMENTA, 2002, p.137).

É uma realidade que a desmotivação é grande entre os estudantes da EJA em função da vida e do trabalho que têm ou buscam. É nosso dever docente, buscar estratégias de leitura que aproximem nossos alunos dos conteúdos. A escolha do gênero letra de música tem facilitado nossa aproximação interpessoal com aqueles que apresentam maior dificuldade em ler e compreender textos, pois percebemos que a música nas suas várias vertentes comunica de maneira lúdica e com sensibilidade diversos assuntos que nem sempre são trazidos nos textos dos livros didáticos.

Desde o início do trabalho profissional docente, em 2007, na escola pública de uma das periferias mais violentas da cidade de Fortaleza/CE, percebemos que os jovens e adultos tinham uma enorme necessidade de serem ouvidos, compreendidos e levados a refletir sobre questões que realmente importavam para seu desenvolvimento humano. Não menosprezamos a literatura, pelo contrário, ela nos norteia e nos ajuda todos os dias a compreender as várias facetas do que significa ser gente, ser humano e ter pensamentos críticos, mas na periferia, para que os alunos possam acessar textos com linguagem mais rebuscada, precisam primeiramente entender sua própria linguagem.

Dessa forma, o planejamento efetivo e a diversificação de aulas precisam ser diferentes, para que o estudante do EJA se sinta confortável em sala de aula.

Ademais, atividades acerca de substituir textos por poesias ou letras de músicas conhecidas devem ser implantadas, que as aulas não sejam voltadas apenas no professor regente falando, pois assim, os alunos se sentirão membros ativos e capazes de assimilar o conhecimento que o sistema educacional lhes impõe, deve haver um acompanhamento de todas as atividades desenvolvidas em sala de aula com cada aluno, pois assim, o regente poderá ver quem está se desenvolvendo melhor e quem está precisando de ajuda, com a matéria. (AQUINO *et al*, 2022, p. 69)

O gênero letra de música serviu sempre como porta de entrada para incentivar o aprender a ler, o letramento propriamente dito e posterior a isso, levar aos alunos a terem mais segurança para ler os clássicos, pois não adianta tentar compreender o pensamento global se questões sociais e políticas locais ainda estão confusas.

Segundo a autora, usar atividades substituindo textos por letras de músicas conhecidas, é imprescindível e precisam ser implantadas, tirando o professor da posição de somente ministrar aulas expositivas. Desta forma, de acordo com Aquino, (2022), os discentes se sentirão sujeitos ativos e capazes de aprender o conteúdo que o sistema educacional lhes impõe.

O educador brasileiro Paulo Freire deixou um legado importantíssimo que nos permite refletir sobre alfabetização e letramento. Sua orientação político-pedagógica, sempre impulsionou professores a pensarem suas aulas, a partir das necessidades reais dos alunos e não o contrário, por isso sua obra é tão revolucionária, por permitir que os alunos sejam sujeitos do aprendizado e os professores não são simples replicadores de regras e sim mediadores do processo de aprendizagem, tendo como foco o olhar subjetivo para todos aqueles que estão no processo de alfabetização/letramento.

Se a alfabetização de jovens e adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra doada pelo educador aos analfabetos: se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador, como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra (FREIRE, 2011.p.42-43).

Dessa maneira procuramos fazer uso desse pensamento para trabalhar uma linguagem próxima àqueles que são os verdadeiros protagonistas e que têm uma enorme necessidade de sentirem-se representados pela linguagem emergente que os movimentos culturais trazem para as grandes mídias como a TV, as redes sociais, a

*internet*, a arte e a música. O que importa é que por meio do gênero trabalhado identifiquemos e socializemos características humanas que nos afastam e que nos aproximam, promovendo o avanço dos alunos na disciplina de língua portuguesa, sobretudo no que remete a leitura e a interpretação textual, visto que o texto e o mundo estão, no caso do gênero letra de música, ligados de maneira ainda mais subjetiva e sensorial.

Outro fator importante para a inserção do gênero textual ‘música’ nas aulas de língua portuguesa é a história de vida dos compositores pretos da periferia que geralmente refletem a forma de vida de toda uma comunidade e gera grande empatia e identificação por parte dos alunos, aproximando o texto do aluno, ou seja, é importante e promove a autoestima, a partir do contexto social dos compositores, das obras musicais e dos diferentes estilos em suas épocas. Em nossa pesquisa, destacamos movimentos musicais que nasceram nas favelas a partir dos anos de 1980.

### **3.1 Motivações para o trabalho com o gênero textual Música envolvendo compositores pretos**

*“No coração de quem faz a guerra nascera uma flor amarela como um girassol”  
(Tony Garrido)*

A música em sua magnitude cultural sempre esteve presente desde os primórdios da humanidade quando em seus rituais religiosos entoavam palavras místicas ao som de tambores e instrumentos arcaicos. Ao longo dos anos a música evoluiu bastante e hoje temos infindáveis canções que enriquecem a sonoridade que faz parte da formação do que chamamos de humanidade.

Desde tenra infância, e nascida e criada na periferia de Fortaleza/CE, tive contato estreito com a música através dos meus pais, trabalhadores alfabetizados que possuem até hoje um gosto musical muito diferente da maioria que me cercava. Meus pais gostavam de música erudita e cresci ouvindo, além de cantores populares brasileiros, grandes nomes da música clássica mundial.

Ao chegar à adolescência, busquei um caminho musical diferente, tanto dos meus pais quanto da maioria dos meus amigos da periferia, pois sempre preferi o *Rock* à outros estilos, porém quando ingressei na Universidade, conheci muitos

amigos que me apresentaram a música popular brasileira. Grandes nomes como Chico Buarque, Elis Regina, Lenine, Nara Leão, Maria Bethânia entre outros, me conquistaram não só pela sonoridade em si, mas principalmente pelo conteúdo riquíssimo das letras de suas canções. Minha visão musical adquirida na infância e na adolescência ficou ainda mais alargada com essas contribuições.

Confesso que a música preta de periferia chegou na minha jornada de forma tardia, pois somente quando iniciei minha vida profissional docente, na tentativa de me aproximar daqueles que estava a ensinar, busquei estratégias naquilo que percebi que trazia voz, não só a mim, mas aos alunos, o gênero letra de música.

A partir daí comecei a pesquisar e a trabalhar letras de músicas nas aulas de leitura e interpretação textual e percebi o quanto a adesão e a relação entre aluno e professora foram estreitadas através desse gênero textual que promoveu tanto a autoestima dos alunos como a minha, enquanto mulher preta e favelada.

Esse despertar em minha jornada docente vai de encontro com o que diz Abreu (2022, p. 84)

As aulas de Língua Portuguesa, portanto, devem fomentar reflexões que levem os alunos a interagirem com o texto lido, a se expressarem sobre o assunto e, conseqüentemente, a adquirirem juízo de valores sobre sua realidade, levando-os a organizarem o próprio discurso. Então, o trabalho com gêneros é de fundamental importância para que haja os multiletramentos dos alunos... (ABREU, 2022, p. 84)

O trabalho em sala de aula com gêneros letra de música é, nos dias atuais, um dos meios mais eficientes para o ensino da língua, envolvendo músicos pretos, para a realidade dos alunos de EJA, que é o foco deste trabalho tem sido o grande diferencial. Para Miller (1984), os gêneros são uma forma de ação social, portanto são como artefatos culturais importantes para a estrutura comunicativa da nossa sociedade.

O que move esta pesquisa e minhas práticas em salas da EJA, através do gênero letra de música, é justamente essa oportunidade de promover o letramento, exaltar a autoestima, trabalhar as variações linguísticas e fazer com que essa linguagem emergente possa nos representar, pois nesse momento, professora e alunos têm o mesmo propósito. Pensar acerca da vida, da realidade, da política, do enfrentamento do racismo e das desigualdades sociais.

Por mais que existam leis que obriguem as instituições escolares a tratarem de temas raciais e a colocar em suas pautas a questão dos menos favorecidos, para mim as ações que presenciava nas escolas eram muitos pontuais, dirigidas apenas ao “Novembro Negro” trazendo de forma caricata e preconceituosa a religião, a música, a cultura, e, principalmente, a estética do povo preto, e isso começou a me causar frustração. O que eu, enquanto mulher preta, poderia fazer para tratar esses temas todos os meses? Em várias aulas, envolvendo a todos? Foi somente através do gênero textual música que consegui vislumbrar um maior alcance de nossos objetivos de inclusão e promover esperança para jovens e adultos que se sentiam incapazes de romper a bolha não só pela baixa autoestima, mas também pela atitude da branquitude que nos quer longe dos lugares privilegiados, negados por tantos anos.

Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características, do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. Tampouco na universidade brasileira o mundo negro-africano tem acesso. O modelo europeu ou norte-americano se repete, e as populações afro-brasileiras são tangidas para longe do chão universitário como gado leproso. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros (NASCIMENTO, 1978. p. 95).

Nas propostas educacionais brasileiras, ainda existe ausência de reflexão sobre as relações com a cultura afro-brasileira, dentro do planejamento das aulas, impedindo que relações igualitárias aconteçam principalmente com todos os agentes sociais que trabalham na escola, que em tese, deveria ser inclusiva em todos os aspectos. As políticas educacionais no Brasil ainda são insuficientes no tocante à oferta e garantia de uma educação que divulgue a história da população afro-brasileira, que valorize sua cultura e que afirme a identidade negra.

Enquanto educadores e educadoras não podemos permitir pensamentos que reproduzam e reconstruam o povo preto da periferia como seres inferiores devido a sua cultura e sua estética. Não podemos conceber o silêncio das secretarias de educação sobre o cotidiano racista em que nossos alunos estão imersos.

Alunos e educadores precisam ser sujeitos de suas próprias histórias, possibilitando que suas histórias de vida ajudem no processo formativo, reconhecendo a periferia e a identidade preta legítima.

Portanto, a identidade não se prende apenas ao nível da cultura. Ela envolve, também, os níveis sócio-político e histórico em cada sociedade. Assim, a identidade vista de uma forma mais ampla e genérica é invocada quando “um grupo reivindica uma maior visibilidade social face ao apagamento a que foi, historicamente, submetido” (NOVAES, 1993. p. 25).

Nesse sentido, o letramento, compreendido como a capacidade do estudante relacionar os conhecimentos apreendidos com o mundo ao seu redor, interpretando as canções como fenômenos sociais e culturais, possibilita que estes façam conexões entre os conhecimentos teóricos adquiridos em sala e sua realidade cotidiana, de maneira ética, reflexiva, crítica e inclusiva ao discutir os temas muitas vezes polêmicos que envolvem o gênero letra de música

Acreditamos que a representatividade cultural é importante para ajudar a combater a discriminação e a exclusão social, além de promover a diversidade e a inclusão. Quando as pessoas de diferentes origens são representadas de maneira positiva e justa, isso pode levar a um maior entendimento, empatia e respeito mútuo.

No Brasil, a favela é um espaço de resistência dessa identidade preta e sobrevive principalmente por meio da musicalidade que leva a valorização daquele espaço. A valorização da cultura negra é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Barcellos (2014, p. 34)

No trabalho educativo com jovens e adultos há que se levar em consideração estas questões históricas, políticas e econômicas. Enfim, culturais. Ou faz-se essa escuta ou teremos muitas dificuldades em reconhecer que o envolvimento dos(as) educandos(as) - tanto jovens como adultos - se dará com mais facilidade se o processo de alfabetização partir de situações familiares aos mesmos(as). (BARCELLOS, 2014, p. 34)

Sabemos que a cultura preta é rica em diversidade e contribuições para a humanidade, seja na música, na dança, na literatura, na culinária, na religiosidade, entre outras áreas, mas infelizmente, ao longo da história tem sido sistematicamente subjugada e menosprezada em muitas partes do mundo, principalmente em países onde houve a escravidão, em se tratando de Brasil a problemática é ainda maior, pois somos um dos países que mais reproduz a cultura do racismo e isso resultou em uma série de desigualdades e injustiças, que ainda perduram até os dias de hoje, principalmente o fracasso escolar deste público.

O fracasso na escola dos alunos provenientes das camadas populares é apenas mais uma faceta da dominação que essas camadas sofrem na sociedade como um todo, e atende aos interesses das classes favorecidas, pois colabora para a formação da sua hegemonia. Nessa perspectiva, não é a escola – o campo em que se deve travar a luta contra o fracasso escolar das camadas populares: numa sociedade marcada por grupos ou classes antagônicas, que se opõem em relações de forças materiais e simbólicas, não há solução para o fracasso escolar; só a eliminação das discriminações e das desigualdades sociais poderia garantir igualdade de condições de rendimento na escola (SOARES, 2021. p. 100).

Sabemos que a dificuldade enfrentada pelos alunos da escola pública é causada por uma série de fatores, como a falta de recursos e infraestrutura adequados, a ausência de profissionais capacitados principalmente para lidar com alunos que possuem necessidades especiais, a violência dentro e fora da escola, a desigualdade socioeconômica e o acesso limitado à educação de qualidade.

Muitas escolas públicas enfrentam problemas como sala de aula superlotada, falta de materiais didáticos e de tecnologia, falta de espaços adequados para atividades físicas e recreativas, entre outros. Além disso, muitos professores da rede pública são subvalorizados e sub-remunerados, o que pode resultar em uma rotatividade elevada de profissionais e falta de motivação para lecionar. Além disso, a violência dentro e fora da escola também é uma questão preocupante para muitos alunos da rede pública. Muitos estudantes enfrentam *bullying*, discriminação e assédio, o que pode levar a problemas de saúde mental e emocional.

No trabalho com música preta da periferia, destaca-se a produção sustentável de produtos culturais, ajudando a valorizar e proteger a cultura local e seus produtores, no caso compositores. Assim, valorizar a diversidade cultural envolve aprender, celebrar, respeitar, dialogar e apoiar. Todas essas ações ajudam a promover uma sociedade mais inclusiva, tolerante e diversa.

Nesse sentido, o estado deve fornecer espaço para que os alunos possam falar sobre suas experiências e preocupações; oferecer recursos para ajudá-los a conviver com o estresse e a ansiedade, criando oportunidades de liderança, pois é importante que os alunos negros tenham a oportunidade de liderar projetos e atividades, e que suas contribuições sejam reconhecidas e valorizadas.

Em sala de aula, podemos fornecer *feedbacks* construtivos, ajudando-os a identificar áreas em que precisam melhorar e fornecendo orientação e recursos para

ajudá-los a atingir seus objetivos acadêmicos e pessoais. Não podemos repetir a história, a pesquisa modifica positivamente a realidade ajudando a tornar a sala de aula o lugar de mudanças sociais efetivas, reverberando nas gerações futuras.

Pesquisas mais sistemáticas, realizadas a partir da década de 80, consolidaram as principais características de demandas, dos espaços de visibilidade dos movimentos e de seus protagonistas, que constituíram a discussão sobre novos sujeitos nas lutas por educação escolar. Num período de aproximadamente quarenta anos, desde a década de cinquenta, a expansão das vagas no ensino fundamental e médio, a ampliação significativa da rede estatal sob responsabilidade de prefeituras dos grandes centros e dos governos estaduais constituem importantes reivindicações de distintos protagonistas em cada época, sendo que a luta pela criação mesma da primeira escola, a escola dos quatro primeiros anos em todo esse tempo e em toda parte foi a principal reivindicação (GOMES, 2011. p. 135)

O cotidiano nos maltrata, mas também nos fortalece e proporciona aprendizado e novos caminhos que precisam ser trilhados por todos que acreditam que a escola é lugar de levante sociocultural. Como Gomes (2011) cita acima, há algumas décadas essa luta por um espaço de visibilidade dentro da escola de forma mais relevante tem sido significativa e que este espaço veio se consolidando desde a década de 80, vislumbrando o movimento e seus protagonistas.

### **3.2 Sistematização do gênero letra de música e análise de resultados**

Para realização das oficinas com Música da Periferia, inicialmente aplicamos um questionário aberto e de fácil compreensão com o objetivo de obter respostas sobre as preferências musicais. Nesse momento os alunos (em sua maioria negras) foram separados em quatro equipes, que aqui chamarei de G1, G2, G3 e G4, nas quais ficaram à vontade para fazer uma breve discussão sobre as músicas que mais escutam e qual compositor e canção gostariam de escolher para apresentar aos demais colegas em forma de seminário.

Após a separação das equipes, foram apresentadas sete questões abertas para que cada equipe respondesse; e a partir das escolhas e respostas fomos observando as preferências e expectativas dos alunos no tocante a música preta que circula na comunidade periférica, onde está situada a escola em que trabalhamos.

Observamos também o empenho e a motivação dos alunos em defender as canções que mais faziam sentido para eles levando em consideração suas vivências e seus conhecimentos de mundo construídos dentro e fora da escola.

O questionário que atende a perspectiva qualitativa da pesquisa foi realizado com os alunos da EJA III, e conforme já foi dito no primeiro capítulo dessa dissertação, a escola onde realizamos a oficina chama-se Lirêda Facó e fica situada em uma das regiões de maiores índices de violência da cidade de Fortaleza/CE, na região do conjunto de bairros chamado de Grande Bom Jardim. A identidade dos alunos que participaram das oficinas ficará preservada a pedido deles que demonstram preocupação, visto que muitos moram em regiões que infelizmente são dominadas por facções. Então, por questão de segurança e ética da pesquisa, decidimos preservar os nomes desses jovens e adultos e focarmos nas suas escolhas e colaborações.

Ao longo deste capítulo será colocada algumas das respostas dos alunos, porém essas respostas serão colocadas de forma grupal, com o intuito de sintetizar e ser mais objetivo a análise dos resultados, visto que, estes alunos foram divididos em grupos; porém as respostas individuais poderão ser lidas e analisadas por todos nos anexos. Organizamos as escolhas por grupos para facilitar o entendimento e a análise dos dados.

Na primeira questão pedimos para os alunos revelarem qual o artista e a canção escolhida, a partir do debate feito previamente em equipe, eles escolheram e apresentaram aos seus colegas de classe.

O G1 escolheu a canção "Negro Drama", do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC's; o G2 escolheu a canção "Bença", do cantor Djonga; o G3 escolheu a canção "Dona de Mim, da cantora Iza e o G4 escolheu a canção "Abre caminho", do grupo Baco Exudos -blues.

O G1 escolheu a canção "Negro Drama", do grupo de *rap* brasileiro Racionais MC's, considerada uma das mais importantes e impactantes obras do *rap* brasileiro, e especialmente, significativa para a comunidade negra. Essa canção, é uma expressão poderosa da realidade e das experiências dos negros no Brasil, abordando questões como o racismo, a discriminação, a violência policial, a desigualdade social e as injustiças enfrentadas pela população negra.

A música é uma representação autêntica das vivências e das lutas enfrentadas pelos negros no Brasil. Ela dá voz à comunidade negra, abordando temas que muitas vezes são negligenciados ou ignorados na mídia *mainstream*, e retrata a realidade das comunidades marginalizadas e a letra de "Negro Drama" aborda questões sociais e políticas relevantes, como a discriminação racial e a violência policial, o que contribui para a conscientização e a sensibilização sobre as desigualdades e injustiças enfrentadas pela comunidade negra no Brasil. A música pode ajudar a despertar uma consciência crítica em relação ao racismo estrutural e incentivar a luta por igualdade e justiça social.

A mensagem de resistência e superação presentes em "Negro Drama" podem ser empoderadoras para os negros. A música transmite uma mensagem de força, coragem e determinação, encorajando a comunidade negra a se levantar contra as adversidades e a lutar pelos seus direitos e dignidade e muitos negros e negras se identificam com a música "Negro Drama", pois reflete suas próprias experiências e realidades. "Negro Drama" também é uma expressão importante da cultura e da história negra no Brasil, incorporando elementos do *rap* e da cultura *hip-hop*, que têm raízes na diáspora africana.

O diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à humanidade no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso *ethos* cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (FREIRE *apud* STRECK, 2008, p. 117)

Ainda acerca da primeira questão, os estudantes escolheram uma das bandas de maior expressão na música preta de periferia, Os Racionais MCS, esse grupo de *Rap* já foi citado nesse texto como o pioneiro nas músicas de protesto contra o sistema de opressão ao povo preto da periferia e fez história na música popular brasileira, sendo até hoje um dos expoentes mais representativos dentro das grandes favelas do Brasil.

Já o G2 escolheu na primeira questão, a canção "Bença" do Rapper Djonga. Uma letra fortíssima que trata do papel da mulher preta e de religião afro-brasileira também chamada de "Macumba". O título do álbum que consta essa canção chama-

se ladrão. A canção também trata da importância da figura paterna que não é uma constante na vida da maioria dos jovens que vivem na favela. O autor exalta a figura paterna e se diz privilegiado por ter tido um pai e uma família estruturada mesmo dentro da comunidade, onde isso é raro. Os alunos do G2 responderam que escolheram a canção por falar da vida na favela, transmitindo um sentimento bom ao ouvi-la.

A música "Bença", do cantor Djonga é uma canção que possui uma série de significados e importância em diferentes contextos. Djonga é um rapper brasileiro que se destacou na cena musical com seu estilo único e autêntico. "Bença" apresenta elementos da cultura brasileira, como a língua portuguesa e referências culturais, o que a torna uma expressão artística relevante e representativa da cultura do Brasil.

Logo, estudar gênero letra de música nas aulas de EJA contribui significativamente com as aulas de língua portuguesa, e nesse contexto podemos perceber o quanto os alunos que participaram dessa atividade foram capazes de aprender não só os usos e funções da língua, mas também serem sujeitos ativos de sua aprendizagem. Como cita Marcuschi, (2005, p. 90)

Quando se ensina alguém a lidar com textos, ensina-se mais do que usos linguísticos. Ensinam-se operações discursivas de produção de sentidos dentro de uma dada cultura com determinados gêneros como formas de ação linguística". (MARCUSCHI, 2005 p. 90).

É importante saber que, cabe à escola proporcionar o acesso dos alunos ao vasto mundo de gêneros discursivos que circulam socialmente, dando a oportunidade destes a aprender, produzir e interpretar, tornando-os capazes de ler e escrever, com autonomia, os muitos gêneros textuais, especialmente o da música, que responderam às suas necessidades imediatas.

Explicando um pouco mais sobre a música escolhida pelo G2, a palavra "bença" é uma expressão usada em algumas religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda para se referir a uma bênção ou proteção espiritual. A música "Bença" pode ser vista como uma reflexão sobre a espiritualidade e a conexão do artista com suas crenças pessoais. Representação do movimento *hip-hop*: Djonga é um artista do gênero letra de música hip-hop, e "Bença" pode ser interpretada como uma contribuição para a cultura hip-hop brasileira.

O G3 escolheu a Música “Dona de Mim” da cantora Iza. A referida canção foi lançada em 2018, como o primeiro *single* do álbum de mesmo nome, também lançado em 2018. A letra da canção evidencia o empoderamento feminino, autoconfiança e superação de obstáculos. A música é uma celebração da força e independência da mulher, encorajando-as a serem donas de si mesmas, a se amarem e a se valorizarem. A letra também aborda questões como a discriminação de gênero, o machismo e a importância da sororidade entre as mulheres. “Dona de Mim” é considerada um hino do empoderamento feminino e conquistou grande popularidade no Brasil, tornando-se um dos maiores sucessos da carreira de Iza.

O G4 escolheu como Artista “Baco Exu do Blues” com a canção “Abre caminho”. Se trata de uma canção do gênero letra de música brasileiro conhecido como *blues* de terreiro, que é uma mistura de elementos do *blues* norte-americano com ritmos afro-brasileiros, especialmente do candomblé. A música é uma composição do cantor e compositor brasileiro Criolo, lançada em seu álbum “Convoque seu Buda” em 2014. Baco interpreta a canção de outro compositor de grande relevância, mas que não apareceu nas escolhas dos alunos até o final dessa pesquisa.

A letra da música aborda a espiritualidade e a busca por caminhos e conexões com o divino, com referências à cultura afro-brasileira, ao candomblé e à figura mitológica de *Exu*, que é uma divindade africana associada às encruzilhadas, caminhos e comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual. A letra também aborda questões sociais, políticas e existenciais, com uma abordagem poética e metafórica.

A canção é conhecida por sua sonoridade única, com elementos de *blues*, música brasileira e ritmos afro-brasileiros, e pela voz marcante e expressiva. A canção aborda temas profundos e reflexivos, convidando o ouvinte a refletir sobre questões espirituais, sociais e pessoais enquanto aprecia a fusão única de estilos musicais apresentada na composição.

A palavra *Exu* causa bastante impacto em sala de aula sobretudo com alunos que não pertencem a religiões de matriz africana e muitas vezes sentem-se incomodados com a presença desse assunto em sala. Essa escolha trouxe para o momento muitas reflexões no tocante ao respeito as religiões de matriz africana e seus Deuses e Deusas. A discussão sobre a importância de se falar em *Exu* nas

escolas pode ser vista a partir de várias perspectivas, dependendo do contexto cultural e social em que as escolas estão inseridas. *Exu* é uma entidade da religião afro-brasileira conhecida como Umbanda, Candomblé e outras vertentes, associada à comunicação, transformação, transição e também ao equilíbrio das energias.

O reconhecimento da identidade e valorização da cultura afro-brasileira – a inclusão da discussão sobre *Exu* nas escolas pode contribuir para o reconhecimento da identidade afro-brasileira, valorizando a cultura, a história e a contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Isso pode fortalecer a autoestima e a identidade dos estudantes afrodescendentes, promovendo um ambiente mais inclusivo e equitativo nas escolas, no entanto, é importante destacar que a inclusão de discussões sobre *Exu* ou qualquer outra figura religiosa nas escolas deve ser feita de forma respeitosa, não proselitista e de acordo com a legislação vigente, que estabelece a laicidade do ensino público. A abordagem deve ser pedagogicamente adequada, respeitando a diversidade de crenças e permitindo a participação ativa e consciente dos estudantes e suas famílias.

Nesse primeiro momento analisamos e explicitamos cada música escolhida, mas é mister esclarecer que o contato com a leitura é uma estratégia maravilhosa para dar o primeiro passo no processo de escrita. De acordo com os PCNs:

Para aprender a escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. (BRASIL, 1997, p. 43)

Assim, usar as ferramentas corretas no processo de ensino e de aprendizagem não só dar qualidade de vida ao professor, como facilita a aprendizagem do aluno, E quando usamos textos escritos acompanhado da oralidade, no caso da música, torna tudo bem mais simples e claro para o aluno.

Na segunda questão, perguntamos qual a motivação da escolha daquele artista.

O G1, em sua maioria, destaca a importância da banda justamente pelo fato de abordarem a periferia como “legal” e por ter uma letra muito linda. Destacamos que o conceito de belo para as camadas mais desfavorecidas destoa do que a branquitude entende como lindo, belo, ou “legal” visto que a música “Negro Drama” tem uma letra

muito forte que trata da vida de um homem preto que se encontra encarcerado no sistema prisional imerso em dor, sofrimento e violência.

O G2, em suas respostas, definiu a música como sendo representatividade da favela, e também, que a mesma tem uma “vibe muito boa”. As alunas relataram que a cantora representa aquilo que elas gostariam de se tornar e que a letra relata a fé e o espaço local onde vivem.

O G3, coincidentemente, foi formado apenas por alunas negras, a visão delas sobre a resposta da questão 3 estava relacionada a questão da “beleza”, e fizeram questão de relatar que ao longo dos anos foram descobrindo através das redes sociais e da cultura *pop* que seus traços e seu cabelo possuíam lugar na sociedade mesmo que enfrentando preconceitos, por isso justificam a escolha da letra da canção para explorar o gênero em sala e terem a oportunidade de promover a beleza negra, sua importância e a vontade de serem reconhecidas como belas e bem sucedidas, mesmo vivendo em um ambiente pobre e violento da periferia.

Ao falarmos da valorização da identidade, a beleza é uma parte importante da identidade de uma pessoa. Para as mulheres negras, que historicamente têm enfrentado discriminação e estereotipação com base em sua aparência, se sentir bonita é uma forma de valorizar sua identidade racial e étnica. É uma afirmação poderosa de que sua aparência natural e características físicas são dignas de amor e aceitação, independentemente dos padrões eurocêtricos de beleza que muitas vezes são impostos pela sociedade.

Para as mulheres jovens e adultas da EJA a sensação de sentir-se bonita pode ter um impacto significativo na autoestima e na confiança de uma mulher negra. Isso pode ajudá-la a desenvolver uma imagem positiva de si mesma, acreditar em suas próprias habilidades e capacidades, e enfrentar os desafios diários com mais resiliência e determinação.

Os alunos do G4 apontam que reconhece a importância do artista e de sua história de vida para a escolha, além de seu enorme talento e trabalho nas plataformas de música. Falam também que por ele ser um músico da periferia, a escolha foi assertiva em trazer a realidade em que muitos vivem.

É bem evidente o quanto foi bem sucedido o uso do gênero letra de música para o desenvolvimento dos alunos da EJA, no que diz respeito a motivação e, principalmente, na aprendizagem tanto em termos de vocabulários novos, quanto ao

processo de alfabetização e letramento deles. Os PCNs (1997), confirma isso, quando diz que devemos transformar nossos alunos em cidadãos da cultura escrita:

Sendo assim, o tratamento que se dá à escrita na escola não pode inibir os alunos ou afastá-los do que se pretende; ao contrário, é preciso aproximá-los, principalmente quando são iniciados “oficialmente” no mundo da escrita por meio da alfabetização. Afinal, esse é o início de um caminho que deverão trilhar para se transformarem em cidadãos da cultura escrita (BRASIL, 1997, p. 43)

Outro ponto, ainda na análise desta pergunta, foi através do olhar sensível e profundo dos alunos, aprendemos a valorizar aquilo que a maioria privilegiada nega, a população carcerária no Brasil. Nos sinaliza também que essa empatia se dá porque a maioria dos encarcerados são pretos, pobres, da periferia e muitos são familiares dos nossos alunos, logo, é natural que eles ocupem seu lugar de fala ao compreenderem tão profundamente a vida dos seus.

Ao observar as respostas das duas primeiras questões, reconhecemos o sentimento de pertencimento e autoestima, vislumbrado pelos participantes, destacando a presença de familiares e pessoas que contribuíram para uma formação social digna.

É notório observar o quanto sentiam-se orgulhosos por poder trazer esse assunto para a aula de língua portuguesa, e de como puderam ter voz ativa ao falar daquilo que melhor compreendem. Interessante também foi o nível de compreensão textual alcançado ao falar sobre o assunto.

Na terceira questão, perguntamos qual a mensagem que aquele artista deixa para o grupo. Nela, os grupos são questionados sobre a mensagem que a letra da música escolhida deixa para todos e nos deparamos com um dado que nos toca bastante.

Nessa questão os alunos do G1 responderam que não devemos confiar em ninguém, que amizades não existem e que estão fadados a serem traídos por amigos, são unânimes em dizer que as amizades são traidoras.

Ao analisarmos esse dado, identificamos o ambiente hostil em que os alunos estão inseridos e a importância de uma intervenção, não só da escola, mas das políticas públicas que precisam proteger o cidadão que está à margem da sociedade

e que infelizmente sente-se ameaçado constantemente. Essa é a forma que os alunos enxergam as relações interpessoais dentro do seu cotidiano. Essa é a visão de mundo que encontramos dentro da favela.

Já os alunos do G2 deixam claro a ausência da família, em especial de um pai presente, o quanto este faz falta para que o filho, mesmo vivendo na favela, possa ter um futuro melhor.

Destacamos que a música preta, com sua linguagem, traz a força da representatividade sociocultural, importante para os jovens menos favorecidos. O “poder dizer” o que sente através da interpretação de um texto e compreender o que o texto diz é um exercício de superação e resistência.

As aulas de português nem sempre são atrativas e quando podemos propor gêneros que incentivam e elevam o bem-estar do aluno, mesmo com assuntos dolorosos, faz com que o letramento cumpra seu papel e aconteça efetivamente, ou seja, ler, entender e interpretar.

É a leitura do mundo que nossos alunos fazem, sobre isso temos:

O modo como nos apropriamos do universo e das informações que nos cercam e os incorporamos a nosso repertório cognitivo, representando, descrevendo, avaliando por meio da linguagem, é função da nossa própria condição humana. Entretanto, esse processo de apropriação é moldado pela interação dialógica com o mundo (MOTTA, 2005, p.181).

Os alunos demonstram a capacidade de expressar seus pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos através da habilidade de uma conversa construtiva com outros colegas de diferentes faixas etárias da EJA.

Já os alunos do G3 disseram que a mensagem principal da música “Dona de mim” é que você deve “ser você mesmo”.

Percebemos que efetivamente ocorreu um diálogo eficaz e uma escuta atenta das opiniões e ideias dos outros participantes da conversa. Observamos também o respeito às diferenças, capacidade fundamental para a convivência em grupos e na comunidade.

Os alunos do G4 já observaram a mensagem dada pela música de forma mais diversificada, a maioria conseguiu observar a questão do preconceito, que deve ser combatido, que independente de sua raça, cor, religião, entre outros, devemos

respeitar o próximo; outros alunos conseguiram fazer a leitura que, independentemente de quem você seja, se você não desistir, você vencerá na vida.

Na perspectiva da EJA vale ressaltar que o docente deve considerar a heterogeneidade da sua turma, ou seja, a diversidade social e cultural de cada indivíduo da turma. Desta forma, pode-se encontrar nos gêneros textuais essa flexibilidade, pois essa variedade traz a possibilidade de a partir de diferentes contextos se trabalhar de diferentes formas. De acordo com Amado (2013, p. 25):

Os gêneros são, portanto, heterogêneos e representam possibilidades de comunicação oral e escrita nas diversas instâncias sociais. Sendo assim, variam e se modificam à medida que os costumes sociais se alteram e a tecnologia evolui. (Amado, 2013, p. 25)

Quando o texto consegue alcançar as expectativas do leitor, o ato de ler se torna menos complicado e observamos a fruição leitora mesmo que precária em função da não alfabetização de muitos, mesmo estando cursando o nível EJA III.

Na quarta questão, perguntamos qual a importância da música em nossas vidas. Ela, quando respondida pelos 4 grupos, fora respondida trazendo à tona muita sensibilidade dos sujeitos. Eles reforçaram que o gênero ajuda a esquecer dos problemas, que está presente em todas as ocasiões, que sentem paz, que ajuda quando estão tristes e também esvaziam a mente e leva a reflexão.

Os alunos do G1 foram levados a responder qual a importância da música escolhida “Negros Drama” em suas vidas. A equipe deixou claro em suas respostas que a letra da canção sinaliza para o cuidado ao transitar em seu bairro, que é necessário “ficar esperto na rua”. A canção ajuda a aconselhar sobre as vivências da periferia. Destacamos, novamente, a relevância do conhecimento de mundo, da sabedoria construída na experiência.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criatividade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p.26).

O medo é uma emoção recorrente na letra da música e na interpretação realizada pelos alunos do G1. O medo de sair na rua, envolvendo o entorno da escola visto que se situa na comunidade em questão, medo das amizades, que estão inseridas em ambientes de violência e medo de estar na condição de vítima do racismo estrutural, uma forma de racismo que está incorporada nas estruturas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade. É uma forma de discriminação que não é necessariamente baseada em atitudes ou ações individuais, mas sim em sistemas que perpetuam desigualdades e marginalizam pessoas com base em sua raça ou etnia.

Esse tipo de racismo pode se manifestar em diversas áreas, como na educação, no mercado de trabalho, na justiça criminal, na saúde e em outros aspectos da vida social. Por exemplo, uma escola que não oferece materiais de aprendizagem em línguas nativas ou não leva em consideração as necessidades específicas de crianças de diferentes raças ou etnias está perpetuando o racismo estrutural, muitas vezes difícil de identificar e combater, uma vez que está enraizado em instituições e sistemas, muitas vezes considerados normais e naturais.

Os alunos do G2 responderam, em sua maioria, que a importância da música escolhida os faz refletir sobre suas vidas, traz paz e calma ao ouvirem.

Os alunos do G3, assim como os do G2, viram na música escolhida fonte de paz e tranquilidade, e ainda acrescentaram que tinham uma letra fora do comum, capaz de fazê-los esquecerem dos problemas.

Os alunos do G4 mencionam que não se trata apenas de uma canção, mas sim da realidade vivida por eles e que essa realidade é transformada em arte através da musicalidade. Um aluno também diz gostar da canção, pois ela “abre caminhos” fazendo aqui uma referência espiritual ao orixá *Exu* e sua característica mística e espiritual.

Na terceira e na quarta questão, as alunas demonstram o quanto o significado da letra pode transformar suas vidas e que as mudanças são “fora do comum”. Relatam também que a escolha se justifica pelo fato de as pessoas negras terem mais dificuldade do que as pessoas brancas e a letra traz esperança para mulheres pretas não se sentirem “só mais uma”.

Segundo Bakhtin (1997), a linguagem é um fenômeno social, histórico e ideológico. Nesse sentido, o autor afirma que os gêneros textuais do discurso são

criados de acordo com a situação sócio-histórica de interação, ou seja, os gêneros textuais se modificam em decorrência do momento histórico no qual estão inseridos. Porém, apesar disso, podemos destacar que a música quebra essa barreira sócio-histórica, visto que, cabe em todas as épocas, e neste trabalho um dos objetivos é fazer com que o gênero letra de música seja usado com um dos meios de comunicação bem vasto dos dias atuais, no caso o *podcast*. Desta forma Marcuschi (2003) exemplifica:

Hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. (Marcuschi, 2003, pp. 1)

E diante da análise de dados feitas até aqui fica evidente que a música é sem dúvidas uma excelente ferramenta de letramento para os alunos de EJA, e que pode ser usada independente da situação sócio-histórica do sujeito.

Na quinta questão foi perguntado como a música pode nos ajudar, deixando a reflexão mais subjetiva, a fim de obtermos respostas mais abrangentes.

No G1, a maioria dos alunos respondeu que a música podia ajudá-los a não sofrerem racismo, ou seja, tem consciência do seu lugar na sociedade. Outras respostas foram “ficar esperto nas ruas” ou “saber falar coisas”, no sentido de saber se expressar melhor.

O G2, na quinta questão, afirma que a música acalma, faz entender a realidade, ajudando a sair da tristeza e traz autoconfiança. Analisando esses dados, observamos mais uma vez a importância de como os alunos trabalham o texto de forma mais prazerosa quando parte de sua realidade social e cultural.

As alunas do G3, na quinta questão, demonstram em suas respostas ser preciso mostrar que as mulheres pretas podem se tornar vencedoras, mesmo diante das dificuldades. E a letra ajuda a conhecer melhor a cultura do povo preto.

Ao analisarmos essas respostas, observamos a importância do empoderamento e da representatividade. A representatividade importa. Quando as mulheres negras se veem representadas na mídia, na moda, na arte e em outros

espaços de visibilidade, e são celebradas por sua beleza e aparência, isso pode ser empoderador.

Observamos também que as respostas apontam, o quanto a desconstrução de padrões de beleza estabelecidos pela branquitude colonialista é importante. A valorização da beleza das mulheres negras também é uma forma de desafiar e desconstruir os padrões de beleza prejudiciais que perpetuam o racismo, o colorismo e a discriminação racial. Ao celebrar a beleza das mulheres negras em sua diversidade de cores de pele, texturas de cabelo e características físicas, podemos ajudar a quebrar os estereótipos negativos e ampliar a compreensão da beleza em todas as suas formas.

A linguagem simples e direta utilizada pelos alunos foi a todo o momento, valorizada e exaltada, pois o objetivo maior foi o de validar as falas, valorizar os conhecimentos e elevar a autoestima através da exaltação do momento de troca de aprendizagem e do conhecimento prévio que demonstravam a partir dos textos escolhidos. Essa linguagem emergente, presente tanto na fala dos alunos, como na canção escolhida, que não precisa ser diminuída. Essa definição levou-nos ao conceito de variedade linguística, defendida por Soares (2021, p. 63):

Tal como não se pode falar em inferioridade e superioridade entre línguas, mas apenas diferença não se pode falar de inferioridade ou superioridade entre dialetos geográficos, entre variedades sociais, entre registros. Também aqui, como ocorre em relação às línguas, cada dialeto, variedade ou registro é adequado às necessidades e características do grupo a que pertence o falante, ou a situação em que a fala ocorre: todos eles são, pois igualmente válidos como instrumentos de comunicação. “Não há nenhuma evidência linguística que permita afirmar que um dialeto, variedade ou registro é mais expressiva”, mais “correta”, mais lógica que qualquer outro: todos eles são sistemas linguísticos igualmente complexos, lógicos e estruturados. (Soares, 2021, p. 63)

Os alunos do G4 justificam a escolha devido a fala do intérprete que traz suas dificuldades e experiências vividas. Nessa questão, o grupo exalta a importância de falar sobre racismo e das dificuldades enfrentadas pelo intérprete durante sua carreira para alcançar sucesso e o quanto é difícil falar sobre religiões de matriz africana sendo aceito diante de tantos preconceitos.

Na sexta questão, perguntamos como a música poderia aumentar sua autoestima.

Os alunos do G1, no geral, destacaram que a música estudada poderia aumentar a autoestima deles, pois ela trazia o sentimento de paz e sossego, além de te deixar esperto para quem realmente são seus amigos.

No G2 um aluno disse que o que a música ajudaria a aumentar sua autoestima era “não ter insegurança”, outro era “ter boas palavras”, ou seja saber se expressar, já outro disse que para “sermos gente mesmo”, e o outro para “se sentir melhor emocionalmente”.

Já as alunas do G3 mostram que suas autoestimas poderia aumentar, pois a música trazia uma mensagem de confiança em si mesmo.

Os alunos do G4, sobre a sexta questão, que versa sobre a mensagem da canção, os alunos relatam a importante de nunca julgar as pessoas pela cor, religião ou orientação sexual além de motivar a todos para que possam alcançar “o topo” ou seja, a realização pessoal de sonhos e que ao manterem-se de pé é possível chegar onde queiram.

A partir das respostas dos 4 grupos foi possível compreender a importância de trabalhar o gênero letra de música em sala de aula e o quanto pode melhorar a autoestima e promover a representatividade cultural, visto que as respostas diziam que era muito bom falar sobre música e racismo, uma boa oportunidade, pois se sentiam melhor e a música trazia uma “vibe” de sossego e paz.

Nesta questão, cujo eixo é a autoestima dos estudantes, observamos que as respostas em relação a música, nos ajuda a ter mais segurança, paz e ajuda a pensar sobre a vida e sobre si mesmo.

Analisando as respostas dadas pelos 4 (quatro) grupos, concluímos que a autoestima pode ser elevada através da música preta e os alunos sentem-se representados pelo gênero trabalhado.

Aprendemos que a vivência desafiadora e instigante, possibilitada pela investigação, pode proporcionar interações construtivas, porque em todo o percurso foi dada a devida importância e relevância aos indivíduos, pois nessas circunstâncias —o ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente: não são reduzidos a variáveis, mas observados como um todo (GODOY, 1995, p. 620).

A maneira de pesquisa-ação, possibilita melhor compreensão entre os alunos e a professora pesquisadora, trazendo uma segurança para que a interação exista, se dando de maneira clara e coerente com a realidade da turma e segmento.

A sétima questão, pede para que falem da importância da música em suas vidas. Sendo moradores de periferia, falam do orgulho que sentem ao verem cantores pretos alcançando o tão almejado sucesso. Ressaltam também a luta desses cantores frente ao racismo e o quanto eles parecem fortes nessa luta. Falam também que as pessoas pretas precisam ter o mesmo reconhecimento que as pessoas brancas.

Na sétima questão, finalizam dizendo que preferem escutar músicas motivacionais em que são contadas histórias de superação, próprias de seus grupos.

As respostas foram bastante objetivas, visto que não seriam possíveis respostas muito elaboradas pelas limitações de letramento que a turma enfrentou, porém, nossa análise observou uma constante nas respostas, novamente o medo norteou os comentários dos alunos e as questões socioemocionais que estão presentes nas aulas de interpretação textual, sobretudo quando trazem gêneros que tratam de assuntos do cotidiano.

Nesta oficina, observamos pontos muito importantes para nossa pesquisa e nos deu direcionamento para elaborar outras que poderão ser aplicadas não somente por nós, mas por outros educadores que sintam necessidade de tratar temas como esse de tanta relevância na atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da difícil jornada que traçamos como educadores da EJA sabemos da grande distância que nossos alunos possuem dos textos dos livros didáticos que são propostos, bem como da grande dificuldade que eles enfrentam ao retornar para sala de aula depois de um longo período afastado do ambiente escolar.

Pensando nisso norteamos nossa pesquisa através do trabalho com um gênero textual desafiador que possui características muito marcantes no tocante a linguagem e a temática. Isso nos motivou para observarmos as necessidades e angústias e através desse olhar atento procurar estratégias para melhor estabelecer uma relação próxima e interativa com nossos alunos.

O que nos chamou atenção durante nossa caminhada foi a importância de fazer com que os alunos pudessem vivenciar suas angústias e vitórias através de atividades que fomentassem a necessidade de posicionar-se de forma efetiva perante o sistema opressor e seletivo que coloca, na grande maioria das vezes, nossos alunos em situações de discriminação e desvalorização dos saberes adquiridos ao longo de suas vidas como se apenas o conhecimento acadêmico e formal tivesse importância.

Diante dessa situação, sentimos que nossa pesquisa procurou diminuir a distância que ainda persiste e nos possibilitou observar o quanto precisamos que o sistema educacional seja inclusivo e justo com os menos favorecidos que buscam através da educação transformar positivamente sua realidade e ascender na sociedade através do conhecimento.

Foi de grande valia observar o interesse dos alunos pelos assuntos abordados na atividade aplicada e nas músicas que trabalhamos ao longo da nossa prática docente. Esse gênero tem o poder de modificar vidas e transformar realidades a partir da sensação de pertencimento e da validação da linguagem, da cultura e da maneira de ser e agir dentro das favelas.

Conseguimos trabalhar a autoestima dos alunos e fazer com que eles sentissem importantes dentro do processo. Sentimos que a empatia pode ser um dos caminhos para sanar as dificuldades que enfrentamos em sala de aula.

Nossa pesquisa vem contribuir para que um novo olhar se coloque sobre aqueles mais marginalizados e incompreendidos. As pessoas da periferia de todos os grandes centros urbanos sofrem com as condições que são impostas pelo sistema,

mas essa carga é ainda mais pesada sobre os homens e mulheres pretos e pretas, sobre a comunidade LGBTQIA+, sobre aqueles que nasceram em um país miscigenado marcado até hoje pela cultura colonialista que açoita ainda hoje, em via pública e com plateia pessoas que descendem de uma nação que foi escravizada, morta e abandonada à própria sorte.

Devido a pandemia de covid-19, a situação da educação no nosso país se agravou ainda mais, pois as aulas online não foram capazes de suprir as necessidades dos nossos alunos da EJA e muitos não conseguiram ser alfabetizados e isso resultou na não aplicação daquilo que gostaríamos de ter trabalhado com mais afinco em sala de aula, porém, o pouco que conseguimos fazer com aqueles que estavam minimamente alfabetizados gerou resultados que podem servir como norte para muitos educadores além de nos levar a refletir sobre a importância da interação entre professores e alunos.

Provou-se que a escola presencial não pode ser substituída e que é importante estarmos em contato direto com nossos alunos. Nossa pesquisa gerou bons frutos que podem servir como incentivo não somente a nós, educadores, mas a todos aqueles que desejam que o sistema educacional valorize a modalidade EJA e procure trabalhar com suas potencialidades.

Estamos satisfeitos com os resultados do nosso aprendizado ao longo dos estudos e que mesmo diante de nossas limitações percebemos que podemos fazer muito mais por nossos alunos e por nossa prática educacional.

Até então, não acreditávamos que depois de tantos anos ainda era possível nos reinventarmos e fazer progressos diante de tantas limitações que acompanham os professores e professoras de todo país. Foi um processo de superação pessoal e coletiva, pois aprendemos mais do que ensinamos.

Aproveitamos para destacar a importância do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) para a formação dos educadores das escolas públicas de nosso estado, Ceará. O que aprendemos modifica nossa visão em sala de aula e cria perspectivas de que, com uma participação cada vez maior de educadores em salas de mestrado e doutorado, o ensino público de nosso Estado e de nosso país, principalmente no que se refere a Educação de Jovens e adultos, apontando que essa modalidade tem sua enorme importância e que vai resistir apesar da tentativa

constante de desmonte. Vamos continuar nossa luta pelo reconhecimento e valorização da EJA.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Silvia Leticia Martins de; e PAIVA, Rosemary Varela de. O Ensino de Língua Portuguesa na Perspectiva dos Multiletramentos e dos Gêneros Textuais: Possibilidades de (res)significação. IN: ABREU, S. L. M. de; DEL VECCHIO, R. C.; SILVA, S. N. A. da. **Práticas Empreendedoras na Educação** - É fundamental considerar a educação como um espaço de inovação e criatividade. V. 1. Fortaleza: Editora 3S Consultoria, 2022.

ANASTASIOU, Lea Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. **Estratégias de Ensino, Processos de ensino na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, V. 3. ed. Joinville, SC: UNIVILLE. 2004.

ANASTASIOU, Lea Graças Camargo; ALVES, Leonir Pessate. **Estratégias de ensino. Processos de ensino na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 9. ed. Joinville: Univille, 2010.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

AQUINO, M. M. de *et al.* O Papel do Pedagogo na Educação de Jovens e Adultos. IN: ABREU, Silvia Leticia Martins de; DEL VECCHIO, Rosângela Couras; SILVA, Sherida Nayara Alves da. **Práticas Empreendedoras na Educação**: É fundamental considerar a educação como um espaço de inovação e criatividade. V. 1. Fortaleza: Editora 3S Consultoria, 2022.

ARAÚJO, Júlio. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. São Paulo: Parábola, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Gêneros do Discurso**. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. *In*: MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005. p. 327-336

BARCELLOS, Valdo. **Formação de professores de Jovens e adultos**. 6. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

BOSCO, Francisco. **A vítima tem sempre razão?** Lutas identitárias e o novo espaço público brasileiro. São Paulo: Todavia, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** Teoria e prática da libertação. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Conferência ao vivo.** São Paulo: Loyola, 1983.

GHEDIN, Evandro; PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura:** teoria e prática. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

KOERICH M.S.; BACKES D.S.; SOUSA F.G.M.; ERDMANN A.L.; ALBURQUERQUE G.L. Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para a pesquisa qualitativa. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2009; 11(3): 717-23.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade. In: Dionísio, A. P; Machado, A. R; Bezerra, M. A. (org.). **Gêneros Textuais e Ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** Editora: Parábola, 2008.

MEDINA, Carlos Alberto. **Música popular e comunicação:** um ensaio sociológico. Petrópolis: Vozes, 1973.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, LUIZ GONZAGA. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico:** os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NEUBERGER, Rachel Severo Alves. **O rádio na era da convergência das mídias.** Cruz das Almas/BA: UFRB, 2012.

PAULA DE, Claudia Regina.; OLIVEIRA, MARCIA CRISTINA. **Educação de jovens e adultos.** Curitiba: Ibepe, 2011.

RIBEIRO, M; FERREIRA, Solenilde. **Oficina Pedagógica:** Uma estratégia de ensino-aprendizagem. Natal: EDUFRN, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROJO, Roxane; MOURA, EDUARDO. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Contexto, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Ana Lucia Silva **Letramentos de reexistência**. São Paulo: Parábola, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo; Cortez, 2011.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

## Anexos

### Anexo I

#### Atividade aplicada na EJA III

#### Música preta de periferia – As Músicas representativas do cotidiano

Em uma das aulas de língua portuguesa decidimos trabalhar o gênero letra de música com os alunos da EJA III. Estes ainda não se encontravam totalmente alfabetizados e apresentavam dificuldades em leitura e escrita. Seleccionamos alguns alunos que demonstraram interesse em participar do desafio de ler e interpretar as músicas que faziam parte do seu cotidiano. Conforme foi descrito em nosso relato, eles seleccionaram algumas canções que escutavam com frequência para que fossem apresentadas em sala.

Primeiramente fizemos uma sensibilização sobre a importância das escolhas de cada um e a necessidade de respeitar as múltiplas escolhas. Os alunos foram divididos em quatro equipes e ao longo de duas horas aulas dividimos as tarefas para que foram discutidas em sala.

Nas duas primeiras aulas falamos um pouco sobre o gênero e os alunos escolheram suas canções e sistematizaram como gostariam de apresentá-las. Nas duas aulas subsequentes eles falaram sobre suas escolhas e apresentaram suas canções e respostas ao questionário que propomos.

Questionário Aplicado nas quatro equipes:

- 1 – Qual artista você escolheu?
- 2 – O que motivou sua escolha?
- 3 – Qual música você escolheu?
- 4 – O que motivou sua escolha?
- 5 – Qual mensagem/ assunto da música escolhida?
- 6 – Qual a importância da música preta para as pessoas da periferia?

## Equipe 1

Música – Racionais MC's – Negro Drama

Compositores: Aivaldo Pereira Alves / Pedro Paulo Soares Pereira

Álbum: Nada como um dia atrás do outro

Ano: 2002

Nego drama

Entre o sucesso e a lama

Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama

Nego drama

Cabelo crespo e a pele escura

A ferida, a chaga, à procura da cura

Nego drama

Tenta ver e não vê nada

A não ser uma estrela

Longe, meio ofuscada

Sente o drama

O preço, a cobrança

No amor, no ódio, a insana vingança

Nego drama

Eu sei quem trama e quem tá comigo

O trauma que eu carrego

Pra não ser mais um preto fodido

O drama da cadeia e favela

Túmulo, sangue, sirene, choros e velas

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia

Que sobrevivem em meio às honras e covardias

Periferias, vielas, cortiços

Você deve tá pensando

O que você tem a ver com isso?

Desde o início, por ouro e prata

Olha quem morre, então

Veja você quem mata

Recebe o mérito a farda que pratica o mal

Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos

Não é conto nem fábula, lenda ou mito

Não foi sempre dito que preto não tem vez?  
Então olha o castelo e não  
Foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão do meus truta de batalha  
Eu era a carne, agora sou a própria navalha  
Tim-tim, um brinde pra mim  
Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria  
Mas não pode arrancar de dentro dele a favela  
São poucos que entram em campo pra vencer  
A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota  
Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota  
Entre as frases, fases e várias etapas  
Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Hum, nego drama de estilo  
Pra ser, se for tem que ser  
Se temer é milho

Entre o gatilho e a tempestade  
Sempre a provar  
Que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro  
Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto  
Eu visto preto por dentro e por fora  
Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates  
Falo pro mano que não morra e também não mate  
O tic-tac não espera, veja o ponteiro  
Essa estrada é venenosa e cheia de moiteiro

Pesadelo, hum, é um elogio  
Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu  
No clima quente, a minha gente sua frio  
Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil, fuzil

Nego drama

Crime, futebol, música, carai'  
Eu também não consegui fugir disso aí  
Eu sou mais um

Forrest Gump é mato  
Eu prefiro contar uma história real  
Vou contar a minha

Daria um filme  
Uma negra e uma criança nos braços  
Solitária na floresta de concreto e aço  
Veja, olha outra vez o rosto na multidão  
A multidão é um monstro sem rosto e coração

Hei, São Paulo, terra de arranha-céu  
A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel  
Família brasileira, dois contra o mundo  
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai  
Um bastardo, mais um filho pardo sem pai  
Hei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é  
Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu  
Lá também tem uísque, Red Bull, tênis Nike e fuzil  
Admito, seu carro é bonito, é, e eu não sei fazer  
Internet, videocassete, os carro loco

Atrasado, eu tô um pouco sim, tô, eu acho  
Só que tem que  
Seu jogo é sujo e eu não me encaixo  
Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval  
Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola eu tenho mil, mil fita  
Inacreditável, mas seu filho me imita  
No meio de vocês ele é o mais esperto  
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, oh, subiu  
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu  
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?  
Seu filho quer ser preto, ah, que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?  
Sente o negro drama, vai, tenta ser feliz  
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?  
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu ticket, quer dizer kit  
De esgoto a céu aberto e parede madeirite  
De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui  
Você não, cê não passa quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, oba  
Aquele loco que não pode errar  
Aquele que você odeia amar nesse instante  
Pele parda e ouço funk  
E de onde vem os diamante? Da lama  
Valeu mãe, negro drama (drama, drama, drama)

Aí, na época dos barraco de pau lá na Pedreira  
Onde cês tavam?  
Que que cês deram por mim?  
Que que cês fizeram por mim?  
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho?  
Agora tá de olho no carro que eu dirijo?

Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma  
Aí, o rap fez eu ser o que sou  
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay  
E toda a família, e toda geração que faz o rap  
A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar  
Anos 90, século 21, é desse jeito

Aí, você sai do gueto  
Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?  
Cê tá dirigindo um carro  
O mundo todo tá de olho 'ni você, morô?  
Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?  
É desse jeito que você vive, é o negro drama

Eu num li, eu não assisti  
Eu vivo o negro drama  
Eu sou o negro drama  
Eu sou o fruto do negro drama  
Aí Dona Ana, sem palavra  
A senhora é uma rainha, rainha

Mas aí, se tiver que voltar pra favela  
Eu vou voltar de cabeça erguida  
Porque assim é que é, renascendo das cinzas  
Firme e forte, guerreiro de fé  
Vagabundo nato!

Respostas:

1) Qual cantor / cantora você escolheu?

NEGRO DRAMA

MARK BROWN, RACIONAIS MEIN

2) Por qual música você o escolheu?

POIS QUE FALA UM POUCO SOBRE A FAVELA E A DESIGUALDADE.

3) Qual mensagem a música deixou?

QUE AS PESSOAS NEGRAS TEM MAIS DIFICULDADE DO QUE OS BRANCOS E O ESPERANÇO PARA NÃO SER O ÚNICO.

4) qual a importância da música na sua vida?

A MÚSICA NA MINHA VIDA É MUITO IMPORTANTE POIS - POR MEIO DELA POSSO SENTIR E EXPRESSAR MELHOR MEUS SENTIMENTOS.

5) Como a música pode nos ajudar?

AJUDANDO A CONHECEREMOS RITMOS E CULTURAS DIFERENTES POIS POR MEIO DELA VÁRIAS PESSOAS E PAVES CULTURAM SEUS RITMOS E SUAS CRENÇAS.

6) Como a Música pode aumentar a autoestima do jovem?

ESCRITANDO MÚSICAS MOTIVACIONAIS OU MÚSICAS QUE TEM NÓDUS COM HISTÓRIAS DE SUPERACÃO EM SUA LETRA.

01º) QUAL CANÇÃO, CANTOR VOCÊ ESCOLHEU?

x NEGRO ORAMA, MANO BLOWNY

x

02º) POR QUAL MOTIVO VOCÊ O ESCOLHEU?

x POR QUE FALA SOBRE A PENITÊNCIA

x E TAMBÉM É MUITO LINDA

03º) QUAL MENSAGEM A MÚSICA DEIXOU?

x NÃO CONFIAR EM NINGUÉM NAS AMIZADES

x QUE É TRAIÇÃO!

04º) QUAL A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA SUA VIDA?

x PARA FICAR ESPERTO NA RUA

x

05º) COMO A MÚSICA PODE NOS AJUDAR?

x PARA A PESSOA NÃO SOFRER FAZENDO SUAS

x RACISMO

06º) COMO A MÚSICA PODE AUMENTAR A AUTOESTIMA DO JOVEM?

x PARA SE SENTIR MELHOR COM A MÚSICA DA RIMA

x VIRIS DE SUO LADO E PAZ

1. Qual canção / cantor você escolheu?

x negro drama / manni brown

x

2. Por qual motivo você o escolheu?

x porque fala sobre a periferia e também

x é muito linda

3. Quem conseguiu a música deixou?

x não confia em ninguém nas amizades

x que é traição

4. Qual a importância da música na sua vida?

x para ficar aberto no vida

x

x

5. Como a música pode nos ajudar?

x Para os pessoas não sofrerem sozinho

x

6. Como a música pode aumentar a autoestima de quem?

x Para se sentir melhor que a música

x da uma vibe de sucesso e paz

x

01- qual a conexão/cantar voca local?   
 x negro de cima / mano brown

x

02- Por qual motivo voca local?   
 x Para que a musica e muita lig

x e algum

03- qual mensagem a musica dizas

x não confie em ninguém que e

x amizade e traiçao

04- qual a importancia da musica

x Para ficar triste no rua

x

05- como a musica pode nos ajudar

x para as pessoas na saude

x racismo

06- como a musica pode aumentar a autotimo da pessoa

x Para se sentir melhor que a musica

x da um jeito de pensar e fazer

Qual canção / Cantor você escolheu?

x megno Drama mono Bmerur

x

2] Por qual motivo você o escolheu?

x ~~megno Drama mono Bmerur~~ por que fala

x Sobre a Penitência E Também e muito linda

Qual mensagem a música deixou?

x Não Confio Em ninguém nas Amizades

x Que É Traição!

Qual a importância da música na sua vida?

x Dona Ficar Esperto Na Rua

x

x

Como a música pode nos ajudar?

x Para a Pessoa não Sofrer Racismo

x

x

Como a música pode aumentar a autoestima do favelado?

Para se sentir melhor que a música da uma vibe Re sucesso E Paz

1º) Qual canção / cantor você escolheu?

x Negro drama / mano brown

x

2º) Por qual motivo você a escolheu?

x porque a música é legal e deixa

x mensagens

3º) Qual mensagem a música deixou?

x não confiar em ninguém e nos amigos

x traidores

4º) Qual a importância da música na sua vida?

x para nos ajudar em momentos de

x periferia.

5º) Como a música pode nos ajudar?

x no leito de nos ajudar a falar

x coisas.

6º) Como a música pode aumentar o autismo de quem?

x falando sobre o racismo e outros

x coisas.

1º) QUAL CANÇÃO / CARTÃO VOCÊ ESCOLHEU?

\* NEGRO DRAMA / MANO GRAU

\*

\*

2º) POR QUAL MOTIVO VOCÊ O ESCOLHEU?

\* POR QUE FALA SOBRE A PERIFERIA E TAMBÉM É MUITO

\* LEGAL

3º) QUAL MENSAGEM A MÚSICA DEIXOU?

\* NÃO CONFIAR EM NINGUÉM QUE A AMIZADE É TRAIÇÃO

\*

4º) QUAL A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA SUA VIDA?

\* PARA FICAR ESPERTO NA RUA

\*

\*

5º) COMO A MÚSICA PODE NOS AJUDAR?

\* FICAR MUITO ESPERTO NA RUA NÃO CONFIAR EM NINGUÉM

\*

6º) COMO A MÚSICA PODE AUMENTAR A AUTOESTIMA DO JOVEM?

\* POR OS TOQUE É MUITO MASSA A MÚSICA É MUITO BOM

\* FALA SOBRE OS JOVEM OS AMIGOS TRAIÇÃO

\*

## Equipe 2

Música escolhida – Bença – Djonga

Compositores: Gustavo Pereira Marques / Paulo Alexandre Almeida Santos

Album: Leal

Ano: 2019

Me dá (e vai) vovô, vovô (e vai)

Me dê vovô (e vai), mamãe (e vai)

Vó, como 'cê conseguiu criar três mulheres sozinha

Na época que mulher não valia nada?

Menina na cidade grande, no susto viúva

E daquela cor que só serve pra ser abusada

Você não costurou só roupa, né?

Teve que costurar um mundo de trauma, abdicação, luta

Pra hoje falar com orgulho que essa família não tem vagabundo

Aprendi no seu colo

Tenha medo de quem 'tá vivo e respeito por quem 'tá morto

Ouvindo desde novo, 'cê já é preto

Não, não sai desse jeito, se não eles te olha torto

Fico pensando, uma cama pra quatro

Ditadura na rua e o frio que trinca o corpo

Onde mães fortes e generosas se criaram

O que é dos outro não é meu, mas o que é meu 'tá aí pros outro

Se precisar

Na macumba ela é foda

Dinheiro é pra quem precisa, aqui é só por caridade

Pensando tudo que 'cê passou nessa vida

E no fundo do seus olhos não consigo ver maldade

Vejo gente criando problemas

Pra competir quem sofre mais, porra, são covardes

Olhe pras suas nega véia e entenda

Que num é em blog de hippie boy que se aprende sobre ancestralidade

Vai e vai

Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai

Só não esquece de voltar pra

Vai e vai

Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai

Só não esquece de voltar

É triste ver que os moleque da minha quebrada

Não teve a mesma sorte que eu

Um pai presente, no país onde o homem que aborta mais  
 Vai entender, né?  
 Sua velha não te quer na rua por que ela presente  
 Não tive Max Steel, meu herói era ele  
 Meu jogador de futebol preferido era ele  
 E tudo que hoje eu faço pro meu filho  
 É pra que Jorge olhe pra mim como eu olho pra ele  
 Meu herói ainda é ele  
 Trampando desde os sete, man, às sete e meia  
 Tanto corre que faz sua rotina parecer piada  
 Rei de Wakanda, eu, príncipe Pantera Negra  
 Construimos um império sem precisar de grana ou arma  
 Irmão, você lembra de onde 'cê vem?  
 E quando você chegar lá  
 O que 'cê tem vai voltar pra de onde 'cê vem?  
 Ou 'cê nem sabe pra onde vai?  
 E esqueceu que lei das coisa, é clara, tudo que sobe uma hora cai  
 Esse disco é sobre resgate  
 Pra que não haja mais resquício na sua mente que te faça esquecer  
 Que você é o dono do agora  
 Mas o antes é mais importante que isso  
 Cara, seu trap é foda, só força  
 Rima no acústico eu respeito, só força  
 Se faz arte 'cê já é livre, só força  
 Mas nunca esqueça onde reside sua força  
 Então volte pras origens, é o colo de quem 'cê ama  
 Será que entende do que eu 'to falando?  
 Dessas coisa que deixa acesa a chama  
 E ela me disse assim

Vai e vai (que proteja toda a equipe) ganha esse mundo sem olhar pra trás (todos os fãs)

E vai (dê muita saúde, muita força, muita sabedoria) só não esquece de voltar pra, vai e vai

Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai (pra todos, lansã, Eparrei lansã, tome conta desses filhos)

Só não esquece de voltar

Que são todos filhos de Jesus, gemendo e chorando tem uma cruz

Que é o Pai, é o Filho e o Espírito Santo

Que Deus dê saúde a Gustavo pra poder continuar

Nesse lindo serviço maravilhoso que 'tá prestando pra todos nós

Em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo

Que Deus ilumine o caminho de todos.

Respostas:

01: qual canção / cantor você escolheu?

Nyanga - Benga

02: para qual motivo você escolheu?

porque fala sobre a favela

03: Qual mensagem a música deixou?

que qualquer pessoa da favela pode ter um bom futuro

04: qual a importância da música na sua vida?

ajuda a refletir e a esquecer a mente

05: Como a música pode te ajudar

na auto realização

06: Como a música pode aumentar a auto estima de quem

a música pode ter essa palavra que ajudam na emocional

01. QUAL CANÇÃO / CANÇÃO VOCÊ ESCOLHEU?

x BENSÃO / DJONGA

x

02. POR QUAL MOTIVO VOCÊ O ESCOLHEU?

x PORQUE ALÉM DA MÚSICA SE FAZ MUITO BOA

x PASSA UMA VIBE MUITO MASSA

03. QUAL MENSAGEM A MÚSICA DEIXOU?

x DE O QUÃO IMPORTANTE ERA O PAI NA VIDA

x DELE

04. QUAL A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA SUA VIDA?

x NÃO É TÃO IMPORTANTE, MAIS QUANDO ALGO

x ACONTECE NA MINHA VIDA EU ESCUO MÚSICA PARA ME  
SENTIR MELHOR

05. COMO A MÚSICA PODE NOS AJUDAR?

x QUANDO ESTAMOS TRISTE A MÚSICA NOS ACALMA

x

06. COMO A MÚSICA PODE AUMENTAR A AUTO ESTIMA DO

JOVEM?

x PARA SE SENTIR MELHOR AVE A MÚSICA DA UMA VIBE DE

BIENHO E PAZ.

1. Qual canção/cantor você escolheu?  
djonga / Bercão

2. Por qual motivo você o escolheu?

Além da música ser boa, ensina e a música tem uma vibe que diz o que o sente e é mesquível

3. Qual mensagem a música deixou?

Reza o quanto importante era o pai dele na vida dele

4. Qual a importância da música na sua vida?

Eu amo ouvir música, quando eu escuto sinto uma paz muito boa

5. Como a música pode nos ajudar?

Quando estamos tristes escutamos música para nos acalmar

6. Como a música pode aumentar a autoestima do jovem?

A música faz com que agente pare e comece a pensar sobre nós mesmos, e fazi agente bem da gente mesmo

1) Qual música / cantor que você escolheu

X DJONGA, BENÇA

X

X

2) POR QUAL MOTIVO VOCÊ O ESCOLHEU

X A VIDA NA FAVELA

X

3) QUAL MENSAGEM A MÚSICA DEIXOU

X QUALQUER PESSOA QUE MORAR NA FAVELA

X PODE TER UM FUTURO BOM

X

4) QUAL A IMPORTANCIA DA MÚSICA

~~MUSICA~~ NA SUA VIDA

X REFLETIR

X

5) COMO A MÚSICA PODE NOS AJUDAR

X AUTO-ESTIMA TRAZER PAZ E ESPERANÇA

X PERMANÊNCIA

X

6) COMO A MÚSICA PODE AUMENTAR A AUTOESTIMA

DO JOVEN

X TER DOAS PALAVRAS

X

X

01- qual canção/cantor você escolheu?  
djonga / Benção

02- por qual motivo você o escolheu?  
porque ele fala sobre a favela

03- qual mensagem a música deu para você?

☆ que as meninas do quebrado dele não tiveram a mesma sorte de ter um pai presente

04- qual a importância da música na sua vida?

ele é importante para mim por que ele me acalma e eu esqueço dos problemas.

05- como a música pode nos ajudar?

Pode ajudar quando a gente tá triste e quer sair da realidade.

06- como a música pode aumentar o autoestima do jovem?

a letra da música pode fazer ele não ter tanta insegurança

### Equipe 3

Música escolhida – Dona de Mim – Iza

Compositores: Liliâne De Carvalho / Arthur Magno Simões Marques

Álbum: Dona de Mim

Ano: 2018

Já me perdi tentando me encontrar  
Já fui embora querendo nem voltar  
Penso duas vezes antes de falar  
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Sempre fiquei quieta, agora vou falar  
Se você tem boca, aprende a usar  
Sei do meu valor e a cotação é dólar  
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho  
Mas não paro, não  
Já chorei mares e rios  
Mas não afogo, não

Sempre dou o meu jeitinho  
É bruto, mas é com carinho  
Porque Deus me fez assim  
Dona de mim

Deixo a minha fé guiar  
Sei que um dia chego lá  
Porque Deus me fez assim  
Dona de mim

Já não me importa a sua opinião  
O seu conceito não altera a minha visão  
Foi tanto sim que agora digo não  
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

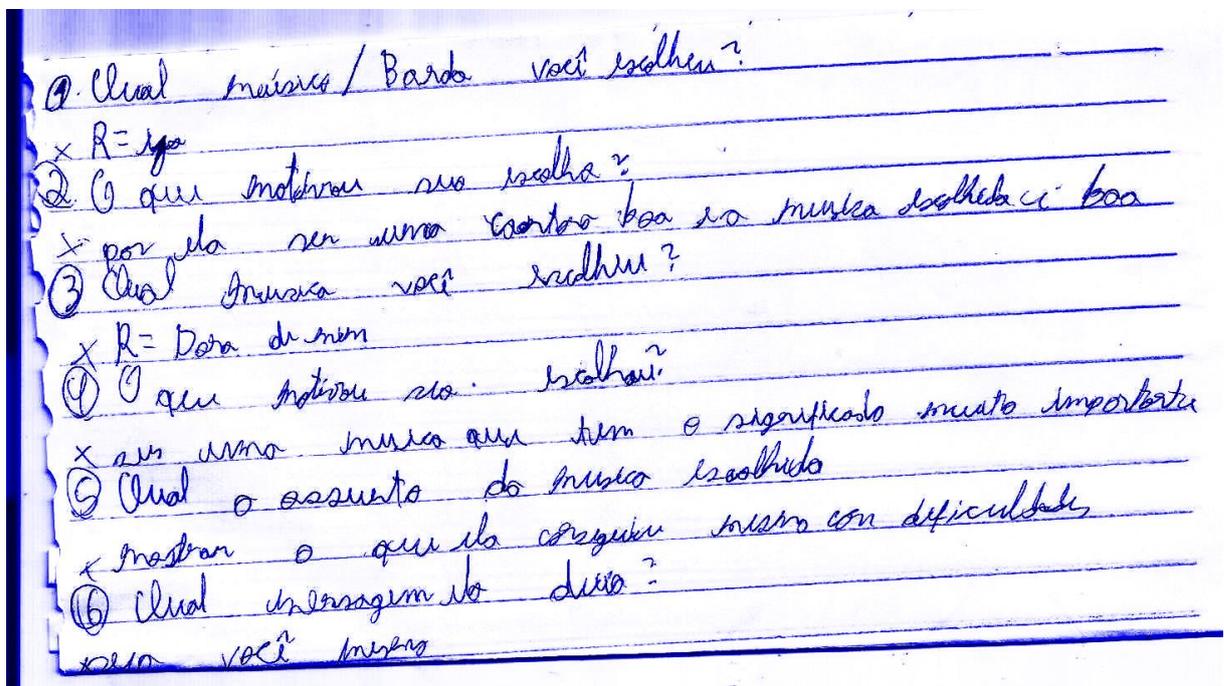
Quero saber sobre o que me faz bem  
Papo furado não me entretém  
Não dê limite que eu quero ir além  
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho  
Mas não paro, não  
Já chorei mares e rios  
Mas não afogo, não

Sempre dou o meu jeitinho  
 É bruto, mas é com carinho  
 Porque Deus me fez assim  
 Dona de mim

Deixo a minha fé guiar  
 Sei que um dia chego lá  
 Porque Deus me fez assim  
 Dona de mim

Respostas:



- 1- Qual cantor / cantora você escolheu?  
Afonso / Bemão
- 2- por qual motivo você o escolheu?  
por que ele fala sobre o favela
- 3- Qual mensagem a música deixou?  
que os Melhores da qual rock dele não tiveram o mesmo sorte de ter um pai
- 4- Qual a ~~esse~~ importância da música <sup>para</sup> na sua vida?  
Ela é importante para mim por que ela me inspira e eu esqueço dos problemas
- 5- Como a música pode nos ajudar?  
pode ajudar quando a gente tá triste e quer sair da realidade

- 6- Como a música pode ajudar a ~~se~~ superar o ~~se~~ problema de quem?  
A letra da música pode ajudar ele não só tanto inspirar

01. QUAL MÚSICO/BANDA VOCÊ ESCOLHEU?

\* IZA

02. O QUE MOTIVOU SUA ESCOLHA?

\* A ELA SER UMA MULHER RESPEITADA, QUE TEM MÚSICAS BOAS E COM UMA LETRA BOA.

03. QUAL MÚSICA VOCÊ ESCOLHEU?

\* "DOMA DE MIM"

04. O QUE MOTIVOU SUA ESCOLHA?

\* SER UMA MÚSICA QUE TEM UMA LETRA BOA, E QUE TEM UM SIGNIFICADO FORA DO COMUM.

05. QUAL O ASSUNTO DA MÚSICA ESCOLHIDA?

\* MOSTRAR A QUE ELA SE TORNOU MESMO COM DIFICULDADES.

06. QUAL MENSAGEM ELA DEIXA?

\* SEJA VOZ MESMO(O)

## Equipe 4

Música escolhida: Abre caminho – Baco Exu do Blues

Compositores: Diogo Alvaro Ferreira Moncorvo

Álbum: Esu

Ano: 2017

Dá-lhe licença êh, oh, dá-lhe licença

Dá-lhe licença êh, oh, dá-lhe licença

Ih, que que eu tô fazendo aqui?

Mais de sete dias sem dormir

Da lama ao caos, Nação Zumbi

Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui

Ih, que que eu tô fazendo aqui?

Mais de sete dias sem dormir

Da lama ao caos, Nação Zumbi

Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui

Abre o caminho, deixa o Exu passar

Abre o caminho, deixa o Exu passar

Dá licença deixa o karma da cena passar

Não entra na roda punk sem pedir pra Exu

Não entra no mar sem pedir pra lemanjá

Desrespeite a fé dos pretos, saiba porque eu sou Exu

Meus irmãos são mundos, vi vários rodar

Rezo pra que a morte me esqueça

Penso em minha mãe sempre que tentam me matar

Por isso a coroa nunca sai da minha cabeça

Oldisgraça está em todos os cantos

Somos reis e rainhas

Bebendo pra desgraça, fudendo pra desgraça

Foda-se, a vida é minha

Justiça é cega, vê tudo negro

Por isso todo culpado é negro

Todo morto é negro

Vocês são cegos

Meu som é o braille do gueto

É o baile do gueto

Por que tão cegos

Meu som, braille do gueto  
É o baile do gueto  
É o funk dos preto

Enquanto tiver vivo, será pretos no topo  
Fiz poetas no topo mas sou poeta com copo  
Meninas brancas guardavam celulares quando me viam  
Hoje tiram celulares para guardar uma foto

Tipo Tim Maia  
Preto clássico, embaçado, racional  
Eles querem ser James Bond  
Eu não morro antes de ser grande igual James Brown

Abre, abre, abre, abre o caminho (deixa o Exu)  
Abre o caminho, deixa o Exu passar  
Abre o caminho, deixa o Exu passar

Ih, que que eu tô fazendo aqui?  
Mais de sete dias sem dormir  
Da lama ao caos, Nação Zumbi  
Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui

Ih, que que eu tô fazendo aqui?  
Mais de sete dias sem dormir  
Da lama ao caos, Nação Zumbi  
Não foi pedindo licença que eu cheguei até aqui

Respostas:

01.- Qual música/Banda você escolheu?

Baco eeu do Blues

02.- O que motivou sua escolha?

admiro muito o trabalho do Baco, a forma de como ele creceu na música, ele e o talento dele merecem

03.- Qual -> Qual música você escolheu e isso.

Abre um caminho

04.- O que motivou sua escolha?

essa música, não é só uma simples música e uma realidade de uma obra de arte tudo que fala, racismo, a forma que ele

05.- Qual o assunto da música escolhida e creceu

racismo, a história do Baco, de o -> tudo que ele

passou para chegar até onde ele está.

06.- Qual mensagem ela deixa?

nunca devemos julgar as pessoas pela cor, religião,

se ela faz parte da comunidade LGBTQIA+, elas ainda

07.- Qual a importância da música de pessoas pretas <sup>continua sendo</sup> normal

para nós, da periferia? Baco é um artista preto

e gayoso, Iza é uma cantora preta e gayosa

Devemos ter orgulho por uma pessoa preta hoje em dia

1º Qual música/banda você escolheu?

- Baco em do blues

2º Qual a motivação sua escolha?

- Meus amigos me pediram para fazer de suas músicas seriam extremamente bons.

3º Qual música você escolheu?

- Abra o caminho

4º Qual a motivação sua escolha?

- Porque da fala sobre alguns sentimentos.

5º Qual assunto da música escolhida?

Fala sobre um pouco da vida do Baco, e que ele nasceu e lutou, fala também sobre sexo.

6º Qual mensagem da letra?

- Ela diz "motivação para os pobres, em que eles possam ficar no topo".

7º Qual a importância da música de pessoas pretas para nós, do Brasil?

- Eles passaram por o quanto que eles lutam contra os preconceitos e racismo, e a gente de não deixar.

01. Qual músico/Banda você escolheu?  
Baco ex do Blues

02. O que motivou sua escolha?

O que motivou minha escolha foi a história dele e também admiro o trabalho e talento dele.

03. Qual música você escolheu?

Abre caminho

04. O que motivou sua escolha?

O que me motivou é que a música fala e expressar.

05. Qual o assunto da música escolhida?

Fala sobre o preconceito que ele sofreu, como foi difícil chegar aonde chegou e também sobre a religião que ele segue.

06. Qual mensagem ela deixa?

A mensagem que ela deixa é que não importa quem seja você, se você conseguir se manter em pé, você consegue chegar aonde você quer.

07. Qual a importância da música de pessoas pretas para nós, da periferia?

A importância das músicas, é que não devemos julgar as pessoas pela cor.

1) Qual música (bando) voce escolheu  
boto elle debuer

2) O que notamos sua escolha?

parece ele e do bordo e verso de periferia e ja sabe  
muito realismo

3) Qual musica voce escolheu?

dire a cominto

4) O que notamos sua escolha?

e uma musica com muita critica e eu gostei muito  
de iron e sat e a letra e muito linda

5) Qual e o assunto da musica escolhida?

sobre as causas da periferia e a realidade

6) Qual mensagem ela deixa?

ele deixa uma mensagem contra o realismo e deturcado,  
tudo na pressa

7) Qual importancia da musica de pessoas pobres para

nos da periferia? porque alem de preta ser mo  
cos limpo eles ja sofreram muito nos estudos antigos  
e eles tem a mesma dificuldade que os brancos

8) Qual a mensagem da musica que voce escolheu

dire a cominto para o seu povo e uma musica  
da canto boto elle que sabe muito realismo  
e sabemos muito ele uso do periferia muito pobre  
e com uma oportunidade ele subiu as alturas  
para melhorar sua vida e jogar

## Anexo II

### **Oficinas: Música preta de periferia – Trabalho com a diversidade através do gênero Letra de Música preta e sua linguagem de Resistência**

#### **Situando:**

O ensino de língua portuguesa na modalidade EJA requer um olhar mais subjetivo e sensível no tocante às vivências e dificuldades enfrentadas pelos alunos que vivem em situações menos favorecidas e encontram no seu cotidiano problemas como o preconceito racial, a desigualdade socioeconômica, a falta de valorização da sua linguagem e a ausência de respeito a sua diversidade cultural. Pensando nisso propomos através do gênero letra música aproximar nossos alunos do texto através da interpretação voltada para assuntos que estão presentes em suas histórias de vida e de luta.

A escola é um dos lugares onde essa não aceitação da diversidade precisa estar cada vez mais presente através da mudança de paradigmas e da prática docente voltada para o social. Infelizmente nem sempre isso acontece e esse olhar mais apurado passa despercebido pela comunidade docente fazendo com que a aprendizagem fique limitada aos moldes que ainda não atendem as necessidades socioemocionais dos alunos e é através da música da periferia que desejamos alcançar nossos objetivos, aproximar cada vez mais o aluno do texto e fomentar a autoestima através da representatividade que as letras de música trazem para suas vidas.

Violência, preconceito, bullying, e autoestima baixa podem ser constatadas nos alunos da escola pública em todas as modalidades. Através da pesquisa e práticas exitosas procuramos transformar essa realidade e encontrar a chave que abre as portas da escola para todos que sintam-se contemplados nas aulas e nos textos utilizados, promovendo assim a leitura, a interpretação textual e a escrita satisfatória em cada série.

Estas oficinas buscam trazer a autoestima e a sensação de pertencimento e respeito que nossos alunos precisam adquirir para que dessa maneira sintam-se capazes e estimulados a lutar por seus direitos através da educação e da compreensão do mundo em que vivem.

## **OFICINA 1**

### **PÚBLICO ALVO:**

Alunos da EJA

### **CONTEÚDOS ABORDADOS:**

- Oralidade
- Escuta
- Interpretação textual
- Pensamento crítico

### **OBJETIVOS:**

- Analisar e compreender as músicas que circulam na periferia;
- Reconhecer as potencialidades de interpretação do gênero;
- Promover a autoestima e a diversidade através da leitura e interpretação textual

### **DURAÇÃO DA ATIVIDADE:**

- Quatros aulas de 50 minutos

### **RECURSOS UTILIZADOS:**

- Vídeo (Youtube)
- <https://www.youtube.com/watch?v=z34HcBcqTas> Letra da Canção Rap da Felicidade
- Caderno para anotações
- Caneta
- Lápis
- Borracha
- Cópia do texto

### **METODOLOGIA:**

#### **Primeiro momento:**

O professor separa o aluno em equipes deixando que eles se agrupem por afinidade e distribuem o texto “Rap da Felicidade”.

#### **Segundo momento:**

Os alunos vão assistir ao vídeo e pensar e refletir sobre os sentimentos que ele despertou em cada um.

**(O professor precisa deixar os alunos a vontade para que os sentimentos aflorem sem juízo de valor sobre o gênero e o vídeo escolhido)**

**Terceiro momento:**

Os alunos vão ler o texto silenciosamente e depois fazer uma leitura coletiva.

**Quarto momento:**

Cada grupo vai refletir sobre a mensagem da canção e discutir o que acharam e de que maneira se identificaram com a letra da canção. Após essa discussão os alunos serão convidados a organizarem suas equipes para que cada um possa falar sobre seus sentimentos e de que forma aquela canção os representa.

**(O professor deverá trabalhar a oralidade dos alunos na apresentação)**

**AValiação:**

Será processual e contínua e considerará a participação nas etapas da oficina e na oralidade e capacidade de se colocar perante os assuntos abordados na canção.

**Letra da Canção:****Rap da Felicidade**

Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar  
Fé em Deus, DJ

Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Mas eu só quero é ser feliz  
Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci (Han!)  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer  
Com tanta violência eu sinto medo de viver  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado  
A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado

Eu faço uma oração para uma santa protetora  
 Mas sou interrompido a tiros de metralhadora  
 Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela  
 O pobre é humilhado, esculachado na favela  
 Já não aguento mais essa onda de violência  
 Só peço à autoridade um pouco mais de competência

Vamo lá, vamo lá  
 Eu só quero é ser feliz  
 Andar tranquilamente na favela onde eu nasc (Han!)  
 E poder me orgulhar  
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Mas eu só quero é ser feliz  
 Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci, é  
 E poder me orgulhar  
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Diversão hoje em dia, não podemos nem pensar  
 Pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar  
 Fica lá na praça que era tudo tão normal  
 Agora virou moda a violência no local

Pessoas inocentes que não tem nada a ver  
 Estão perdendo hoje o seu direito de viver  
 Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela  
 Só vejo paisagem muito linda e muito bela

Quem vai pro exterior da favela sente saudade  
 O gringo vem aqui e não conhece a realidade  
 Vai pra zona sul pra conhecer água de côco  
 E o pobre na favela vive passando sufoco

Trocaram a presidência, uma nova esperança  
 Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança  
 O povo tem a força, precisa descobrir  
 Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui

Quero ouvir  
 Eu só quero é ser feliz  
 Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
 E poder me orgulhar  
 E ter a consciência que o pobre tem seu lugar, eu

Eu só quero é ser feliz  
 Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci (Han!)

E poder me orgulhar, é  
O pobre tem o seu lugar

Diversão hoje em dia, nem pensar  
Pois até lá nos bailes eles vem nos humilhar  
Fica lá na praça que era tudo tão normal  
Agora virou moda a violência no local

Pessoas inocentes que não tem nada a ver  
Estão perdendo hoje o seu direito de viver  
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela  
Só vejo paisagem muito linda e muito bela

Quem vai pro exterior da favela sente saudade  
O gringo vem aqui e não conhece a realidade  
Vai pra zona sul pra conhecer água de côco  
E o pobre na favela passando sufoco

Trocada a presidência, uma nova esperança  
Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança  
O povo tem a força, só precisa descobrir  
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui

Vamo lá, quero ouvir  
Eu só quero é ser feliz  
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar, é

Eu só quero é ser feliz  
Feliz, feliz, feliz, feliz onde eu nasci (Han!)  
E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

E poder me orgulhar  
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

**Compositores: Julio Cesar Seia Ferreira / Katia Sileia Ribeiro De Oliveira**

**Álbum: Eu só quero é ser feliz**

**Ano: 1995**

## OFICINA II

### PÚBLICO ALVO:

Alunos da EJA

### CONTEÚDOS ABORDADOS:

- Oralidade
- Escuta
- Interpretação textual
- Escrita
- Pensamento crítico

### OBJETIVOS:

- Analisar e compreender as músicas que circulam na periferia;
- Reconhecer as potencialidades de interpretação do gênero;
- Promover a autoestima e a diversidade através da leitura e interpretação textual
- Promover a escrita através de questões propostas

### DURAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Quatro aulas de 50 minutos

### RECURSOS UTILIZADOS:

Video <https://www.youtube.com/watch?v=DT CpXZ6rCzq> That's My Way (Ao Vivo no VMB)

- Caderno para anotações
- Caneta
- Lápis
- Borracha
- Cópia do texto

### METODOLOGIA:

#### Primeiro momento:

O professor separa os alunos em equipes deixando que eles se agrupem por afinidade e distribui o texto "That's my way".

#### Segundo momento:

Os alunos vão assistir ao vídeo e pensar e refletir sobre os sentimentos que ele despertou em cada um.

**(O professor deve perguntar aos alunos sobre a postura que os cantores tomam ao cantar a música, a forma como estão vestidos e como eles sentem-se ao estar**

**em uma premiação importante para música nacional onde assumem um lugar de destaque e representatividade)**

**Terceiro momento:**

Os alunos vão ler o texto silenciosamente e depois fazer uma leitura coletiva.

**Quarto momento:**

Cada grupo vai refletir sobre a mensagem da canção e discutir o que acharam e de que maneira se identificaram com a letra da canção. Após essa discussão os alunos serão convidados a organizarem suas equipes para que cada um possa falar sobre seus sentimentos e de que forma aquela canção os representa.

**(O professor deverá trabalhar a oralidade dos alunos na apresentação)**

**AVALIAÇÃO:**

Será processual e contínua e considerará a participação nas etapas da oficina e na oralidade e capacidade de se colocar perante os assuntos abordados na canção. Após esse momento eles responderão individualmente ao questionário proposto e aqueles alunos que quiserem poderão partilhar suas respostas.

**Questões propostas:**

- 1 – Qual o significado do título da canção que está em inglês apesar de toda a letra ser em português?
- 2 – Qual o assunto principal da canção?
- 3 – Quais características do povo preto da periferia são exaltadas na canção?
- 4 – Por quais dificuldades o autor/intérprete da canção passou até chegar ao sucesso?
- 5 – Qual a postura da polícia diante de um homem preto e pobre que mora na periferia? Quais sentimentos isso causa em você?
- 6 – Qual mensagem o refrão da música deixa para a comunidade que vive na favela?

**Letra da Canção:**

**That's my way**

Pelo chão, pelo amor, pelo sangue, pela cor  
 Fidelidade, lealdade em nome do Senhor  
 A minha amada, a minha família  
 E ao Nove de Julho  
 Que me mostrou a importância de eu 'tá no bagulho

A gente atira no escuro  
 Não escuta ninguém  
 Não adianta o sermão e a tempestade que vem  
 Não sei se tem alguma coisa a ver com o destino  
 Mas os problema são B.O. desde pequenininho  
 O rap é hino pra mim  
 Já estava escrito neguin'  
 Um baianinho assim  
 Que anda perto do fim

Sim  
 A nossa escola sempre é cara  
 O tempo é rei  
 Disso eu sei  
 O relógio não para  
 Cara ferida sara, mas na alma não tem cura  
 Na sua arrogância ou na sua humildade pura  
 Se segura o que te ofereço é muito bom  
 É força e poder dom através do som  
 Eu digo, cada degrau a gente aprende a sofrer  
 Viver, morrer, sorrir e a chorar  
 Chorar pelo passado  
 Pagar pelos pecados  
 Contando cada sombra no seu sonho atormentado  
 Acorrentado sei lá  
 Drogado se pá  
 Enfraquecido injustiçado se afogando no mar  
 Eu 'to lá  
 Lado a lado com fé no coração  
 Nem que pra isso eu amanheça dormindo no chão, mermão

That's my way and I go  
 Esse é meu caminho nele eu vou  
 Eu gosto de pensar que a luz do sol  
 Vai iluminar o meu amanhecer  
 Mas se na manhã o sol não surgir  
 Por traz das nuvens cinzas tudo vai mudar  
 A chuva abraçará e o berço vai abrir  
 A luz de um novo dia sempre vai estar  
 Pra clarear você  
 Pra iluminar você  
 Pra proteger  
 Pra inspirar  
 E alimentar você

Pra clarear você  
 Pra iluminar você  
 Pra proteger  
 Pra inspirar  
 E alimentar você

Revolução se aproxima se preparem  
 Pegue suas armas marcha apache é nunca pare  
 Encare a guerra de frente mesmo sendo ruim  
 Somos soldados e sobreviventes sempre até o fim  
 Olhe pra mim e veja o quanto eu andei  
 Envelheci, eis-me aqui nunca abandonei  
 Não quero seu um rei  
 Não quero ser um Zé  
 Só quero minha moeda  
 E a minha de fé  
 Axé comigo, na fé bandido  
 O gueto sempre tem na frente o inimigo  
 A polícia é racista mais do que ninguém  
 A favela entre o céu, o inferno, Jerusalém  
 Lamenta, aguenta e enfrenta a batalha  
 Violenta é a vida no fio da navalha  
 A falha mundial espiritual um fuzil  
 É um texto dantesco de Shakespeare titio  
 Você já viu sangue pobreza demais  
 Qual o valor verdadeiro pra se encontrar a paz?  
 Será que é fugir?  
 Será que é se esconder?  
 Ou será que é lutar, trabalhar e depois morrer?  
 Pode crer, veja você  
 Vários de elite  
 Na disposição, situação e no apetite acredite  
 Que você pode chegar  
 No fim do arco íris  
 E um pote de ouro encontrar

That's my way and I go  
 Esse é meu caminho nele eu vou  
 Eu gosto de pensar que a luz do sol  
 Vai iluminar o meu amanhecer  
 Mas se na manhã o sol não surgir  
 Por traz das nuvens cinza tudo vai mudar  
 A chuva abraçará e o berço vai abrir  
 A luz de um novo dia sempre vai estar

Pra clarear você  
Pra iluminar você  
Pra proteger  
Pra inspirar  
E alimentar você

Pra clarear você  
Pra iluminar você  
Pra proteger  
Pra inspirar  
E alimentar você

Pra clarear você  
Pra iluminar você  
Pra proteger  
Pra inspirar  
E alimentar você

Pra clarear você  
Pra iluminar você  
Pra proteger  
Pra inspirar  
E alimentar você

**Compositores: Aivaldo Pereira Alves / Anisio Alberto Barbosa De Oliveira /  
Jorge Mario Da Silva**

**Álbum: Edi Rock**

**Ano: 2013**

### **OFICINA III**

#### **PÚBLICO ALVO:**

Alunos da EJA

#### **CONTEÚDOS ABORDADOS:**

- Oralidade
- Escuta
- Interpretação textual
- Escrita
- Pensamento crítico

#### **OBJETIVOS:**

- Analisar e compreender as músicas que circulam na periferia;
- Reconhecer as potencialidades de interpretação do gênero;
- Promover a autoestima da mulher preta e a diversidade através da leitura e interpretação textual
- Promover a escrita através de questões propostas

#### **DURAÇÃO DA ATIVIDADE:**

- Quatro aulas de 50 minutos

#### **RECURSOS UTILIZADOS:**

- <https://www.youtube.com/watch?v=PWHKdDdjRE> Mina Negra Li
- Caderno para anotações
- Caneta
- Lápis
- Borracha
- Cópia do texto

#### **METODOLOGIA:**

##### **Primeiro momento:**

O professor separa os alunos em equipes deixando que eles se agrupem por afinidade e distribui o texto “Mina”.

##### **Segundo momento:**

Os alunos vão assistir ao vídeo e pensar e refletir sobre os sentimentos que ele despertou em cada um.

**(O professor deve ressaltar aqui as características físicas da mulher preta e o papel que ela tem na sociedade. Exaltar suas lutas e valorizar seus traços, seu**

**estilo e sua autoestima diante dos padrões de beleza estabelecidos que não contemplam a mulher preta)**

**Terceiro momento:**

Os alunos vão ler o texto silenciosamente e depois fazer uma leitura coletiva.

**Quarto momento:**

Cada grupo vai refletir sobre a mensagem da canção e discutir o que acharam e de que maneira se identificaram com a letra da canção. Após essa discussão os alunos serão convidados a organizarem suas equipes para que cada um possa falar sobre seus sentimentos e de que forma aquela canção os representa.

**(O professor deverá trabalhar a oralidade dos alunos na apresentação e explorar a importância da valorização da beleza negra tentando elevar a autoestima das mulheres pretas e considerando que todos devem se colocar contra o racismo)**

**AValiação:**

Será processual e contínua e considerará a participação nas etapas da oficina e na oralidade e capacidade de se colocar perante os assuntos abordados na canção. Após esse momento eles responderão individualmente ao questionário proposto e aqueles alunos que quiserem poderão partilhar suas respostas.

**Questões propostas:**

- 1 – Qual o significado da gíria “mina” e qual palavra dá origem a esse termo usado para se referir as mulheres na periferia?
- 2 – Qual o assunto principal da canção?
- 3 – Quais características da mulher preta da periferia são exaltadas na canção?
- 4 – Por quais dificuldades a mulher preta da favela tem passado e qual relação essas dificuldades se estabelecem claramente na canção?
- 5 – Como a leitura da canção pode contribuir para o aumento da autoestima da mulher preta?
- 6 – Quais características da mulher preta são exaltadas na canção?
- 7 – A partir da leitura do texto qual atitude a mulher preta da periferia deve assumir ao olhar-se no espelho e identificar seus traços físicos?
- 8 – Quando a canção diz “nem todo mundo quer te ver sorrir” a quais pessoas da sociedade o texto pode estar se referindo?
- 9 – De acordo com o texto qual o lugar que a mulher preta deve assumir na sociedade?
- 10 – Qual mensagem positiva o texto deixa para as mulheres pretas da periferia?

## Letra da Canção:

### Mina

Hoje eu acordei, me olhei no espelho  
 E ele me disse que eu tava tão linda  
 Botei aquele meu batom vermelho  
 Soltei o cabelo e fiquei mais ainda  
 Saí na rua e o Sol não parava de me olhar  
 Como se fosse o meu holofote particular  
 E até os passarinhos começaram a cantar  
 Anunciando a minha vinda  
 E eu só quero brindar a vida  
 Baby, hoje nada vai me impedir  
 De sorrir, de cantar, de beijar a sorte  
 Toda vez que eu a vir  
 E eu só quero brindar a vida  
 Sem ter com que me preocupar  
 E a cada amanhecer, o sol vai me dizer  
 Hoje é dia de brilhar

Mina, bota o seu melhor batom  
 Escolha o seu melhor som  
 Joga esse cabelo pro ar e deixa estar  
 E deixa estar, e deixa  
 Mina, não deixe ninguém te dizer  
 O que você pode fazer  
 Você que sabe o seu lugar e deixa estar  
 E deixa estar, e deixa

Nem todo mundo quer te ver sorrir  
 Nem todo dia o céu está azul  
 Você pode até não controlar a previsão do tempo  
 Mas ainda dá tempo de ser Maju  
 De ser sol como a América do Sul  
 Diva como Érika Badu  
 Líder como Winnie Mandela, quem manda é ela  
 Viemos pra quebrar tabu  
 Pois a riqueza de ser mulher  
 É a beleza de poder ser o que bem quiser  
 Então bota a melhor roupa e seu afro hair  
 O mundo é seu e não importa o que alguém disser  
 Só vai!

Mina, bota o seu melhor batom  
 Escolha o seu melhor som  
 Joga esse cabelo pro ar e deixa estar  
 E deixa estar, e deixa  
 Mina, não deixe ninguém te dizer  
 O que você pode fazer  
 Você que sabe o seu lugar e deixa estar

E deixa estar, e deixa  
Mina, bota o seu melhor batom  
Escolha o seu melhor som  
Joga esse cabelo pro ar e deixa estar  
E deixa estar, e deixa  
Mina, não deixe ninguém te dizer  
O que você pode fazer  
Você que sabe o seu lugar e deixa estar  
E deixa estar, e deixa

**Compositor: Fábio Brazza**

**Álbum: Raízes**

**Ano: 2018**